

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
Programa de Pós-Graduação em Teologia - Mestrado

EVALDO VICENTE

O AMOR NA PRÁTICA EM 1 JOÃO 3.16-18
Uma Resposta Aos Direitos Sociais Dos Excluídos

CURITIBA
2019

EVALDO VICENTE

O AMOR NA PRÁTICA EM 1 JOÃO 3.16-18

Uma Resposta Aos Direitos Sociais Dos Excluídos

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia – PPGT, Área de concentração: Análise e Interpretação da Sagrada Escritura, da Escola de Educação e Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Luiz José Dietrich

CURITIBA

2019

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central
Luci Eduarda Wielganczuk – CRB 9/1118

V632a
2019

Vicente, Evaldo
O amor na prática em 1 João 3.16-18 : uma resposta aos direitos sociais dos excluídos / Evaldo Vicente ; orientador: Luiz José Dietrich. – 2019.
1116 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná,
Curitiba, 2019
Bibliografia: f. 108-116

1. Bíblia. N.T. João. 2. Amor – Aspectos religiosos – Cristianismo. 3. Igreja e problemas sociais. I. Dietrich, Luiz José. II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Teologia. III. Título.

CDD 20. ed. – 226.5

ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO Nº. 171
DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE
EVALDO VICENTE

Aos vinte e seis dias do mês de março de dois mil e dezenove, às quinze horas reuniu-se na sala 6 de pós-graduação - Segundo andar da Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, a banca examinadora constituída pelos professores: Luiz José Dietrich, Vicente Artuso e Tércio Bretanha Junker, para examinar a dissertação do candidato Evaldo Vicente, ingressante no Programa de Pós-graduação em Teologia - Mestrado, no primeiro semestre de dois mil e dezessete. Linha de pesquisa: Análise e Interpretação da Sagrada Escritura. O mestrando apresentou a dissertação intitulada: "O AMOR NA PRÁTICA EM 1ª JOÃO 3.16-18 - UMA RESPOSTA AOS DIREITOS SOCIAIS DOS EXCLUÍDOS". O Candidato fez uma exposição sumária da dissertação, em seguida procedeu-se à arguição pelos Membros da Banca e, após a defesa, o candidato foi APROVADO pela Banca Examinadora. A sessão encerrou-se às 17:00 h ____ min. Para Constar, lavrou-se presente Ata, que vai assinada pelos Membros da Banca Examinadora.

Observações: É sugerido ao mestrando que faça uma revisão gramatical, da nomenclatura teórica e prática e especialmente uma ampliação do estudo do texto 3.16-18 para ligar o texto ao contexto socio-histórico.
O avaliador Professor. Dr. Tércio Bretanha Junker teve participação na banca de defesa de dissertação por videoconferência e está de acordo com os termos acima descritos.

Prof. Dr. Luiz José Dietrich
Presidente/Orientador



Prof. Dr. Vicente Artuso
Convidado Interno



Prof. Dr. Tércio Bretanha Junker - participação por videoconferência
Convidado Externo




Prof. Dr. Alex Vicentim Villas Boas
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia - *Stricto Sensu*

À minha amada família, esposa
Chayenne, e meus filhos, Emmanuel e
Sarah. Meus pais e irmãos.

AGRADECIMENTOS

Ao longo desse período em que estive como mestrando em teologia, foi um trabalho árduo, pois ao mesmo tempo fiz outro mestrado em Economia na UFPR, mudamos para Orlando e de lá para Boston, sendo um tempo de muitos desafios e renúncias. Registro a minha gratidão e felicidade pelas pessoas que estiveram ao meu lado durante a elaboração do presente trabalho, sem as quais, essa conquista seria impossível de acontecer.

Agradeço ao meu orientador, Luiz José Dietrich, por toda sua dedicação e experiência com que me aconselhou e que, juntamente com a CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, confiou em mim, concedendo-me bolsa de estudos parcial para a realização do mestrado.

À instituição Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR, que me recebeu tão carinhosamente, como uma mãe que abraça aos seus filhos.

À secretária e minha amiga do departamento de teologia: Cristina, que sempre me atendeu com profissionalismo e prontidão, esclarecendo as inúmeras dúvidas surgidas durante todo o processo de capacitação, inclusive quando fui aluno ouvinte.

Ao Prof. Dr. Agenor Brighenti, gratidão por me dar às boas-vindas a PUCPR. Um homem de Deus, que me inspirou em ter uma visão mais clara do Reino de Deus que está além da igreja templo.

Ao Prof. Dr. Alexandre Solano Rossi, homem de Deus, que nos desafia pensar fora dos padrões impostos.

Ao Prof. Dr. Frei Vicente, pela sua disposição e humanidade, que com carinho, me apontou os melhores caminhos a serem tomados, inclusive não desistir do Mestrado em Economia na UFPR.

Ao Prof. Dr. Marcial Maçaneiro, amigo e sempre humano, dotado de uma espiritualidade que cativa e inspira qualquer coração sedento de desejo por graça e conhecimento.

À Profa. Dra. Clélia Peretti, mulher forte e determinada que muito admiro e respeito.

Ao Prof. Dr. Alex Villas Boas, um amigo e exemplo de dedicação de conhecimento e firmeza de palavras.

Ao Prof. Dr. Marcio Luiz Fernandes, a qual me apontou os caminhos a serem tomados para este trabalho acadêmico.

Ao Prof. Dr. Carlos Mendonza, pelos ensinamentos profundos do Sul e o Norte.

Ao Prof. Dr. Tércio B Junker, exemplo de prontidão, aconselhador, que desde minha chegada à Methodist Church nos EUA, vem sendo bênção em minha vida e, com muita alegria, também compõe a banca de mestrado.

Aos meus amigos acadêmicos da PUCPR, Cleverton Epormucena e família amigos mais chegados que um irmão, Dr. Clóvis Torquato Jr, Luciano Betin, José Carlos Cruqui, ao Padre Maycon, ao Kevin Willian Kossar, à irmã Vera Lucia, a amiga Erica, a irmã Raquel e a todos os quais não recordo os nomes.

Ao meu amigo e pastor Josias Brepohl pela caminhada.

Ao meu Pai Darci Vicente, homem forte a quem amo e o admiro.

À minha amada mãezinha Ivone J. Vicente, razão de eu ser quem sou - mulher de oração e de reputação ilibada.

À minha irmã inspiradora e amiga Rita de Cassia Vicente e minha sobrinha filha Ana Júlia.

À minha esposa Chayenne G. Haragushiku, que é um absurdo de bênção em minha caminhada. A meus lindos e empolgados filhos Emmanuel e Sarah, que me apoiaram durante todo o processo e me incentivaram em toda a caminhada.

A Deus, meu melhor amigo que me ama e me acolheu me dando a oportunidade de me tornar seu filho. Que me dê força para prosseguir, sonhando e crendo que o melhor de Deus ainda está por vir, a Ele seja toda a honra, e glória e louvores para todo o sempre. Amém.

Nisto está o amor, não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou a nós, e enviou seu Filho para propiciação pelos nossos pecados. Amados, se Deus assim nos amou, também nós devemos amar uns aos outros.

(1 João 4.10 e 11)

RESUMO

O presente estudo analisa o texto bíblico de 1 João 3.16-18, que fala sobre o amor, que deveria ser a marca dos representantes da Igreja de Cristo. Procura então relacioná-lo com a situação encontrada nas comunidades cristãs de hoje. O que gerou o desenvolvimento deste tema foi a observação dos privilégios conferidos às pessoas de mais posses e a ênfase no enriquecimento, em detrimento da misericórdia para com o próximo, nas comunidades religiosas atuais. O trabalho visa defender a tese de que a mensagem do apóstolo é a resposta ao problema dos direitos sociais dos excluídos. Há que se transformar o discurso teórico sobre o amor ao próximo – o qual recebe pouquíssima ênfase nos púlpitos das igrejas cristãs – em uma ação prática e efetiva no que diz respeito ao socorro aos necessitados. O objetivo é tomar a exortação do texto joanino para demonstrar que há um amor teórico que só se concretiza quando é levado à prática do bem em favor do próximo, conforme o autor pretendia que acontecesse na comunidade joanina. Aqui se revela a dualidade entre a intenção de agir em favor do próximo e a ação concreta, motivada pelo amor. O amor como sentimento, afeição, é abstrato, e somente se materializa quando abandona o conforto pessoal e se move em socorro aos necessitados. Essa é a dualidade. Neste sentido, o amor-afeição não necessariamente caminha junto com o amor-ação. O foco da primeira carta de João é que se pratique o amor em todas as direções, tanto na afeição como na prática. O objetivo é demonstrar que o amor teórico-afetivo necessita expressar-se em atitudes. Assim, aqueles que representam a Igreja de Cristo precisam se dispor em serviço sacrificial ao próximo. O método utilizado neste estudo é a análise textual e a revisão de pesquisa bibliográfica. O que se percebeu como resultado do desenvolvimento deste estudo é que, embora o amor afetivo-teórico seja um aspecto dominante do discurso cristão, sua aplicação material no mundo é deficiente ou praticamente inexistente na atualidade. Ao que parece, essa tendência também se percebia na época em que o texto foi escrito. Espera-se que a presente pesquisa venha contribuir com o objetivo de conscientizar a comunidade religiosa quanto ao socorro aos necessitados.

PALAVRAS-CHAVE: AMOR PRÁTICO; COMUNIDADE JOANINA; E DESIGUALDADE SOCIAL.

ABSTRACT

The present study examines the biblical text of 1 John 3.16-18, that talks about love, which should be the mark of the representatives of the Church of Christ. Therefore, the purpose of the study is to relate with the situation found in the Christian communities today. What generated the development of this theme was the observation of the privileges conferred to people, with more possessions, and the emphasis on enrichment at the expense of mercy to the neighbor in today's religious communities. The work aims to defend the thesis that the apostle message is the answer to the problem of the social rights of the excluded. It's necessary to turn the theoretical discourse on the love of neighbor-which receives very little emphasis in the Christian churches pulpits a practical and effective action with regard to getting aid to those in need. The goal is to take the exhortation of the Johannine text to demonstrate that there is a theoretical love that only takes place when it is implemented the right in favor of the neighbor, as the author intended it to happen in the Johannine community. Here is revealed the duality between the intention to act in favor of the neighbor and the concrete action, motivated by love. Love as a feeling and affection, is abstract, and only materializes when abandons the personal comfort and moves aiding those in need. That's the duality. In this sense, the love-affection doesn't necessarily go together with the love-action. The focus of the first letter of John is to practice love in all directions, both in affection as in practice. The goal is to demonstrate that the theoretical and affective love needs to be expressed itself in attitudes. So, those who represent the Church of Christ need to demonstrate sacrificial service to others. The method used in this study is the textual analysis and review of bibliographical research. What is concluded as a result of the development of this study is that, although the emotional love is a dominant aspect of the theoretical discourse, your practical application in the Christian world is deficient or practically non-existent at present. Apparently, this trend was also perceived at the time the text was written. It is hoped that this research contributes in order to raise the religious community awareness to help the ones in need.

KEYWORDS: PRACTICAL LOVE; JOHANNINE COMMUNITY; AND SOCIAL INEQUALITY.

RESUMEN

El presente estudio examina el texto bíblico de 1 Juan 3.16-18, que habla del amor, que debe ser la huella de los representantes de la iglesia de Cristo. Así que, se busca relacionarlo con la situación encontrada en las comunidades cristianas de los días de hoy. Lo que ha generado el desarrollo de este tema, fue la observación de los privilegios conferidos a las personas con más posesiones y el énfasis en el enriquecimiento, en detrimento de la misericordia hacia el prójimo, en las comunidades religiosas actuales. El trabajo visa defender la tesis de que el mensaje del apóstol es la respuesta al problema de los derechos sociales de los excluidos. Es necesario cambiar el discurso teórico acerca del amor hacia al prójimo, – el que recibe muy poco énfasis en los púlpitos en las Iglesias cristianas – en una acción práctica y eficaz con respecto a la ayuda a los necesitados. El objetivo es tomar la exhortación del texto Juanico, para demostrar que hay un amor teórico que solo se realiza cuando es aplicado en favor del otro, de acuerdo con lo que el autor deseaba que ocurriera en la comunidad Juanica. Aquí está revelada la dualidad entre la intención de actuar a favor del prójimo y la acción concreta, motivada por el amor. El amor como sentimiento, afecto, es abstracto. Solo se materializa cuando abandona la comodidad personal y se mueve para socorrer a los necesitados. Esa es la dualidad. En este sentido, el amor-afecto no necesariamente camina junto al amor-acción. El enfoque de la primera carta de Juan es se practique el amor en todas las direcciones, tanto en afecto como en práctica. El objetivo es demostrar que el amor teórico-afectivo necesita ser expresado en las actitudes. Por lo tanto, quienes representan la iglesia de Cristo, necesitan disponerse en servicio sacrificial a los demás. El método utilizado en este estudio es el análisis textual y la revisión de investigaciones bibliográficas. Lo que se realiza como consecuencia del desarrollo de este estudio es que, aunque el amor afectivo-teórico sea un aspecto dominante del discurso cristiano, su aplicación práctica en el mundo es deficiente o prácticamente inexistente. Al parecer, esta tendencia también se entiende en la época en que el texto fue escrito. Se espera que esta investigación contribuya para la concientización de la comunidad religiosa en cuanto a la ayuda a los necesitados

Palabras clave: AMOR PRÁCTICO; COMUNIDAD JOÁNICO; Y LA DESIGUALDAD SOCIAL.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - QUADRO DE ANÁLISE DE 1 JOÃO 3.16-18.....	31
Tabela 2 - SUMÁRIO DOS RESULTADOS.....	78
Tabela 3 - ESFORÇO DE TRABALHO DOS POBRES, EQUIPARA-SE A CHANCE DELES TEREM UMA VIDA TÃO BEM-SUCEDIDA QUANTO A DAQUELAS PESSOAS NASCIDAS RICAS.....	79

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 HISTÓRIA DA PESQUISA EM 1 JOÃO 3.16	22
2.1 QUADRO DE ANÁLISE DE 1 JOÃO 3.16-18	32
2.2 ORIGEM DA COMUNIDADE JOANINA	40
2.3 AUTORIA, DATA E LOCAL DA REDAÇÃO DA PRIMEIRA CARTA	46
2.3.1 Autoria	49
2.3.2 Data.....	55
2.3.3 Local da redação da Primeira Carta Joanina	59
3 CONTEXTO POLÍTICO SÓCIO-ECONÔMICO E RELIGIOSO DA ÁSIA MENOR: ÉFESO NO FINAL DO PRIMEIRO SÉCULO	63
3.1.1 Contexto político e socioeconômico	65
3.1.2 Contexto religioso	69
4 O AMOR COMO RESPOSTA AOS DIREITOS SOCIAIS DOS EXCLUÍDOS NA COMUNIDADE JOANINA.....	83
4.1 DESIGUALDADE SOCIAL: DESAFIOS PARA O AMOR NA PRÁTICA – 1 JOÃO 3.16 -18	86
4.2 O PAPEL DA IGREJA NA SOLIDARIEDADE AOS NECESSITADOS	95
4.2.1 Comunidade Joanina: a prática do amor – 1 João 3.16-18	98
4.3 DIREITOS SOCIAIS: EXCLUÍDOS DA ATUALIDADE	101
5 CONCLUSÃO	104
REFERÊNCIAS.....	108

1 INTRODUÇÃO

“Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem!” (ARA)

Esta frase, expressada por Jesus enquanto se encontrava na cruz do calvário, traz à tona uma problemática do cristianismo atual.

A ausência da igreja (Corpo e representante de Jesus na Terra) no que se refere ao amor prático, manifestado em atos de serviço aos necessitados e carentes, a falta da vivência do evangelho de Cristo, expressado no Amor de Deus, que deu sua vida por amor as pessoas é, de longa data, motivo de reflexão e preocupação.

Desde há muito tempo se observa a existência de um amor teórico, um discurso que se limita a palavras. Inúmeras pessoas que estão em posição de liderança, em vez de se preocupar em realmente espalhar o amor de Jesus, pensam apenas em juntar bens materiais para si mesmos. Independentemente de credo religioso, portanto, significativa parcela dos líderes religiosos coloca interesses pessoais acima do cuidado pelo povo que lhes é confiado. Essa busca pelos bens materiais os deixa distantes do principal objetivo de Deus: trazer o seu reino de justiça e de amor. Justiça e amor que deveriam ser apresentados por aquela que é a representante visível de Cristo na Terra: o seu Corpo, a verdadeira Igreja.

Dentro deste contexto, o autor lembra que, quando era menino, veio do interior do Paraná, de família pobre e humilde e de pele escura. Várias experiências dentro da igreja lhe causaram frustração, ao perceber que privilégios eram dados àqueles que eram filhos dos líderes da comunidade ou aqueles que vinham de uma boa família, que dava bom dizimo na igreja.¹ Não é o que Jesus espera de sua igreja.

A mãe do autor, uma mulher que naquela ocasião fora abandonada pelo esposo, tinha que trabalhar para manter os três filhos com apenas as coisas mais básicas, para ter o que comer o que vestir e um teto sobre a cabeça. Desde que se firmou na igreja, sempre foi fiel a Deus nos seus dízimos e ofertas chegando ao extremo de algumas vezes, após separar o dinheiro do aluguel, o dinheiro para compra de mantimento do mês, água, luz e também o dízimo, ficar sem dinheiro para pegar o ônibus que a levaria no dia seguinte para o trabalho. Ainda que fosse

¹ Gráfico OXFAM. Pg. 89.

sempre fiel a Deus e à sua comunidade, alguns naquela igreja não sabiam nem o nome dela e nem suas lutas.

Passado este período, um milagre aconteceu e o marido voltou para casa, trazendo consigo um bom valor em dinheiro. Compraram então uma casa em um bom bairro de Curitiba e, como sempre, ela devolveu o dízimo em sua comunidade. Depois deste dízimo, ela se tornou conhecida na igreja. Experiências tristes como essa fazem concluir que inúmeros casos as pessoas apenas são amadas quando têm uma boa oferta para dar. As pessoas estão sendo avaliadas pelo valor que entregam e não pela fidelidade!

Comunidades que deveriam expressar a graça misericordiosa de Jesus tendem a se transformar em lugares de egocentrismo, onde o amor de Jesus, revelado em João 3.16² é reinterpretado por pessoas que continuam no centro de sua existência, que tiram Jesus de seu lugar de direito no trono, e se assentam em seu lugar, para receber o destaque. O conceito mais comumente pregado ultimamente declara que, uma vez que Jesus Cristo morreu por eles, então nesse amor eles podem ter tudo: as melhores roupas, saúde, prosperidade, bom casamento, os melhores filhos e, além de tudo, terem o nome escrito no Livro da Vida, isto é, ter a certeza que, após uma vida egocêntrica em que tudo existe para servi-los, vão ainda morar no céu.

Torna-se evidente e muito fácil de observar que realmente isto não é a essência de Deus, do seu amor por nós, provado pelo seu sangue derramado na cruz. Quando as comunidades que deveriam representar este amor sacrificial se rendem a esta distorção do Evangelho, o conceito de amor perde o sentido. Esta reinterpretação do amor é equivalente ao ato de pisotear o sangue de Jesus por meio de uma vida comunitária dissoluta. O discurso de amor jamais deveria ser acompanhado da expectativa de algo em troca, não deveria estar relacionado à lei da utilidade, que diz que uma pessoa somente é interessante quando tem alguma utilidade imediata ou tem qualquer outra espécie de valor para dar (dispor). Esse tipo de comportamento revela mentes egoístas, que se preocupam somente consigo mesmas.

² “Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu seu Filho unigênito, para que todo que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.” (ARA)

A título de exemplo, outro relato destaca um casal de empresários que fazia parte de uma igreja. Os dois empresários ajudaram a construir o templo com seus dízimos, com a venda de carros e até mesmo de terrenos que possuíam, para ajudar. Eles, mais tarde, passaram por uma forte crise financeira. Em busca de ajuda, chegaram ao seu líder e explicaram o que se passava. Disseram-lhe que estavam em atraso com o aluguel do estabelecimento onde funcionava a sua empresa e que estavam a ponto de ter a sua energia de luz cortada. Após compartilharem tudo com o seu líder, na esperança de obter ajuda prática, ouvem uma resposta superficial: “Sim, irmão, é difícil! Mas vamos orar...” após este momento, aquele casal passou a ser tratado na comunidade como pessoas sem importância.

Isto causa indignação! Situações como essas não são remediadas com meras palavras, e sim, com envolvimento prático. Era o momento de perguntar quanto eles precisariam para se reerguer, como poderiam ser ajudados de fato. Esse é o tempo em que a igreja, em vez de receber dinheiro, deveria dá-lo a quem precisa.

Situações como essa levam a uma reflexão séria sobre o que acontece dentro de várias igrejas. Enquanto aquele que frequenta determinada igreja tiver dinheiro, enquanto estiver bem casado e com saúde, será amado e respeitado. Porém, quando lhe faltarem estas coisas, será visto como um leproso e amaldiçoado. Este comportamento cada vez mais frequente em determinados meios cristãos é uma enfermidade resultante da pregação de uma teologia de prosperidade, que parece ter suas raízes fincadas na teologia da retribuição, encontrada no livro de Jó, pregada pelos três amigos do personagem. Estes insistiam que o sofrimento de Jó poderia ser fruto de pecado oculto. Com este tipo de pregação, o povo cristão tem se tornado insensível às necessidades de seus irmãos!

Se a situação em relação aos que estão ligados a uma determinada comunidade é esta, a situação piora em relação aos que estão fora do convívio do grupo.

A pregação moderna está apegada a uma interpretação distorcida de João 3.16, que diz que toda espécie de bens, facilidades e prazeres está garantida para os cristãos por causa do amor de um Deus que dá sempre e indistintamente. Filipenses 4.13 também é reinterpretado. Quando estes pregadores leem “Tudo posso naquele que me fortalece”, interpretam isso como uma garantia de que tudo

está ao alcance dos filhos de Deus. E esse tudo seria dinheiro, fama, saúde ou qualquer coisa que esteja em sua lista de interesses pessoais.

Basta um estudo aprofundado de textos como 1 João 3.16-18³ para que se levante a pergunta: “Será que as igrejas de hoje entendem este versículo?” Se elas entendem, então se levanta outra inevitável pergunta: “Por que esse princípio não é colocado em prática, não é vivido?” O amor, a atitude que Deus espera de seu povo, se revela em ações de amor, ao ponto de alguém dar (dispor) a sua vida, a sua existência e os seus recursos em benefício de seu próximo.

Este trabalho nasce do reconhecimento de uma estrutura de pensamento que ameaça o testemunho cristão do amor de Deus, que encontra sua expressão na teologia da prosperidade. Esta obra pretende analisar o que vários autores falaram a respeito de 1 João 3.16.

O amor, sob a perspectiva pragmática, é revelado em um Jesus humano, que se comunica com o próximo sem julgamento, juízo ou superioridade. Comunica-se como o Cristo que veio dar a sua vida em favor dos pecadores. Este amor prático revelado em Jesus destitui o preconceito. Sua ênfase está na demonstração da magnitude do Evangelho com atitudes inclusivas e amorosas, sem impor sua mensagem de boas novas. Ao agir desta forma, Jesus permite que o poder do Evangelho (as boas novas) possa realmente se manifestar.

A ênfase excessiva em uma racionalidade que não educa para a sensibilidade, para gestos solidários e o compromisso social não combate e talvez até contribua para o crescimento de problemas sociais tais como: individualismo, egocentrismo, materialismo, indiferença, consumismo, exploração e competição. Estas coisas tornam a sociedade fechada sobre si mesma, indiferente ao próximo. A secularização é um dos sinais mais evidentes de uma crise que afetou tudo.

Por trás das mudanças, existem forças que trabalham a história. A grande dificuldade que se apresenta nessa nova realidade é a acomodação ou inércia, resistindo à mudança ou defendendo-se com pequenos arranjos que não vão à raiz das questões. Impõe-se, pois, a necessidade de repensar conceitos e o próprio modo de entender nossa relação com Deus e com o nosso próximo. Ou seja, uma

³ Nisto conhecemos o amor: porque aquele dispôs sua vida em favor de nós. E nós também devemos dispor nossas vidas em favor dos irmãos. Quem então, tiver os bens do mundo, e vir seu irmão tendo necessidade e fechar o seu coração “ou entranhas” para ele, como permaneceria nessa pessoa o amor de Deus? Filhinhos, não amemos “meramente” de palavra nem com a língua, mas com ações e verdade. (1 João 3:16-18)

inversão radical na vivência e nos conceitos que corresponda a “levar a sério a absoluta primazia do Deus que nos criou e continua nos criando por amor; única e exclusivamente por amor” (QUEIRUGA, 2003, p. 16).

Este amor expressado por Deus, revelado em Jesus foi mais do que uma simples teoria. Isso pode ser percebido no presente tema, que irá ser abordado na presente pesquisa, onde o texto principal está localizado em 1 João 3.16. Para tanto, o objetivo do presente estudo é trazer uma reflexão de como nós, como comunidade religiosa, estamos negligenciando o amor ao próximo, tanto dentro da igreja como também aos necessitados que estão à margem da sociedade em extrema linha da pobreza.

Para tal objetivo, a presente dissertação será embasada em materiais tanto do método histórico gramatical como do método histórico crítico. Para tanto o método de interpretação das referências bíblicas do Novo Testamento partirá do texto grego, língua original em que foi escrita a obra neotestamentária. A análise da temática proposta será pautada nas investigações bibliográficas. Para informações gerais terá como base principal a obra de Brown (1999), intitulada “A comunidade do discípulo amado”. Mesmo sabendo da importância dos outros quatro escritos que levam o nome de João, as análises desses escritos não serão aprofundadas. A intenção é focar no texto da primeira Carta Joanina, em específico 1 João 3.16, buscando compreender o que seria um amor teórico e um amor prático segundo o contexto do presente versículo.

Nessa linha de raciocínio, o trabalho estará estruturado da seguinte forma:

No primeiro capítulo será abordada a história da arte ou história da pesquisa em 1 João 3.16, “Nisto conhecemos o amor: que Cristo deu a sua vida por nós; e devemos dar nossa vida pelos irmãos” (1 João 3.16). na vivência da comunidade Joanina

Portanto, esse método de pesquisa tem como objetivo analisar os pensamentos de alguns autores renomados, acerca do que pensam e como interpretam o presente versículo na primeira carta Joanina. Especificamente, essa história da pesquisa se aterá mais pormenorizadamente em compreender o que esses estudiosos entendem por “Cristo deu (dispôs) a sua vida por nós; e devemos dar (dispor) a nossa vida pelos irmãos”.

A ideia é procurar esclarecer a questão: Que tipo de amor ou que espécie de amor é este, que chega ao ponto de se doar pelo próximo, negando a própria vida?

Gundry (1998, p. 79) entende que esse tipo de amor geralmente surge na experiência com o Cristo cósmico, revelado na pessoa de Jesus de Nazaré. Essa experiência abre espaço para um amor não somente teórico, bem fundamentado, e sim, para o amor que se revela em uma sincera atitude prática.

Ainda no primeiro capítulo, no ponto 1.1, será apresentado um quadro de análise, para melhor poder compreender o texto de 1 João 3.16. Esse quadro analítico está estruturado da seguinte forma:

Primeiro estará exposto o texto de 1 João 3, em especial o versículo de número 16. Essa versão bíblica utilizada é da Bíblia (ARA) João Ferreira de Almeida. Logo abaixo do presente versículo estará exposto o texto grego do mesmo versículo. Esse texto grego foi retirado da 28ª edição de Nestle-Aland, renomados estudiosos Alemães dos textos bíblicos, editado por Barbara e Kurt Aland.

A seguir, abaixo do texto grego, o quadro de análise se divide em quatro blocos. No primeiro bloco estará exposta a “palavra e pronúncia”. No segundo bloco a “raiz e pronúncia”. No terceiro bloco a “análise gramatical” e por fim no quarto bloco a “tradução literal”.

Para a análise gramatical e para a tradução literal, foram utilizados os textos de Aland, Gomes, Oday Olivetti, também estudiosos do original grego. Não se abriu mão de um bom dicionário de grego do novo Testamento. Este estudo se baseará no dicionário do Grego do Novo Testamento de Rusconi (2003).

Por fim será apresentada uma proposta de tradução literal que melhor se aproxima do sentido original.

Finalizando o primeiro capítulo se dará início ao capítulo 2. Nesse ponto será abordada a problemática acerca da “origem da comunidade Joanina”. A ideia é que possivelmente, essa comunidade teve início no meio do movimento de João Batista. A reconstrução parte da probabilidade que um dos dois discípulos anônimos de João 1.37 pode ser um discípulo que mais tarde lhe devotaram o título de “o discípulo a quem Jesus amava”.

Possivelmente esse seguidor de Jesus, antigamente, fez parte do grupo de João Batista. Ao ter um encontro com Jesus, esse seguidor deixou de seguir o Batista para servir Jesus. Esse discípulo de João alcançou grande testemunho na comunidade, razão de ser fundada em homenagem ao seu nome a “comunidade do discípulo amado”. Esse seguidor de Jesus também foi conhecido mais tarde por “aquele a quem Jesus amava”.

O objetivo deste primeiro ponto, acerca da origem da comunidade do discípulo amado, é mapear os primeiros passos e as características dos primeiros grupos de cristãos que deram início ao movimento de João Batista. Essas características são essenciais para conhecer o primeiro núcleo original da comunidade Joanina e é imprescindível para entender todo o processo da sua tradição.

Ainda no capítulo 2, mais precisamente no ponto 2.1, a presente dissertação se preocupou em expor a questão da autoria, data e local da redação da primeira carta.

Se tratando da autoria da primeira Carta Joanina percebe-se o autor opta pelo anonimato. Alguns acreditam que esse anonimato ocorreu pelo fato de o autor ser conhecido na comunidade, o que dispensa qualquer justificativa do autor em defender sua autoria.

Será dito que, na visão de muitos pais da igreja, devotaram sua autoria ao mesmo autor do Evangelho e das Cartas, outros também atribuem à obra apocalíptica. Será dito que as Cartas Joaninas foram utilizadas pela primeira vez por um estudioso no ano 140, chamado Pápias. A problemática é que a atribuição da presente Carta a João data do século II.

Na metodologia de pesquisa serão consideradas as evidências internas e externas da carta. Tanto os fatores que levam vários autores a acreditar que o autor da obra seria o apóstolo João, com algumas pequenas divergências entre os autores. Dentre esses se destacam o historiador Eusébio de Cesaréia, Irineu e Pápias (HE, 3S.39.17). Contudo, a evidência interna e sua maioria aponta que a autoria pertença a alguém denominado de “o presbítero”. Esse não viu Jesus, sendo um dos colaboradores do apóstolo João, que foi uma testemunha ocular. A grande maioria dos teólogos mais conservadores acredita que foi João, o discípulo de Jesus, quem escreveu todas as obras que levam o nome de João, como, por exemplo, Richards (2008, p. 533).

Logo após a problemática da autoria, o presente tópico fechará demonstrando qual hipótese será adotada, que aqui se encaixa melhor no que foi apresentado por Brown (1999).

Em seguida será discutida a datação da obra, buscando situar o tempo em que foi escrita a primeira Carta. Neste ponto o texto se ocupará em mostrar duas hipóteses para se datar a obra. Na primeira hipótese está uma minoria de autores

que acreditam que a primeira Carta de João deva ser datada antes do ano 70 ou um pouco antes do quarto Evangelho. O principal argumento dessa hipótese seria porque a destruição do Templo de Jerusalém não é citada nas Cartas Joaninas.

A segunda hipótese acredita que a obra foi escrita após o Evangelho de João, por volta do ano 100. Entre esses autores estão Brown (1999), Konings (2005) etc. A ideia é que se o quarto Evangelho foi escrito por volta do ano 90, então a primeira Carta estaria representando a situação atual do movimento de Jesus, por volta do ano 100. Por fim, acerca da data, será tomada uma posição em qual época essa data melhor se encaixa.

No ponto 2.1.3, serão apresentadas o possível local em que foi escrita a primeira carta. Será proposto no presente trabalho que o local que melhor se encaixa possivelmente seja na Ásia menor, mais especificamente em Éfeso. Essa localidade é proposta por se encaixar mais precisamente no contexto proposto nas obras Joaninas e alguns escritos do Novo Testamento como a própria Carta de Paulo a Éfeso e aos Colossenses (BORTOLINI; BAZAGLIA, 2001, p. 25).

No capítulo três, o desafio será de expor o contexto político socioeconômico da Ásia menor, dando uma atenção especial a Éfeso. Será dada ênfase ao contexto que se deu a redação primeira Carta de João. Para tal será apresentado o contexto político da Ásia Menor, em específico, Éfeso no final do século I, por volta do ano 100.

Ater-se-á em mostrar algumas cidades economicamente mais em destaque na Ásia Menor, e que influências essas localidades tiveram na vida das comunidades cristãs. Será abordada a importância social e política que tiveram as sinagogas para a comunidade religiosa.

Em seguida será percorrida a situação dos judeus na diáspora e as esperanças que os levaram a migrar para uma terra desconhecida em busca de dias melhores. Será realizada uma análise resumida acerca do caminho percorrido pela comunidade Joanina da Palestina até o momento das expulsões das sinagogas, final do século I.

Logo em seguida coube a preocupação em apresentar o contexto social, político e econômico e que relação a primeira Carta tem com as demais Cartas Joaninas. A análise mostrará que a primeira carta de João transmite um ar de cidade para um ambiente já bem estruturado para a época. Nesse contexto se percebe que

as chamadas “*ekklesia*” estavam espalhadas pelas casas dos seus fiéis (BROWN, 1999, p. 102-103).

Será proposta que a primeira Carta foi uma espécie de tratado para recomendar às igrejas da segunda e terceira Carta, essas também estavam enfrentando problemas com aqueles que foram classificados como hereges. Essas Cartas, diferente da primeira, respiram um ar de campo, de regiões mais provincianas. A ideia é que esses hereges haviam se rebelado nas igrejas do centro principal e estavam se movendo em direção às comunidades dos campos. O autor da primeira Carta tem a função de alertá-los quanto aos rebeldes hereges, pois estavam praticando a obra do diabo, não afirmavam Jesus vindo em carne 2 João 7,10-11. (CARNEIRO, 2018, p. 1179). O líder principal da desordem foi alguém chamado de Diótrefes 3 João 3.9,10.

E por fim, no capítulo quatro, entrando no tema propriamente dito, será apresentada a temática do “amor como resposta aos direitos sociais dos excluídos na comunidade Joanina”. Nesse ponto, o presente trabalho procurará expor a situação de como os pobres e necessitados da comunidade primeira de João estavam sobrevivendo, e como a comunidade Joanina entendia o seguimento do Deus – Amor neste contexto.

A intenção é fazer um paralelo dos pobres dessas comunidades com a realidade de nossas comunidades na atualidade. O texto mostrará que os direitos dos menos favorecidos só serão cumpridos se a missão começar pela base principal de toda obra social, “o amor”.

No ponto 4.1, este é o coração principal de toda esta obra. A temática deste subcapítulo “desigualdade social: amor na teoria versus amor na prática” coloca em questão tudo o que verdadeiramente pensamos acerca da essência do sacrifício de Jesus. Esse sacrifício é muito bem representado pelo escritor do quarto Evangelho, em João 3.16, onde o texto comprova a tese de que Deus “amou o mundo”, amor, porém, revelado imediatamente na prática: , “deu seu próprio filho”.

Amor em palavra que não resulte em uma verdadeira prática não pode ser o distintivo do verdadeiro sacrifício de Jesus. “Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o sino que tine” 1 Coríntios 13.1.

Observando 1 João 3.17 e 18, a Igreja não pode fechar os olhos aos problemas reais próximos de nós, precisa-se mostrar a responsabilidade que a

mesma também tem. Os índices mundiais de pobreza e miséria crescem alarmantemente. Para tanto serão abordados relatórios da OXFAM Brasil que falam sobre a desigualdade social no Brasil, com dados recentes desta problemática - vendo o papel da Igreja diante dos necessitados e desafiando a mesma a pensar numa resposta para esses problemas. Na conclusão retomamos todas as abordagens, finalizando com um desafio para repensarmos individualmente e como comunidade sobre como responder a razão da esperança e do amor que há em nós.

2 HISTÓRIA DA PESQUISA EM 1 JOÃO 3.16

“Nisto conhecemos o amor: que Cristo (Aquele) deu a sua vida por nós; e devemos dar nossa vida pelos irmãos” (1 João 3.16).

Neste momento será observado o pensamento de alguns estudiosos e como estes teólogos interpretam o versículo de 1 João 3.16. O objetivo é analisar em alguns comentários como estes estudiosos da primeira carta Joanina interpretam a expressão “Cristo deu a sua vida por nós; e devemos dar nossa vida pelos irmãos”.

A intenção é procurar elucidar que tipo de “amor” seria este que se “doa” pelo próximo, sem esperar nada em troca. Procurará compreender o que de fato é “dar a vida” pelos nossos irmãos à semelhança do que Cristo fez por nós. Este amor que nasce através do conhecimento do Cristo é mais que uma teoria bem fundamentada (GUNDRY, 1998, p. 79).

A tese presente busca comprovar que esse amor se expressa na atitude e na prática do “dar”, sem esperar ser retribuído; fazer saber que a veracidade do amor se expressa no altruísmo. Como dito há pouco, estas são algumas das problemáticas a serem tratadas em alguns materiais de renomados autores.

O amor sempre será a principal essência da vida humana, pois é através dele que se mantém a ordem no mundo. Ao dizer-se “mundo”, intenta-se enxergar o real sentido de “mundo”, que é representado pela palavra grega “*kósmos*-cosmos”. Esta expressão é mais abrangente do que o globo terrestre em si, ela abrange tudo o que foi criado, incluindo tudo o que se move na imensidão azul.

Cosmo indica “ordem”, no sentido de organização, isso traz a ideia que tudo quanto o Divino criou teve como princípio um código de ética divino. Este código faz com que todas as coisas que foram feitas se respeitem mutuamente e obedeçam a certa ordem, uma organização. O ser humano racional deve ter em mente que tudo lhe foi confiado em suas mãos para que, desta forma, governe o mundo sob a base do amor. Por isso, quem se move no amor não escraviza, não mata, não suspeita o mal, não age inconvenientemente, não age com injustiça, tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta (1 Coríntios 13.4-7).

Não amar seu irmão ou o próximo é um sinal que esta pessoa está morta para a graça e conseqüentemente não está em comunhão vital com Deus.

O escritor Joanino intenta dizer que a melhor maneira de distinguir os bons cristãos dos maus se expressa por meio da caridade. O amor praticado é o sinal visível e a prova de que passamos da morte para a vida.

Para Salguero, o Jesus Cristo crucificado deve ser tomado como o maior exemplo de amor prático: aquele que se entregou tanto pelos seus amigos como pelos inimigos, e ainda de forma desinteressada. O autêntico amor de Jesus de Nazaré se expressou no seu sacrifício voluntário, cheio de fraternidade pela humanidade. Sua morte vicária foi apresentada pelo próprio Cristo como a verdadeira manifestação prática do seu amor.

Ao mesmo tempo em que a cruz é contraditória revelando atos de crueldade, para a comunidade Joanina, a cruz é um fato histórico que manifesta o ministério do amor. A exemplo de seu Mestre Jesus, a comunidade Joanina deve agir da mesma forma, ou seja, deve amar como ele amou.

Para Salguero, comentando 1 João 3.16, esse amor deve obrar a caridade para promover a vida e, se necessário, dá-la em troca pelos seus irmãos. Citando as palavras de Clemente de Alexandria, o autor acredita que o amor que se doa se expressa na atitude de se oferecer voluntariamente por alguém, como o Salvador fez por todos os seres humanos. Esse é o verdadeiro amor que se doa pelo próximo.

Para o estudioso o “dar”, não é somente o doar-se prático de forma física, porém também servir o próximo com seus bens espirituais, ou seja, socorrê-lo em suas necessidades básicas. A problemática interrogatória deixada pelo autor assim se expressa: “Sim, bem, se você não pode dar ‘dispor’ ao seu irmão as coisas supérfluas, como você vai dar sua alma ‘vida’ por seu irmão”? (BÍBLIA COMENTADA, 1965, pp. 225-227).

Alguns estudiosos, ao analisar 1 João 3.16, relatam que o presente versículo quer expressar que o amor é a evidência da vida, em vista disso vale dizer que a essência do amor é o próprio sacrifício. Esse amor é muito bem figurado na manifestação perfeita do amor de Cristo, que se fez humano, entregando-se à morte pelos pecadores (GUNDRY, 1998, pp. 243-243). Stott confirma e expressa que, da mesma forma que Cristo demonstrou seu amor pela humanidade, também os cristãos devem demonstrar pelo próximo.

Diferentemente do ódio, que é negativo e procura o mal do outro, como por exemplo, quando Caim matou Abel em vista de estar dominado pelo ódio. O amor

sempre será positivo e seu intento sempre promoverá a vida, pois seu objetivo é o bem do próximo. Por isso sacrifica-se a si mesmo.

Para o estudioso, João não está se referindo somente acerca do amor de Deus e sim do amor discutido no v. 16, de modo geral, ou seja, em todos os âmbitos da vida, inclusive o amor de Cristo em Deus. A expressão “ele deu a sua vida por nós”, é peculiaridade das obras de João, como pode ser percebido através dos seguintes versículos (João 10.11,15, 17,18; 13.37,38; 15.13).

Para Stott, o escritor Joanino, ao referir-se a “dar a vida pelos irmãos”, intenta dizer que este “doar-se a si pelo próximo”, é um despir-se de si, colocando sua vestimenta de lado, como bem expressa Paulo: “Mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens” (Filipenses 2.2).

Isto também pode ser visto no evangelho de João: “Levantou-se da ceia e, tomando uma toalha, cingiu-se. Depois deitou água numa bacia, e começou a lavar os pés aos discípulos, e a enxugá-los com a toalha com que estava cingido” (João 13.4-5).

A vida do ser humano sempre será seu patrimônio mais precioso. E tirá-la é o maior pecado que se pode cometer contra o homem. Na torá, o homicídio é um dos mandamentos de proibição da segunda tábua da lei. Para Stott, 1 João 3.16 é uma representação clara do que realmente Deus quer do humano, onde o “dar” a vida em doação ao outro é a maior expressão do amor de Deus em Cristo João 15.13, Romanos 5.6-10.

Para Stott, o amor “ágape” é um verdadeiro autos sacrifício, onde o amor é o sincero impulso do dar. Para o estudioso, o sacrifício vicário de Cristo não é somente uma revelação de amor para admirar, mas, sim, também para tomar esta prática de Cristo como exemplo. Se o amor humano se escuda somente em teoria é apenas uma ostentação vazia. Na visão do autor, todos os que pertencem a Cristo têm o dever de andar como ele andou, tomando seus exemplos (STOTT, 1982, pp. 123-124).

Para o presente autor, o escritor Joanino, ao referir-se ao amor que se doa, intenta fazer apontamentos à sua comunidade. Esses apontamentos, que na verdade são alerta quanto à fé, são necessários para descobrir os falsos discípulos na comunidade. Também esses servem para demonstrar como a comunidade deve descobrir e saber se estão na verdade.

O primeiro alerta é a afirmação de Jesus ser o filho de Deus. Quem negar isto não é de Deus (1 João 3.23; 5.5,10-13). O segundo alerta afirma que Jesus veio em carne. Aquele que nega esta verdade é o anticristo (1 João 1.5,6; 2.23; 3.5,9). E o terceiro alerta diz que a verdadeira comunhão é provada através do amor prático, ou seja, o amor que se doa (1 João 4.7-21).

Para Hale (1983) o escritor Joanino desejava expressar que a comunidade tivesse cautela contra os falsos profetas, cheios de teoria. A carta ainda alerta que os irmãos deveriam ter alguns critérios positivos através dos quais pudessem ter convicção de sua relação com Deus.

Dentre alguns critérios apresentados pelo autor, os que se destacam são pelo menos dois: Primeiro: esses critérios poderiam ser observados se o fiel a Jesus andava verdadeiramente na luz (1 João 1.7; 2.3-6). Em segundo, se suas práticas de caridade evidenciam o amor a Deus e aos irmãos (2.9-11; 3.10,15-16; 4.7,20; 5.1,2), (HALE, 1983, p. 303).

De acordo com os autores Josep Oriol Tuñi e Xavier Alegre (1995, p. 180), o que está em questão na primeira carta de João, em específico em 1 João 3.16, são os separatistas. Estes estavam afirmando na comunidade que haviam alcançado uma forte comunhão e uma estável piedade com Deus, por isso não tinham necessidade de cumprir o exemplo deixado por Jesus.

Uma de suas afirmações principais era que amavam a Deus (4.20) e, na posição que se encontravam diante de Deus, não lhes era necessário demonstrar o amor pelo próximo. “[...] afirmam estar em íntima comunhão com Deus, ser iluminados e livres do pecado. Por isso, não se desempenham no amor ao próximo e na prática da justiça (4,20-21)” (NAKANOSE; MARQUES, PRELO).

Esse grupo não considerava o amor ao irmão importante. O amor que membros do grupo expressavam era somente teoria, ou seja, frases e palavras. Desconsideravam que o amor deveria ser representado através das obras, que é o fruto da verdade (1 João 3.18), desconsideravam o amor prático.

Para Tuñi e Alegre (1995), isto não significa que os separatistas não tinham uma doutrina ortodoxa do amor. A problemática é que os mesmos achavam que não tinham necessidade de traduzir o amor em atitudes e prática, somente em falácias.

Para os autores, os separatistas se mostravam puramente individualistas e expressavam a comunhão somente com seus grupos seletos. Diziam que amavam a Deus e aos irmãos, porém isto não era representado através de atos solidários para

com os irmãos da comunidade. Este grupo, por se achar melhor que os demais, discorda da doutrina da comunidade. Em vista disto, separara-se da comunidade, pois esta exigia que toda teoria fosse transformada em práticas (TUÑI; ALEGRE, 1995, pp. 180-181).

De acordo com Raymond Edward Brown (2002), o autor Joanino, ao começar sua epístola, proclama sua mensagem utilizando a linguagem da luz com a linguagem do amor que se doa. Como por exemplo, o autor apresenta a figura de Caim, 1 João 3.15. Nesse texto bíblico, prova que o ódio é uma forma de assassinato, razão pela qual Caim matou seu irmão Abel.

O amor é o grande sinal que provará se, de fato, a pessoa saiu de Deus, que promove a vida ou de Satanás, que promove o reino da morte. Outro exemplo expressado pelo autor é a figura de Judas, o homem de Iscariote. Quando Satanás entrou em Judas, o mesmo traiu a Jesus, que, como resultado, fez com que Jesus fosse condenado à morte.

Porém Jesus venceu a morte, após ter entregado sua vida voluntariamente e a receber de novo. Para Brown, esta é a forma do verdadeiro amor que se doa, é um supremo exemplo de amor. Se alguém deseja segui-lo deve amar não somente pela teoria, mas, sim, também pela prática.

Cristo foi o oposto do amor teórico e sua maior prova de amor pela humanidade é representado no seu sacrifício vicário. Da mesma forma deve-se dar a vida pelos irmãos. No pensamento de Brown, uma das maneiras de doar-se pelos irmãos implica em que os que têm recursos devem socorrer aos necessitados. O autor observa que na comunidade havia aqueles que eram bem abastados, “os cismáticos.” Estes estavam cerrando o coração e abandonando aos seus irmãos pobres.

Estes ricos, à semelhança “dos judeus”, são comparados com o “mundo”, são opressores, avarentos e não cumprem o verdadeiro amor de Jesus, que é o dispor-se em favor de seus irmãos (1 João 2.19). Ao que parece, o escritor Joanino vincula sua primeira carta ao quarto Evangelho. Isso é para trazer-lhes a consciência que devem guardar o mandamento de amar aos outros, como se vê nos versos que se seguem: (João 14.15,21; 15.12,17; 1 João 3.19-24).

Aquele que ama a Deus também guarda o seu mandamento, porque o mesmo ensina a prática do amor no socorro aos pobres. Esses versículos refletem

muito bem a ideia acerca dos gnósticos que propagavam que aquele que atingiu um alto nível de conhecimento não teria a necessidade de demonstrar um amor prático.

Para Brown, a diferença entre os filhos do amor e os falsos propagandistas do amor se revela exatamente através da fé que é praticada por meio do amor pelo próximo. O verdadeiro amor vai além da teoria e da retórica de amar, pois “pelos frutos os conhecereis” - o fruto demonstrará se a fé é teoria ou prática (BROWN, 2002, p. 507; BROWN, 2010, p. 188).

De acordo com Craig S. Keener (2004, p. 762-763), nesta mesma linha de pensamento, o estudioso Keener, em seu comentário bíblico do Novo Testamento, é da opinião que o texto de 1 João 3.16 é um alerta aos fiéis leitores de João. O escritor da primeira Carta está antecipando a possibilidade de haver futuras perseguições e mortes na comunidade.

Para o presente autor, nesta época muitos cristãos se recusaram a participar do culto ao imperador. Isso os rotulou como resistentes e subversivos. Os inimigos da comunidade de João viram nessa resistência uma oportunidade para os entregarem ao império caluniosamente.

Geralmente, um prisioneiro que não era cidadão romano sofria penas mais duras como resultado de sua rebeldia. Em se tratando dos cristãos, parece que estavam pagando um alto preço por não querer denunciar ou entregar seus irmãos cristãos. Em vista disso eram torturados. Mesmo diante de tantas violências, pelo que se sabe, ainda assim não haviam muitos martírios e, sim, mais torturas (Apocalipse 2.13).

Nesta época da escrita da primeira carta Joanina, muitos seguidores e seguidoras de Jesus haviam se desligado ou se rebelado contra a comunidade. Isto ocorreu porque talvez não suportassem as perseguições “dos Judeus”, e “do mundo”. “O mundo”, em João, representa o império romano e todos que denunciavam e perseguiam a comunidade Joanina, podendo inclusive incluir autoridades e grupos judaicos.

Além dos conflitos internos por causa da diversidade de grupos existentes na comunidade (judeus tradicionais, samaritanos, gregos etc.), enfrentou forte oposição dos judeus fariseus e do império romano: “O mundo odeia e persegue vocês” (Jo 15,18-16,4), (NAKANOSE; MARQUES, PRELO).

Ao que parece, no contexto do verso 16, João estava responsabilizando os que saíram da comunidade pelas perseguições e mortes de seus irmãos. A falsidade e desejo homicida dos rebelados contra a comunidade são representados pela figura de Caim que não suportou a rejeição e matou seu irmão Abel: “o autor da primeira carta de João afirma que quem odeia o irmão é “homicida”, porque o ódio está no princípio do pensamento e da ação do mundo do Maligno que provoca preconceito, discriminação, exploração, opressão e morte” (NAKANOSE; MARQUES, PRELO).

Na visão de Keener sobre 1 João 3.16, a respeito do amor que se doa e se sacrifica pelo outro, significa que um verdadeiro cristão deve viver sacrificialmente em defesa do outro, e isto todos os dias. Em vista disso o escritor Joanino exige de sua comunidade de fé um compromisso prático de amor presente, como expressa um pensamento judaico: “negar-se a ajudar alguém necessitado seria equivalente a deixá-lo morrer de fome”. Keener (2004, p. 762-763),

Quase em toda literatura antiga e principalmente bíblica, “palavra” e “obra”, são inseparáveis (ver Tiago 2.15), de maneira que aquele que viesse praticá-las juntas se tornaria louvável. Porém o que falasse e não agisse era visto como um “hipócrita”, perante a sociedade. (KEENER, 2004, p. 762-763).

Segundo Simon J. Kistemaker (2006, p. 414-416), para o presente autor, em 1 João 3.16 o escritor Joanino não está tirando ilustrações do cotidiano para explicar o tipo de amor de Deus exige do fiel, como era no caso das parábolas que geralmente tinham a ver com o dia a dia da cultura da época.

Na visão desse estudioso, o exemplo do amor que se entrega parte de um exemplo supremo, a saber, o exemplo de Jesus de Nazaré. Mesmo em vista dos seus adversários o odiarem, ele deu a sua vida por todos, de livre e espontânea vontade.

Esse amor que se doa pelo outro, na visão de Kistemaker (2006), demonstra uma instância maior que estar disposto a dar, é uma obrigação moral que pode ser representada pelo termo “devemos”. Em vista dessa obrigação moral, o escritor Joanino exemplifica sua ideia do que seria amar e se doar pelo próximo. “Assim como Jesus estende seu amor dando sua vida, da mesma forma os cristãos devem expressar o amor de Jesus pelos crentes dispondo-se a dar sua vida por eles”.

Com estas palavras Kistemaker quer dizer que todo cristão deve demonstrar seu amor, custe o que custar, “até mesmo a ponto de arriscar a vida”. Esse é o verdadeiro amor, que se doa a si mesmo pelo bem do outro, é uma necessidade

moral que põe em risco até a própria vida. Para o estudioso, a expressão “ὀφείλομεν-opheilomen” que vem do radical “ὀφείλω-opheilô” (“devo”). É uma necessidade moral que resulta em uma necessidade prática, ou seja, uma necessidade física.

Na visão do autor, esse amor que se dá a outrem é teoria e prática trabalhando em conjunto. “nisto conhecemos o amor” é a teoria e “devemos dar a vida pelos nossos irmãos” é a prática. O dar a vida aqui, não necessariamente indica morrer, porém, se preciso for, ir até as últimas consequências para salvar uma vida (KISTEMAKER, 2006, pp. 414-416).

Segundo Howard I. Marshall (2007), o referido autor rebate a ideia de alguns estudiosos que veem diferenças no sacrifício de Jesus expressado no quarto Evangelho do sacrifício da primeira carta Joanina. O estudioso faz um paralelo do sacrifício de Jesus apresentado no quarto Evangelho com o que é apresentado na primeira carta de João. Da mesma forma que no quarto Evangelho, a morte de Jesus é uma real expressão do seu amor pela humanidade, isso também pode ser observado na primeira epístola (1 João 4.10). Para o estudioso, tanto no Evangelho como na carta Joanina o sacrifício de Jesus, acerca do doar-se a si mesmo e derramar o seu sangue, em ambas são significativos, mesmo que os motivos sejam desenvolvidos de formas diferentes.

O autor observa que, na primeira carta Joanina, a ênfase principal recai sobre a morte sacrificial de Jesus (1 João 1.22; 4.10). Nessa carta, Jesus é o responsável por carregar nossos pecados (1 João 3.5). O resultado disto é que Jesus entrega sua vida pela humanidade de forma prática (1 João 3.16), (MARSHALL, 2007, pp. 490-491).

Segundo Richards (2008), na visão do presente autor, o termo usado para expressar o “amor”, é a palavra grega “ágape”, ou seja, é um tipo de amor que geralmente é voltado para indicar o amor para as coisas concernentes a Deus. Seu tempo verbal se encontra no substantivo acusativo feminino singular, no versículo em foco, em 1 João 3.16. Percebe-se que esse amor que se doa pelo próximo é um ato de generosidade e misericórdia manifestado de forma prática. Esse amor prático se expressa através de atitudes simples, como o estender as mãos ao que necessita de ajuda. Isso é entendido pelo autor como a verdadeira compaixão. Para Richards, o que prova que temos a presença interior de Deus é o amor prático de um espírito caridoso que se doa pelo próximo (RICHARDS, 2008, p. 538).

O contrário também se percebe na figura dos separatistas. Esses eram os que “cerravam o coração”, não tinham e nem expressavam piedade pelos irmãos, pois estavam longe do amor de Deus. Para o estudioso, o escritor Joanino coloca a comunidade em prova. Como saber se realmente passaram da morte para a vida? A resposta estava no “amor” aos irmãos (1 João 3.14).

Estender a mão e não apontar. Mesters e Orofino concordam com essa mesma linha de pensamento. Afirmam que a questão do verdadeiro amor que se doa está ligada à comunhão com Deus e com Jesus. Os autores são da opinião de que a discussão do verdadeiro amor prático se deu em vista da influência dos grupos gnósticos, os quais se afirmavam “a gnose” (o conhecimento). Esse movimento pregava que a comunhão com Deus se dava através do conhecimento teórico, místico, secreto, reservado apenas para os iniciados. Para eles, a prática concreta da fé não tinha valor algum. Os que pregavam essa teoria do conhecimento diziam que a salvação se dava no momento de uma instrução superior (MESTERS; OROFINO, 2018, p. 8).

Essa corrente do conhecimento, que desprezava a caridade e o amor prático, afirmava que o conhecimento é a via que traz a salvação. Em vista dessas ideias é que o escritor joanino reprovava tal atitude. O autor da primeira Carta quer expressar, no verso 16, que o verdadeiro amor em Deus exige gestos e uma vivência que se concretiza no ato de partilhar e compartilhar.

Alguns membros, sobretudo os homens mais destacados e poderosos da comunidade, deixam de seguir o evangelho de Jesus Cristo, o Messias encarnado. Separando a fé e a vida prática, eles praticam e propagam as “imundícies do mundo”, ainda alegando que estejam em comunhão com Deus verdadeiro pelo conhecimento (*gnosis*) racional e espiritual de Deus (NAKANOSE; MARQUES, PRELO).

Para Hernandes Dias Lopes, em 1 João 3.16 está evidente que o autor Joanino faz uma crítica enfática contra aqueles que afirmavam que a comunhão com Deus não exigia a prática da verdade e do amor. Para Lopes, estes falsos propagandistas afirmavam que não tinham pecado (1 João 1.10). Recusaram seguir os exemplos práticos do amor deixados por Jesus durante seu ministério. Diziam que andavam com o Pai, porém a realidade é que andavam em escuridão (1 João 1.6; 2.6).

Para o estudioso, se o amor que doa a si mesmo pelo próximo não estiver unido às pessoas, então não há honradez verdadeira nesse amor. Seu resultado será a brutalidade. Expressa o autor que o amor que não se doa não tem caráter nem compromisso com a verdade, a qual se expressa em atitudes. Então, um amor que não se doa pode-se definir como um falso carisma hipócrita, pois nele não estão as boas obras. É somente uma aparência de amor e não tem nada a ver com a verdadeira caridade que se expressa no dar ou se doar a alguém. (LOPES, 2010, p 26).

Para Carneiro, esses conceitos abstratos e literários são uma linguagem simbólica para tentar expressar o real significado que João desejava transmitir à sua comunidade. (CARNEIRO, 2018, p. 1181). Nisso o autor concorda com Mesters; Orofino (2018, p. 19-20) onde relatam que a chave para entender esses simbolismos, como por exemplo, “quem ama se doa”, está no prólogo em 1 João 2.9-10. O escritor joanino é enfático: “aquele que diz estar na luz e aborrece a seu irmão, até agora, está nas trevas. Aquele que ama seu irmão permanece na luz, e não há nele motivo de tropeço” (1 João 2.9-10), (LOPES, 2018, pp. 10,11).

Só pode estar na luz se houver um relacionamento sério com o próximo. Para andar “na luz” é imprescindível amar os irmãos. A única maneira de manter a existência é amar em comunidade. Para tanto, o amor que se doa – se coloca em lugar do outro – deve ser o “Ágape” de toda prática caridosa. Esse amor deve ser concreto e não um simples palavreado que se autoproclama amor. (CARNEIRO, 2018, p. 1181-1182).

É um conceito de amor que se reflete na prática “ποιέω - poiéō– praticar - poesia” (de onde vem a palavra “poema”), daquele que ama. Essa prática antecede o amor filantrópico. A ação filantrópica deve estar embasada no amor, como seu fundamento. Este amor, no texto bíblico, está conjugado no coletivo, expresso pelo termo “ἀγαπῶμεν – agapômen- amemos”, forma verbal do radical grego “ἀγάπη – agápe – amor”. É sentir o peso e a necessidade de ajudar os irmãos – um anseio perceptível fisicamente, nas entranhas, de tão intensas que são as emoções ligadas a essa afeição, conceito representado pela expressão “σπλάγχνον – splágchnon – entranhas”, uma intensidade de afeição que vai até mais fundo do que aquela que faz palpitar o coração. O amor que se doa é cheio de entranhas, ou seja, cheio de compaixão, cheio de “compathós”, “sofrer junto com”. Esse amor se sente na teoria, no ambiente das emoções, mas que se cumpre na prática. É um amor que se coloca

no lugar do outro. Esse é o tipo de amor que o autor da primeira carta queria expressar ao dizer: “Conhecemos o amor nisto: que ele deu “dispôs” a sua vida por nós, e nós devemos dar a vida pelos irmãos” (1 João 3.16).

2.1 QUADRO DE ANÁLISE DE 1 JOÃO 3.16-18

Nisto conhecemos o amor: que Cristo deu a sua vida por nós; e devemos dar nossa vida pelos irmãos (1 João 3.16- ARA) ⁴ ἐν τούτῳ ἐγνώκαμεν τὴν ἀγάπην, ὅτι ἐκεῖνος ὑπὲρ ἡμῶν τὴν ψυχὴν αὐτοῦ ἔθηκεν, καὶ ἡμεῖς ὀφείλομεν ὑπὲρ τῶν ἀδελφῶν τὰς ψυχὰς θεῖναι (1 João 3.16) ⁵ .			
V-16			
Palavra e Pronúncia	Raiz e Pronúncia	Análise Gramatical⁶	Tradução Literal⁷
ἐν en	ἐν en	Preposição Dativa.	Em
τούτῳ toútô	οὗτος rútos	Pronome demonstrativo dativo, neutro, singular.	isto
ἐγνώκαμεν egnôkamen	γινώσκω guinôskô	Verbo, indicativo, perfeito, ativo, 1º pess. do plural.	conhecemos
τὴν tem	ὃ rô	Artigo definido acusativo, feminino, singular.	o

⁴ Almeida Revista e Atualizada, ed. 1993, em **BibleWorks for Windows, version 10**.

⁵ NESTLE-ALAND (eds.). **Novum Testamentum Graece**. 28. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012. Pg. 721.

⁶ GOMES, Paulo S.; OLIVETTI, Odayr (trad.). **Novo Testamento Interlinear Analítico Grego Português – Texto Majoritário com Aparato Crítico**. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

⁷ RUSCONI, Carlo. **Dicionário do Grego do Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 2003.

ἀγάπην, agápen	ἀγάπη agápe	Substantivo, acusativo, feminino, singular.	amor
ὅτι ῥoti	ὅτι ῥoti	Conjunção, Subordinativa.	porque
ἐκεῖνος ekéinos	ἐκεῖνος ekéinos	Pronome, demonstrativo, nominativo, masculino, singular.	aquele
ὑπὲρ ῥypér	ὑπὲρ ῥypér	Preposição, genitivo.	em favor de
ἡμῶν ῥemôn	ἐγώ egô	Pronome pessoal genitivo, 1° pess. do plural.	de nós
τὴν ten	ὃ ῥo	Artigo acusativo, feminino, singular.	a
ψυχὴν psychén	ψυχή psyché	Substantivo, acusativo, feminino, singular.	vida
αὐτοῦ autú	αὐτός autós	Pronome, genitivo, masculino 3° pess. singular.	de ele
ἔθηκεν, étheken	τίθημι títhemi	Verbo indicativo, aoristo, ativa, 3° pess. singular.	dispôs

καὶ kái	καὶ kái	Conjunção, coordenativa.	e
ἡμεῖς ῑeméis	ἐγὼ égô	Pronome pessoal nominativo 1º Pessoa do plural.	nós
ὀφείλομεν ophéilomen	ὀφείλω ophéilô	Verbo, indicativo, presente, ativa, de 1º pessoa do plural.	devemos
ὑπὲρ ῑypér	ὑπὲρ ῑypér	Preposição, genitivo.	em favor de
τῶν tôn	ὁ ῑo	Artigo definido, genitivo, masculino, plural.	de os
ἀδελφῶν adelphôn	ἀδελφός adelphós	Substantivo, genitivo, masculino, plural.	dos irmãos
τάς tás	ὁ ῑó	Artigo definido, acusativo, feminino, plural.	as
ψυχάς psychás	ψυχή, psyché	Substantivo, acusativo, feminino, plural.	vidas
θεῖναι théinai	τίθημι títhemi	Verbo, infinitivo, aoristo, ativa.	dispor.

Proposta de tradução: Nisto conhecemos o amor: porque aquele dispôs sua vida em favor de nós. E nós também devemos dispor nossas vidas em favor dos irmãos. (1 João 3.16).

V-17

Ora, aquele que possuir recursos deste mundo, e vir a seu irmão padecer necessidade, e fechar-lhe o seu coração, como pode permanecer nele o amor de Deus? (1 João 3.17- ARA).

ὅς δ' ἂν ἔχῃ τὸν βίον τοῦ κόσμου καὶ θεωρῇ τὸν ἀδελφὸν αὐτοῦ χρεῖαν ἔχοντα καὶ κλείσῃ τὰ σπλάγχνα αὐτοῦ ἀπ' αὐτοῦ, πῶς ἡ ἀγάπη τοῦ θεοῦ μένει ἐν αὐτῷ; (1 João 3.17).

ὅς ros	ὅς ros	Adjetivo, pronominal, relativo, nominativo, masculino, singular.	Quem
δ' ἂν d' an	δέ ⁸ + ἂν dé an	δ' = Conjunção coordenativa e ἂν = partícula verbal.	então
ἔχῃ eche	ἔχω echô	Verbo, subjuntivo, presente, ativo, de 3ª pessoa do singular.	tiver
τὸν tón	ὁ, ἡ, τό 'o, 'e, τό	Artigo definido, acusativo, masculino	os

⁸ δ' conjunção coordenada de δέ, partícula conjuntiva; mais comumente denota continuação e desenvolvimento de pensamento adicional, pode ser traduzido como: “e”, “mas”. Em alguns casos “δέ” não é traduzido para o português (SCHOLZ, 2008, p. 51).

		singular.	
βίον bíon	βίος bíos	Substantivo, acusativo, masculino, singular.	Bens necessários à vida
τοῦ tou	ὁ, ἡ, τό ῖο, ῖe, τό	Artigo definido, genitivo, maculino, singular.	do
κόσμου cósmou	κόσμος cómos	Substantivo, genitive, masculino, singular.	mundo
καὶ kaí	καί kaí	Conjunção coordenativa.	e
θεωρῇ theôre	θεωρέω theôréô	Verbo, subjuntivo, presente, ativo, presente, de 3º pessoa do singular.	vir
τὸν tón	ὁ, ἡ, τό ῖο, ῖe, τό	Artigo definido, acusativo, masculino singular.	o
ἀδελφὸν adelphón	ἀδελφός adelphós	Substantivo, acusativo, masculino, singular.	irmão
αὐτοῦ autou	αὐτός autós	Substantivo, pronome, genitivo,	dele

		masculino, de 3º pessoa do singular.	
χρείαν chréian	χρεία chréia	Substantivo, acusativo, feminino, singular.	necessidade
ἔχοντα achonta	ἔχω echô	Vervo, particípio, presente, ativo, acusativo, masculino, singular.	tendo
καὶ kaí	καί kaí	Conjunção coordenativa.	e
κλείση kleíse	κλείω kleíô	Verbo, subjuntivo, aoristo, ativo, de 3º pessoa do singular.	fechar
τὰ tá	ὁ, ἡ, τό ‘o, ‘e, τό	Artigo definido, acusativo, neutro, plural.	as
σπλάγχνα spláychna	σπλάγχνον spláychnon	Substantivo, acusativo, neutro, plural.	entranhas
αὐτοῦ autou	αὐτός autós	Substantivo, pronome, genitivo, masculino, de 3º pessoa do singular.	dele
ἀπ’	ἀπό	Preposição,	de

ap'	apó	genitivo.	
αὐτοῦ autou	αὐτός autós	Substantivo, pronome, genitivo, masculino, de 3º pessoa do singular.	ele
πῶς pôs	πῶς pôs	Adjetivo, adverbio, interrogativo.	como
ἡ 'e	ὁ, ἡ, τό 'o, 'e, τό	Artigo definido, nominativo, feminino, singular.	o
ἀγάπη agápe	ἀγάπη agápe	Substantivo, nominativo, feminino, singular.	amor
τοῦ tou	ὁ, ἡ, τό 'o, 'e, τό	Artigo definido, genitivo, masculino, singular.	do
θεοῦ Theou	θεός Theós	Substantivo, genitivo, masculino, singular.	Deus
μένει ménei	μένω ménô	Verbo, indicativo, presente, ativo, de 3º pessoa do singular.	permanece
ἐν en	ἐν en	Preposição, dativo.	em

αὐτῷ	αὐτός	Substantivo, pronome, dativo, masculino, de 3º pessoa do singular.	ele
Proposta de tradução: Quem então, tiver os bens do mundo, e vir seu irmão tendo necessidade e fechar o seu coração “ou entranhas” para ele, como permaneceria nessa pessoa o amor de Deus? (1 João 3.17).			
V-18			
Filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas de fato e de verdade (1 João 3.18-ARA). Τεκνία, μὴ ἀγαπῶμεν λόγῳ μηδὲ τῇ γλώσσῃ, ἀλλ’ ἐν ἔργῳ καὶ ἀληθείᾳ, (1 João 3.18- ARA).			
Τεκνία Teknía	τεκνίον tekníon	Substantivo, acusativo, neutro, plural.	Filhinhos
μὴ mé	μὴ mé	Adjetivo, adverbio.	Não
ἀγαπῶμεν agapômen	ἀγαπάω agaráô	Verbo, subjuntivo, presente, ativo, de 1º pessoa do plural.	Amemos
λόγῳ lógo	λόγος lógos	Substantivo, dativo, masculino, singular.	de palavra
μηδὲ medé	μηδέ medé	Conjunção, coordenativa.	Nem
τῇ te	ὃ, ἡ, τό ‘o, ‘e, τό	Artigo definido, dativo, feminino,	Com

		singular.	
γλῶσση, glôsse	γλῶσσα glôssa	Substantivo, dativo, feminino, singular.	Língua
ἀλλ’ all	ἀλλά allá	Conjunção, superordenativa ou hiperordenativa.	Mas
ἐν en	ἐν en	Preposição, dativa.	Em
ἔργῳ ergô	ἔργον ergon	Substantivo, dativo, neutro, singular.	Obra ou Trabalho
καὶ kaí	καί kaí	Conjunção, coordenativa.	E
ἀληθεία aletheía	ἀλήθεια alétheia	Substantivo, dativo, feminino, singular.	Verdade
Proposta de tradução: Filhinhos, não amemos “meramente” de palavra nem com a língua, mas com ações e verdade (1 João 3.18).			

2.2 ORIGEM DA COMUNIDADE JOANINA

Alinhar a origem da comunidade Joanina é um dos grandes desafios para estudiosos das cartas Joaninas e do quarto evangelho de João. Estudiosos das obras atribuídas a João, “o discípulo amado”, o mais próximo do mestre Jesus traz uma reconstrução da história dessa comunidade. Para muitos é como uma boa direção para entender as características dessa comunidade e como ela chegou a

desenvolver a mais alta cristologia da Bíblia, trazendo características profundas de Cristo filho de Deus.

Segundo (BROWN, 1999) esta comunidade teve pelo menos duas fases de crescimento . Na primeira fase a comunidade Joanina foi estabelecida por um pequeno grupo de judeus que passaram a acreditar em Jesus. Estes desenvolveram uma cristologia moderada ou baixa.

No segundo momento, essa comunidade recebe um novo grupo, esses foram os helenistas que acreditaram em Jesus, que por sua influência trouxeram outros, que não pertenciam aos costumes judaicos, como os samaritanos. Foram estes que creram em Jesus. a comunidade Joanina começa então a desenvolver uma cristologia mais elevada, quebrando as barreiras e abrindo oportunidade para entrada de gentios na comunidade (BROWN, 1999, p. 25-26).

Existe uma grande probabilidade de que a comunidade do discípulo amado começou com um pequeno grupo de judeus que foram admiradores e seguidores de João, o Batista. Os que se aliaram a ele era um grupo que estava insatisfeito com o sistema social, político e religioso da era. Esses, unidos a João, o Batista, incluíam desde aqueles mais pobres, que continuamente eram alvos de violências e exploração econômica, até os mais abastados, pressionados em vista de tantas injustiças sociais e econômicas, as quais eram pesadas para seus bolsos e para suas consciências.

A princípio, esses grupos de resistências foram os responsáveis em caracterizar o núcleo principal da comunidade Joanina sob a qual, possivelmente mais tarde, se daria origem à comunidade do discípulo amado. No meio desse grupo se levantaria alguém que seria conhecido pelo título “o discípulo a quem Jesus amava”. Conforme Casalegno, essa expressão talvez indique não exatamente um pessoa e especial e sim “o discípulo amado” pode estar se referindo a uma figura paradigmática de cada crente. O autor é da opinião que mesmo em vista dessas e outras informações acerca de quem seria esse “discípulo amado”, não há informações suficientes para tirá-lo do anonimato (CASALEGNO, 2009, p. 102).

Esse discípulo, seguidor das ideias de João, o Batista, depois de seu encontro com Jesus, abandona João Batista passando a ser seguidor do movimento de Jesus de Nazaré. Com o tempo, a comunidade Joanina independente passou a se preocupar com pelo menos três grupos que passaram a persegui-los, como expressa Perkins:

O Evangelho sugere que havia ao menos três grupos contra os quais a comunidade tinha de traçar seus limites: (a) seguidores de João Batista (1,35-37; 3,22-30; 4,1-3; 10,40-42); (b) os judeus, que tomaram medidas para expulsar das sinagogas as pessoas que acreditavam em Jesus (9,22-23; 16, 1-14 a), e (c) outros "cristãos", que tinham sido seguidores de Jesus, mas que agora se separaram da comunidade, aparentemente por causa das reafirmações cristológicas da divindade de Jesus (6,60-65) (PERKINS, 2011, p. 738).

Depois da morte de João, o Batista, seus seguidores deram continuidade ao seu ministério. Alguns dos seus discípulos haviam se aproximado de Jesus enquanto ele ainda estava vivo (João 1.35-40). Existem alguns fragmentos que comprovam que a comunidade Joanina foi iniciada por um grupo de judeus de origem batista, isso transparece em algumas passagens do Evangelho de João.

Também é inegável sua ligação com alguns versículos dos Evangelhos sinóticos. Inúmeros relatos no quarto Evangelho são formas estendidas de Marcos, Mateus e Lucas. Isso demonstra que algumas passagens são uma espécie de continuidade dos sinóticos (BROWN, 1999, p. 28-29). Alguns estudiosos confirmam que João verdadeiramente utilizou os sinóticos e fizeram parte de suas leituras na elaboração do quarto Evangelho (MACARTHUR, 2001. CARSON, 2007).

Outros autores sustentam que João não utilizou os sinóticos, isto não quer dizer que o autor foi separado ou alheio da tradição comum, pois a novidade do seu Evangelho nasce da exigência e da fidelidade à sua tradição, com o desejo de buscar algo mais profundo (FABRIS; MAGGIONI, p. 260). Hale concorda com isso. O autor é da opinião de que é mais fácil colocar a narrativa sinótica dentro da forma estruturada por João do que deslocar o material Joanino, para tentar adaptá-lo à estrutura sinótica, como, por exemplo, o Evangelho de Marcos. Para o autor, essas manobras somente afetariam a narrativa Joanina, pois é um auxílio duvidoso (HALE, 1983, p. 111).

Autores, como o estudioso Dodd, seguem uma linha mais extrema. O autor acredita na possibilidade de que João não utilizou os sinóticos e, sim, uma antiga tradição independente com o mesmo valor histórico (DODD, 2003, p. 423).

Quanto às questões das semelhanças verbais dos sinóticos com o quarto Evangelho, para Hale isso não tem nada de incomum, visto que se trata de materiais baseados em uma tradição oral comum da época. Porém isso não indica claramente

que haja uma relação direta entre o evangelho de João e os sinóticos. No que diz respeito à ordem sinótica, em relação às formas em que algumas passagens estão estruturadas, João se assemelha à ordem de Marcos. A resposta de Hale é que alguns itens têm a necessidade de seguir essa ordem, pois seguem a sequência dada na história dos Evangelhos. Na concepção do autor, essa ordem não é mais convincente do que a tradição verbal.

Hale parece apoiar os teólogos conservadores da Europa e das Américas, que creem que João, o Filho de Zebedeu, é o autor do Evangelho. O que leva a deduzir que o presente autor é um teólogo mais conservador. Hale acredita que a expressão “e vimos sua glória, como a glória do unigênito do Pai” (João 1.14), por si mesma, diz que o autor do Evangelho foi uma testemunha ocular, razão pela qual o autor Joanino não precisaria de outras fontes para escrever sua obra.

Hale (1983) relata que não é viável dar crédito a um autor que não “viu”, ou que não foi uma testemunha “ocular”, do ministério de Jesus. O autor quer se sentir seguro com a afirmativa: “E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade” (João 1.14), (HALE, 1983, p. 100). Acerca disto também confirmam (MESTERS; OROFINO, 2018, p. 17).

Fato é que a comunidade original caminhava rumo ao desenvolvimento de sua cristologia, seguindo o seu próprio caminho. O versículo de João 1.50, entende-se pelas palavras “coisas maiores que estas vereis”, que tal afirmativa é um apontamento de continuidade da comunidade Joanina original. Por meio da miscigenação étnica e religiosa, a comunidade se tornaria em um ambiente comunitário de continuação e totalmente diferente das demais, principalmente teologicamente.

Na medida em que a comunidade Joanina se desenvolvia, também se construía seu material sagrado. Este material, mais tarde, serviria como uma bússola de orientação e reflexão para as comunidades futuras. O objetivo era expandir seus ensinamentos cristológicos. Havia na comunidade pré evangélica um sentimento de segurança e de promessas grandiosas. A comunidade Joanina gradativamente começava a desenvolver seu material cristológico. Talvez um grupo catalisador admitido na comunhão da comunidade foi o responsável para que essa comunidade Joanina desse um salto expressivo nesse desenvolvimento teológico. Isso foi além do que se esperava. A admissão desse novo grupo, como dito há pouco, tornou-se a

chave “catalisadora” que ajudou a acelerar a teologia e a cristologia da comunidade primária.

Começa aqui uma espécie de ecumenismo Joanino, como por exemplo, os samaritanos que são uns dos primeiros frutos da colheita mundial (KONINGS, 2005, p. 130). A aceitação desse novo grupo marcaria a evolução de novos pensamentos teológicos e cristológicos. Brown denomina uma cristologia “muito elevada”, isto prova que a comunidade não foi um grupo fechado e estático. Ela se desenvolveu gradativamente e abertamente. Continuaram caminhando, dando continuidade testemunhal de suas origens, iniciadas da comunidade do batista (João 16.12-13). (Brown, 1999, p. 35-37).

Essa compreensão de continuidade no quarto Evangelho ultrapassava o ministério. A prova disso foi que Jesus falou da vinda do Espírito Santo e isso tempos antes de prognosticar que iria enviar o Consolador. Esse foi o responsável em interpretar o que Jesus havia falado. A vinda do “Paráclito” foi a prova e o resultado da continuidade do ministério de Jesus, que acabou por justificar a pregação da comunidade Joanina.

Brown (1999, p. 29) descarta o pensamento de alguns teólogos alemães que afirmam haver oposições entre o Evangelho de João e suas fontes. Dizem que existem faltas de provas e que houve um material escrito da comunidade Joanina em um período pré evangélico. Na visão de Brown, se o material desenvolvido na comunidade Joanina permaneceu e foi assumido, então é prova que existiu um proto-material e o aceitaram como referência. Positivas ou não, estas ideias foram entendidas pela comunidade como a interpretação fiel e contínua, deixada pela construção original, que é uma forma de provar a veracidade da fé da comunidade.

No entendimento Joanino, esta cristologia de continuidade foi responsável em ratificar a veracidade cristológica da preexistência de Jesus, “Disse-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo que antes que Abraão existisse, eu sou” (João 8.58). Esse versículo esclarece a ideia da comunidade Joanina a respeito de Jesus, onde o “lógos encarnado”, sempre existiu na eternidade e por isso o texto não visa destacar os verdadeiros significados da profundidade das confissões iniciais.

De acordo com Brown, a razão pela qual a comunidade Joanina foi impelida na época da construção do Evangelho se deu pelo fato de que eles sentiram-se obrigados a dar continuidade à obra de Cristo. Mesmo em meio a muitos conflitos com alguns seguidores de João, o Batista, por motivos da elevada compreensão

cristológica de Jesus, a comunidade Joanina deu continuidade à obra de Cristo. Havia um consenso harmonioso com as declarações de João, o Batista, o que fazia ele, às vezes, parecer um cristão da comunidade Joanina, pela semelhança entre o que ele falava e os ensinamentos da comunidade Joanina (BROWN, 1999, p. 30).

Em se tratando de João, o Batista, é plausível reconhecer, no quarto Evangelho, alguns paralelos entre o pensamento de seus seguidores com o pensamento dos essênios. Estes habitavam em uma colônia conhecida como Qumran, situada na região montanhosa do mar Morto. Apesar das muitas semelhanças dualísticas, não há dados concretos e convincentes de que o autor do Evangelho ou o Batista tivessem conhecimento ou contato com os materiais de Qumran.

Konings (2005, p. 24) afirma que:

Pode-se apontar certa analogia, embora meramente formal, com os textos de Qumran quanto ao “dualismo” luz-trevas ou verdade-mentira. Quanto aos textos gnósticos, por vezes comparados com João, esses são posteriores a ele e não podem ser considerados como fonte de João, mas talvez como resultado de sua influência.

Konings observa que não existem provas de que João utilizou estes textos como fonte. Fato é que poder-se-ia pensar na possibilidade de que as ideias dualistas na comunidade Joanina, que se combinam com alguns escritos dos textos de Qumran, foram introduzidas pelos seguidores de João, o Batista.

No entanto, é sabido que estes dualismos se agradaram somente com a alta cristologia, na admissão do segundo grupo na comunidade Joanina: “os helenistas”. Para Beutler esses dualismos não são de natureza temporal e, sim, espacial (BEUTLER, 2015, p. 13). No que tange aos helenistas, esses por sua vez admitiram os Samaritanos na comunidade, que acabariam interpretando a pessoa humana de Jesus a partir dessas ideias paralelas dualísticas.

Brown (1999, p. 30) aponta a possibilidade de que os responsáveis em amalgamar estas ideias dualistas na tradição Joanina realmente poderiam ter sido discípulos de João, o Batista. É possível que o Batista, no tempo de seu ministério tivesse mesmo visitado a comunidade de *Qumran* na época em que ela florescia.

As bases seriam as características das pregações de João, o Batista, que se assemelhava aos pensamentos e práticas de *Qumran*. Porém como dito há pouco, não há provas convincentes que o Batista tenha passado ou se relacionado com *Qumran*. Fato é que a figura de João, o Batista, tornou-se uma das chaves principais, se não a mais importante, para compreender a formação da comunidade Joanina, visto que a comunidade do Batista foi quem lançou as primeiras sementes do fruto da comunidade do discípulo amado.

2.3 AUTORIA, DATA E LOCAL DA REDAÇÃO DA PRIMEIRA CARTA

O autor da primeira carta Joanina tem um estilo de escrita muito peculiar. Mesmo a carta não sendo de tamanho considerável, se percebe muito bem o modo em que a obra foi estruturada. A maneira pela qual o autor escreve seus cinco capítulos demonstra uma sintonia exemplar em sua estrutura, de modo que a carta se torna mais sinfônica do que lógica em seu plano.

Sua estrutura muitas vezes lembra mais uma partitura musical do que um esquema apologético que busca o debate. O autor se fixa em um tema, pelo qual se mantém em todo o livro. Não abre margem para se falar de outra temática a não ser a proposta pelo autor. Porém, às vezes, ao redor do tema, o autor parece ceder e abre margens para que se possam construir outros temas a partir do proposto.

A grande maioria dos estudiosos acredita que a chave para entender a mensagem da primeira carta de João seria saber quem é seu autor. A problemática é que, na presente obra, à semelhança da carta aos Hebreus, o autor não se revela por meio de um prefácio. O texto não traz cabeçalho, não são citados os remetentes e os destinatários, coisa muito comum em outras cartas do Novo testamento. De modo geral, os destinatários seriam um grupo de cristãos da Ásia Menor (LOHSE, 1980, p. 198- 210) e (CARNEIRO, 2018, p. 1180).

Como dito, nesta obra existem outras peculiaridades, o autor não se preocupa em incluir uma introdução ou uma saudação inicial ou concludente. Pode-se perceber por meio das expressões “vos escrevo”, e “isto vos acabo de escrever”, (1 João 2.1,26), que a obra se tratava de uma composição escrita; não teve a intenção de ser um sermão oral.

Pode-se questionar, então, se a primeira carta de João não seria uma espécie de tratado teológico ou um manifesto dirigido aos cristãos. Ao que parece, o autor não teve a intenção de que a carta fosse um documento abstrato e, sim, talvez desejasse que fosse um simples “folheto” ou mensagem exortativa, endereçada a qualquer cristão comum.

Lohse acredita que a primeira carta não se mostra como um tratado religioso e muito menos um manifesto dirigido a toda uma comunidade. Para o estudioso, a obra se define por um escrito exortativo, enviado a um círculo de comunidades com objetivo de alertar a igreja acerca dos perigos das falsas doutrinas, para que fiquem firmes nos verdadeiros ensinados pelos fiéis líderes (LOHSE, 1980, p. 198).

Isso confirma que a presente obra está mais para um sermão exortativo, com objetivo de encorajar os fiéis das igrejas. Em vista disso, o autor se viu na necessidade de fazer a exortação de forma escrita. Isso também revela que a carta pode ter tido recortes de vários sermões e, como não podia transmiti-los oralmente, houve a necessidade de escrever. Um desses recortes, porém, mais posterior, teria sido redigido a fim de combater os gnósticos, os quais ganhavam cada vez mais espaço na comunidade.

Mesmo havendo muitas dúvidas quanto à autoria, o estilo de escrita da primeira carta de João se assemelha com a obra do quarto Evangelho. Essas semelhanças induzem a pensar que a carta Joanina possivelmente procede da mesma tradição. Até o século XX não haviam muitos questionamentos a respeito da mesma autoria para ambas as obras, porém com a alta crítica textual, cada vez mais se tem duvidado de que as obras venham do mesmo autor.

Em vista das consideráveis semelhanças entre o evangelho e a primeira carta, autores como Brown chegam a cogitar que o autor foi um membro de uma escola de discípulos de profetas Joaninos. Essa escola de profetas formou portadores da tradição e intérpretes de uma escola Joanina. Esses intérpretes foram responsáveis por conservar e desenvolver o testemunho ocular do discípulo amado. Isso explicaria então a semelhança entre a primeira carta e o Evangelho, pois se tratava de um discípulo que, como de costume, tentou imitar seu mestre, talvez o apóstolo João.

No que diz respeito ao estilo da presente obra, muitos estudiosos acreditam que o estilo em que o autor escreve está mais próximo de ser um sermão em vez de

uma carta, com exceção dos versículos presentes em 1 João 2.12-14. Percebe-se também que a carta não faz uso de aberturas ou de uma conclusão.

Para alguns autores, isso não deve causar espanto em vista do fato de que as introduções eram removidas quando se agrupavam várias obras, formando um todo. Caso que não se aplica à segunda e terceira cartas de João, que parecem procurar manter seu padrão. Em vista disso, muitos acreditam que a primeira carta Joanina foi uma epístola circular geral, escrita de forma homilética, para seus amigos cristãos da Ásia menor.

Isso explicaria os reais motivos pelos quais a presente obra não contém introdução diretória e saudação. Na verdade, ao que parece, o autor intenciona, através da Carta, fortalecer seus fiéis leitores no conhecimento de Jesus, na alegria, bem como na verdadeira expressão da fé cristã e alertá-los contra o falso ensino (1 João 1.3-4; 5.13; 4.1).

Mesmo que o texto não demonstre uma estrutura reconhecidamente marcada pelas convenções retóricas – muito comuns na época – o documento se mostra mais como um sermão endereçado aos fiéis. Isto leva a pensar na obra mais como um “ensaio epistolar”. Isso, porém, não quer dizer que o autor deixa de abordar temas importantes acerca da situação particular de seus leitores.

Verdade é que a primeira Carta de João está estruturada em muitos critérios primários. Alguns desses critérios são: crer que Jesus é o Senhor, vindo em carne, assim como os temas da retidão e amor, que se destacam. A obra está embasada em uma cristologia muito correta, através dos quais a comunidade podia colocar à prova se de fato a profissão cristã de seus mestres e de si mesmos eram verídicas.

Em vista desta carta ter uma estrutura hermenêutica, muitos estudiosos são induzidos a pensar que a obra foi elaborada como uma ferramenta de interpretação do quarto evangelho. Autores como Brown são da opinião que o prólogo de 1 João 1.1-4 é uma ferramenta para interpretar o prólogo do quarto Evangelho em João 1.1-18. Também acredita que a conclusão em 1 João 5.13-21 é uma forma de retomar a temática pré-redacional do Evangelho apresentada em João 20.30-31.

2.3.1 Autoria

O autor opta pelo silêncio, mesmo em face da problemática acerca do anonimato do autor. Percebe-se que a presente Carta Joanina é uma Epístola pastoral, que foi endereçada a partir de um pastor que estava preocupado com a situação de uma parte do seu rebanho. Muitos acreditam que seria intencional, pois, em vista de ser uma pessoa conhecida, dispensava comentários para fazer qualquer tipo de apresentação.

Para Brown (1999) a obra é mais um tratado do que uma nota pessoal. Ideia que Kistemaker (2006, p. 263) reprovava em partes. Não há uma indicação sobre os remetentes e os destinatários, saudações ou até mesmo lembranças, coisa que dificulta afirmar a origem ou o local dessa obra (MESTERS; OROFINO, 2018, p. 7 e GASS, 2016, p. 145).

Alguns autores são da opinião de que as três cartas pertencem a um só autor: “talvez João?”, o mesmo que escreveu o Evangelho. Isto se deve ao estilo de escrita e às semelhanças verbais em palavras como: amor, luz, vida, verdade, testemunho, filiação etc. (CARNEIRO, 2018, p. 1180). Outros autores são da opinião de que o autor do quarto Evangelho não foi o discípulo amado, não foi o filho de Zebedeu e nem uma testemunha ocular. Provavelmente o autor foi alguém que pertenceu a uma escola de discípulos Amados. Isso vale também no que se refere acerca da autoria das epístolas. (BROWN, 1999, p. 98; VERMES, 2006, p. 19; KISTEMAKER, 2006, pp. 263-267, 270-275 e MARSHALL, 2007, p. 489).

Antes disso não há qualquer afirmativa muito clara de que foi esse João quem escreveu a primeira carta. Talvez o primeiro estudioso da antiguidade a utilizar a Carta Joanina foi Papias, no ano 140. Porém as afirmativas de autoria devotadas a João são bem mais tardias.

Lohse afirma que, de fato, o autor não é mencionado, porém não há dúvidas de que se trate de alguém que teve grande prestígio na comunidade. O estudioso também reconhece a estreita proximidade de 1 João com o quarto Evangelho. Lohse acredita na probabilidade de se tratar de apenas um autor para as duas obras. Essas proximidades vão desde o vocabulário até às igualdades de pensamentos e estilo da construção da obra, coisa que a tradição antiga havia identificado em ambas (LOHSE, 1980, p. 203-204 e HARRISON, 1980, p. 439-443).

Mesters e Orofino acreditam que a obra é uma compilação de vários trechos e formas de homilias que visam instruir acerca da comunhão com Deus e com os irmãos. Também reconhecem a similaridade com a obra do quarto Evangelho (MESTERS; OROFINO, 2018, p. 7).

Baseado na evidência externa, alguns estudiosos são da hipótese de que o autor da primeira carta Joanina foi o apóstolo João. Mesmo o autor sendo um desconhecido, a tradição da igreja desde o século I, tem firmado que a obra pertence à figura do apóstolo João, o filho de Zebedeu. Foi alguém que pertenceu ao grupo dos doze, foi uma testemunha ocular e talvez a mesma figura do “discípulo amado”. Isto é confirmada pela expressão “a palavra da vida” que é o objeto palpável da testemunha ocular.

Os que afirmam que o autor foi o apóstolo João se baseiam no que está inferido a partir do prólogo da carta. No prólogo é perceptível que o autor se apresenta com as mesmas características de escrita de um apóstolo. Isto também se pode perceber por meio da mensagem anunciada, onde os temas principais do escritor se baseiam na morte e ressurreição de Jesus (1.1-3). (STOTT, 1982, pp. 13-16 e HALE, 1983, pp. 295-296,299).

Se de fato é um apóstolo ou não que escreveu a carta, fica evidente a autoridade e firmeza que o escritor revela ao escrever a obra. A autoridade com que denuncia o pecado levanta suspeitas de ser realmente obra de um apóstolo (1 João 1.6,8; 2.4,22; 2.1,7,12-14,26; 5.13). Outra característica de que o autor pode ser um apóstolo está no fato de ter autoridade para prescrever mandamentos e de usar da autoridade da palavra (1 João 2.15,24, 28; 4.1; 2.6; 3.14; 4.12).

No que se refere à evidência externa, é sabido que Eusébio⁹, citando Papias, tomou exemplos da primeira Carta de João, por meio da qual se compreende que ambos acreditavam que João foi o autor da obra, (HE, 3S. 39.17). Não se pode afirmar que Papias conhecia mais de uma carta Joanina. Deve-se ter em mente que a questão de Papias ao acreditar que João é o autor do Evangelho e o mesmo autor da primeira Carta não são palavras diretamente desse autor e, sim, citações de Eusébio, que se baseou em Papias. Também confirmam os seguintes autores (TENNEY, 1995, pp. 401-402; TUÑI; ALEGRE, 1995, p. 175,177-178,180 e HÖRSTER, 1996, pp. 153-155).

⁹ PNUD. 2017. “Relatório de Desenvolvimento Humano 2016”

As palavras de Papias revelam muitas ambiguidades, as quais não se podem afirmar com toda certeza, porém muitos teólogos da evidência externa acreditam que Papias intencionava enfatizar que João, o discípulo do Senhor e presbítero na igreja, era a única testemunha ocular do Senhor Jesus.

Uns dos maiores teólogos do século I, chamado Irineu 140-200 d.C., em sua obra intitulada “contra as heresias”, acreditava que o autor foi o discípulo do Senhor, o mesmo autor do evangelho. Clemente de Alexandria 150-215 d.C., e seu discípulo Dionísio de Alexandria 265 d.C., acreditavam que o quarto Evangelho e a primeira Carta foi escrita por João, salvo o Apocalipse. Essa tendência de assimilar as obras joaninas a um só autor, até mesmo o Apocalipse, talvez se deva pelo fato dessas obras estarem ligadas a cidade de Éfeso (CARSON; MOO; MORRIS, 1997, pp. 492-499; GUNDRY, 1998, p. 264 e NOGUEIRA, 2018, p. 1195-1197).

Tertuliano 155-220 d.C, atribuiu a autoria a João. Também o cânon “Muratori”, chama o autor de “um dos discípulos”, com intenção de atribuir a autoria do quarto Evangelho e a carta em estudo, a João, o apóstolo e filho de Zebedeu. Por fim, os concílios de Hipona Régio em 393 e Cartago em 397 reconheceram a canonicidade das cartas Joaninas atribuindo-as a João, conforme bem expressa Yarbrough:

The position taken in this commentary concurs with that expressed by Carson (2000: 132): “In line with the majority view among Christian students during the past two thousand years (though out of step with today’s majority), I think it highly probable that John the apostle wrote the Fourth Gospel and the three letters that traditionally bear his name.” Extended technical justifications for this position—that John’s Letters have the same author as John’s Gospel and that all were written by Jesus’s disciple John son of Zebedee (YARBROUGH, 2008. P. 5).

No que se refere à evidência interna, não opinam claramente quem é o autor da Carta. Essa evidência reconhece a estreita relação entre as obras e os temas que realmente são muito semelhantes, tanto em vocabulário com em sintaxe. Reconhecem as similaridades acerca dos temas dualismos como luz e trevas, vida e morte, etc.

Alguns estudiosos da evidência interna acreditam que o autor seria alguém chamado de “o presbítero”, que não foi uma testemunha ocular, mas foi um dos colaboradores do apóstolo João. Esta ideia afirma que talvez “o presbítero”,

escreveu as três cartas que levam o nome de João. A problemática está que não há como afirmar que houve alguém denominado de “o presbítero João”. (LOPES, 2005, pp. 9-11 e CARSON; MOO, 2005, p. 593).

Gass, também parece ceder à ideia de que as três cartas pertençam a um só autor: “o Presbítero” e “o Ancião”. Acredita que a primeira carta talvez pertença a uma equipe de autores em vista da obra se revelar sempre na primeira pessoa do plural, porém não crê que seja o redator da redação mais antiga do quarto Evangelho pois transparece um contexto anterior (GASS, 2016, p. 144).

No final do século II havia um proeminente bispo em Éfeso chamado Polícrates, que teve estreita ligação com a escola Joanina. Esse personagem infelizmente nunca citou que havia alguém conhecido pelo título referido. As referências mais claras de Polícrates são de uma carta que ele próprio escreveu a alguém chamada de Vítor e à igreja em Roma. Nessa carta o autor faz referência a um determinado João que recostou a cabeça no peito do Senhor e que um túmulo em Éfeso recebeu seu corpo.

Kistemaker afirma que: “Hesitamos, portanto, em fazer uma distinção entre o apóstolo João e o presbítero João, tendo em vista que as evidências são insuficientes para se fazer uma distinção clara” (Kistemaker, 2006, pp. 263-266, 270-275). Outros autores mais conservadores sustentam que a expressão “o presbítero” não indica que se trata de outra pessoa e sim que essa expressão indica um processo evolutivo. Nessa visão, João desempenhou um triplo papel, ou seja, ele evoluiu de discípulo para apóstolo e presbítero. A ideia apresentada aqui ficaria da seguinte forma:

Por três anos João foi discípulo de Jesus. Depois da ascensão ele se uniu aos doze, se tornando um apóstolo e, por fim, em idade avançada foi conhecido pelo título de “o presbítero”. Esse título honroso se deu pelo fato de o apóstolo ser o último dos discípulos vivo e automaticamente o “mais velho” o que justifica de todos o reconhecerem como “o presbítero”. Outros sustentam que a obra do Evangelho e da carta foi escrita por autores diferentes, pois seria impossível que fosse obra de apenas um autor. (BROWN 1999, pp. 98-101; BROWN, 2002, pp. 503-504; BROWN, 2010, pp. 169-170, 173-175, 177 e CASALEGNO, 2009, p. 102, 105). Nessa linha de pensamento, a crítica textual prefere acreditar que havia uma escola Joanina. Nessa escola havia pelo menos quatro figuras responsáveis que estavam envolvidas na autoria das “obras” Joaninas: primeiramente, o discípulo amado, que é a fonte da

tradição. Em segundo o evangelista, por terceiro, o presbítero das Cartas e um quarto, que foi o redator do Evangelho.

De acordo com essa linha de pensamento, João esteve cercado por esses discípulos, que escreviam por ele. O que justifica o vocabulário parecido nas cartas seria o fato desses discípulos redatores pertencerem a uma mesma escola de discípulos. Também as questões das semelhanças bem como as diferenças nessas três cartas Joaninas, são uma marca própria de que esses escritos pertenceram a uma mesma escola teológica Joanina. Suas bases apelam para dois tipos de fenômenos.

Primeiro: o vocabulário e a doutrina do Evangelho e da primeira carta Joanina existem diferenças significativas para crer que seja obra em um mesmo autor, mesmo existindo paralelos em algumas temáticas. Acerca das diferenças se pode citar como, por exemplo: Em João o “*logos*” é pessoal João 1.1,14, já em 1 João 1.1-4, o verbo é a vida e vida pessoal. Em João 14.16 o Espírito Santo é o “*paráclito*”, ou seja, o Consolador, já em 1 João 2.1 o autor destaca que “Deus é o Espírito”.

Segundo: outros estudiosos, ainda baseados na evidência interna e alguns da evidência externa, acreditam que se trata do mesmo autor do quarto Evangelho. Tomam esta opinião pelo fato de a linguagem da carta ser muito parecida com a do quarto Evangelho. Isto pode ser percebido, por exemplo, em 1 João 1.1-3, que combina com a introdução de João 1.1-3,14. As combinações de luz e trevas, vida e morte, verdade e mentira, amor e ódio, são temas que parecem ligar as duas obras a um mesmo autor, o que leva a dizer que o autor foi também uma testemunha ocular. (LOPES, 2010, pp. 10-17 e LÉON, 2010, pp. 47-48);

A grande maioria da visão tradicional Joanina, como por exemplo, Richards (2008, p. 533), mesmo sabendo que o autor é desconhecido acreditam na possibilidade de ser “João”, o mesmo autor do Evangelho. O prólogo da Carta em João 1.1-4 parece querer indicar que o autor foi uma testemunha ocular. Porém, semelhantemente ao quarto Evangelho, o teor da primeira carta não permite ir além do entendimento de que o autor poderia ter sido alguém com um título fictício de “o discípulo amado”. As obras não oferecem elementos suficientes para afirmar que o autor foi João, filho de Zebedeu, ou o Evangelista ou o Presbítero (CASALEGNO, 2009, p. 105).

Alguns levam em consideração as expressões “nós” e “nossa”, coisa que deve ser levada em consideração de maneira exclusiva. Para os que acreditam na

autoria de uma testemunha ocular, o autor está comunicando aos seus leitores, através destas duas expressões de primeira pessoa, que ele e outros discípulos tiveram uma experiência diferenciada dos seus leitores. Essa experiência diferenciada indica que aquele que escreve ouviu diretamente de Jesus, sendo ele a última testemunha ocular ainda viva.

Outra questão que comprova esta ideia seria o fato da primeira carta ser aceita no cânon do Novo Testamento, essa admissão no cânon talvez se desse em razão do peso de ser de autoria apostólica. Isto pode ter sido o elemento decisivo para creditar a obra, uma vez que é ligada a uma testemunha ocular.

Na realidade a maioria dos estudiosos parece não querer apontar com certeza quem é o autor da primeira carta Joanina. Esses estudiosos fazem apenas comentários acerca das possibilidades que se poderiam pensar a respeito e da suspeita a respeito do autor da obra, porém a maioria não toma uma posição.

Hipótese a ser adotada, no que concerne a primeira carta de João:

Quanto à autoria da primeira carta, opta-se aqui em acreditar que havia uma escola Joanina que tinha pelo menos quatro figuras responsáveis, essas figuras estavam envolvidas na autoria das “obras” Joaninas: primeiro, o discípulo amado, que é a fonte da tradição. Segundo o evangelista, terceiro, o presbítero das Cartas e quarto, alguém que foi o redator do Evangelho.

Uma vez que esses discípulos redatores tenham pertencido a uma mesma escola justifica o vocabulário parecido entre as obras Joaninas. As semelhanças linguísticas acabaram se tornando uma marca própria daqueles que pertenciam à escola teológica Joanina.

Em vista da complexidade acerca da autoria da primeira carta prefere-se aqui optar, à semelhança de Brown (1999), que o autor é um desconhecido, pelo fato dele nunca se identificar. Opta-se que o autor da primeira carta, em certo ponto, se mostra semelhante ao autor do quarto Evangelho. Aceita-se que não foi o discípulo amado quem escreveu a obra da primeira carta Joanina e, sim, possivelmente um personagem que se identificou com as experiências partilhadas do autor do quarto Evangelho. Esse autor possivelmente aprofundou a cristologia da comunidade do discípulo amado, o que se deu em um longo processo de reflexão e diálogo (LOPES, 2018, pp. 13,14).

Acredita-se na possibilidade de a autoria ser de uma única pessoa. Não foi o evangelista nem o redator, e sim alguém que pertenceu a um grupo da escola

Joanina. Alguém de não muita importância, que fez parte dos colaboradores menores do Evangelho, que não participou da redação final do quarto Evangelho (BROWN, 1999, p. 99-100 e BORTOLINI; BAZAGLIA, 2001, p. 22).

2.3.2 Data

Acerca da datação da primeira Carta Joanina ainda existem dúvidas para se afirmar com certeza em que data foi elaborada a obra e quando entrou em circulação nas comunidades cristãs. Uma grande maioria dos estudiosos é quase unânime que a data reflete o contexto do final do Século I.

Uma minoria de estudiosos acredita em uma possibilidade de ser por volta do ano 60, antes da destruição do templo de Jerusalém. Autores como (WITHERINGTON, 2005, p. 88-89 e STOTT, 1982, pp. 22), acreditam que o quarto Evangelho foi escrito antes de 70, em vista de não haver citações acerca da destruição de Jerusalém.

Embora haja nas cartas um ambiente de tensão, alguns autores não acreditam que a comunidade de 1 João estivesse passando ou saindo de um ambiente de intenso perigo e perseguição.

Outros estudiosos são da opinião que as Epístolas Joaninas antecedem ao quarto Evangelho. Suas conclusões estão no fato de as cartas apresentarem ideias embrionárias acerca dos logos, da expiação e das últimas coisas. Essas características somente são expostas no nascimento do Evangelho.

Porém a grande maioria dos estudiosos reprova esta ideia em vista de a própria obra Joanina desaprovar este pensamento, pois a primeira Carta foi escrita para cristãos que conheciam a verdade sem precisar que alguém os ensinasse (1 João 2.20,21,27). Também é comprovado pela expressão “o que desde o princípio ouvistes permaneça em vós” (1Jo 2.24). (LOPES, 2005, p. 14; KISTEMAKER, 2006, pp. 292-293 e LOPES, 2010, pp. 16-17).

Witherington (2005, p. 88-89), um estudioso Joanino, argumenta que o quarto Evangelho foi escrito no apogeu do governo de Domiciano e, pelo menos a primeira Carta, deva ser situada um pouco antes da data do Evangelho. Outros autores como, por exemplo: Hale (1983) intencionam encontrar um meio termo para datar as

cartas Joaninas. Para estas, o estudioso propõe uma data por volta de 70-90 d.C. (HALE, 1983, pp. 300-301 e YARBROUGH, 2008, p. 17)

Mesmo que a obra não traga nenhuma informação em relação à data da composição, a maioria dos estudiosos acreditam que a presente carta está ligada à data do quarto Evangelho e ambas têm um estreito relacionamento. Levando em consideração que o Evangelho foi escrito por volta do ano 90, a primeira carta deve ter sido escrita não muito depois dessa data.

A primeira carta de João foi escrita provavelmente pouco depois do evangelho de João, no final do século I ou começo do século II, em Éfeso, na Ásia Menor, onde provavelmente havia uma comunidade cristã significativa. Esta era uma das maiores cidades do mundo greco-romano. (NAKANOSE; MARQUES, PRELO).

Sabe-se que no início do século II, essa carta era conhecida por alguns pais da igreja e ao que parece a época reflete um tipo de gnosticismo ainda em fase inicial. Para Tenney, o gnosticismo foi um tipo de filosofia da religião e somente um mero sistema. Tenney observa essa corrente filosófica como uma heresia, porém, como é sabido, o gnosticismo não foi caracterizado como heresia antes do final do século II. (TENNEY, 1995, pp. 401-402 e CARNEIRO, 2018, p. 1179). Acerca disto também confirma Nakanose e Marques, “Esses ensinamentos e práticas se enquadram no movimento gnóstico, que se desenvolveu mais fortemente no século II” (Nakanose e Marques, ?? p??).

Fato é que esse gnosticismo inicial foi diferenciado consideravelmente daquele gnosticismo que atingiu sua forma plena somente nos séculos II e III. O pensamento seria que a presente carta foi elaborada para firmar e estimular aqueles cristãos, que estavam em meio a uma crescente controvérsia teológica do chamado protognosticismo. Isso é confirmado por Lohse que afirma que a primeira carta tem relação estreita com o Evangelho de João, datado por volta dos anos 90. Isso leva a pensar que a data mais provável para a composição da obra Joanina seja do final do ano 100 ao início do século II (LOHSE, 1980, p. 205).

Ao que parece, nessa linha de pensamento, os gnósticos cristãos estavam utilizando o quarto Evangelho para defenderem certas teologias contrárias às ideias propostas pelo discípulo amado. Alguns dos pontos de discussões eram que Jesus

foi apenas um espírito e que nunca teve um corpo palpável (CARNEIRO, 2018, p. 1180). Ao que parece, esta corrente ideológica estava ganhando cada vez mais espaço na comunidade. Nisto surge a primeira carta Joanina, para combater os pensamentos pregados pelos gnósticos, dos quais alguns eram cristãos (MESTERS; OROFINO, 2018, p. 12-13).

Se levados em consideração alguns pais da igreja, como Inácio e Policarpo, se perceberá alguns traços do segmento gnóstico. Porém a Carta de Policarpo é um pouco mais tardia, datada por volta do ano 110, refletindo um gnosticismo mais avançado. Esses fatores levam a pensar se de fato João foi o autor, que este estava muito velho e por conta de sua idade pode-se pensar que a data realmente aponte para o final do século I.

Tomando como ponto de partida a época em que foi escrito o quarto Evangelho, que foi por volta do ano 90, poder-se-ia dizer que a primeira carta foi escrita mais ou menos no ano 100, final do século I (ROSSI; DIETRICH, 2017, p. 22). Essa data apresentaria a situação em que vivia a comunidade Joanina após a situação vivenciada no quarto Evangelho. (HÖRSTER, 1996, p. 156; CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 500 e MESTERS; OROFINO, 2018, p. 7).

Ao que parece, o escritor Joanino não tem intenção de ensinar umas novas verdades cristológicas. Pelo contrário, o autor denuncia que os inovadores separatistas é que estão tentando introduzir novas práticas contrárias às doutrinas da comunidade. Talvez em vista disso, João traz-lhes à mente recordações básicas da fé em Jesus, que parecem se embasar no Evangelho como fonte de provas concretas.

No que se refere a datar a primeira carta, embasar-se em conceitos primitivos, não é uma forma segura de datar uma obra, pois até mesmo no quarto Evangelho existem termos semelhantes. Talvez tenha sido exatamente algumas semelhanças como essas que podem ter levado alguns autores a acreditarem que a carta é um comentário apologético do quarto Evangelho, um sermão que recorre ao Evangelho. Razão que talvez levasse a pensar em apenas um autor para ambas.

O que se pode concluir é: se o quarto Evangelho foi escrito pelos anos 90, por certo as cartas representam a situação das comunidades Joaninas, próxima ao ano 100. Não é viável situar sua composição mais tarde dessa data.

Hipótese a ser adotada:

Acerca da data em que foi escrita a obra da primeira carta Joanina, discorda-se que tenha sido antes do ano 70. Não é viável datar uma obra somente por não haverem certas citações que marcaram a história, como por exemplo, a ausência de referências à destruição do templo. Se levar em consideração a data somente pela a presente referência, poder-se-ia alegar que o movimento de Jesus não tinha mais estima pelo Templo de Jerusalém.

A expulsão das sinagogas pode ter feito com que os cristãos sentissem repúdio pelo templo, razão de não darem importância em citá-lo nos seus escritos. Isso também vale para aqueles que datam a obra antes de 70, onde argumentam que a obra não manifesta em seus escritos um ambiente de tensão.

Essa ausência faz com que a carta pareça refletir o ambiente de antes da destruição do Templo, ou seja, acreditam que os leitores das mesmas não perceberam que a comunidade da primeira carta estivesse passando ou saindo de um ambiente de intenso perigo e perseguição. Por esta razão, vários datam a Carta em um período mais recente.

À semelhança de Brown (1999, p. 101), acredita-se que a data reflete o contexto do final do Século I. Levo em consideração que o Evangelho foi escrito por volta do ano 90. Baseado na data do Evangelho, poderia se dizer então que a primeira carta provavelmente deve ter sido escrita não muito depois dessa data.

Como mencionado anteriormente, no início do século II, essa carta era conhecida por alguns pais da igreja e o gnosticismo ainda dava os seus primeiros passos. Outra questão é que esse movimento gnóstico, próximo ao ano 100, foi caracterizado por uma corrente filosófica e não como uma heresia ou seita, coisa que ocorreu somente após o final do século II.

Pode-se deduzir então que a primeira carta foi escrita para alertar e fortalecer aqueles cristãos, que estavam em meio a uma crescente controvérsia teológica do chamado protognosticismo por volta do ano 100. (BROWN, 2002, p. 504; KÜMMEL, 2003, p. 322; KEENER, 2004, p. 756; KISTEMAKER, 2006, pp. 292-293; LÉON, 2010, p. 31; PERKINS, 2011, p. 818 e GASS, 2016, pp. 143,145). Opta-se pela hipótese que se o quarto Evangelho foi escrito por volta do ano 90, e que a primeira carta provavelmente foi escrita por volta do ano 100, final do século I (LOPES, 2018, pp. 9,10 e GASS, 2016, p. 9). Essa data releva a situação no tempo daqueles que estavam vivendo na comunidade Joanina, logo após a situação do contexto de perseguição do quarto Evangelho.

2.3.3 Local da redação da Primeira Carta Joanina

Quanto à localidade em foi escrita a primeira carta de João, da mesma forma que a segunda e terceira carta, a maioria dos estudiosos da evidência externa é da mesma opinião de ter sido escrita provavelmente em Éfeso (LOPES, 2018, pp. 6,9). Uma minoria de estudiosos, como por exemplo, Hörster (1996, p. 156), não optam em apontar um local para a escrita da obra, afirmam que 1 João foi escrito após o quarto Evangelho.

Houve a tentativa de datar as três cartas nos anos 60, antes da destruição de Jerusalém pelos romanos, porém a data mais aceita pelos estudiosos é após o ano 90. Se realmente foi João o seu escritor, é provável que tenha vivido sua velhice em Éfeso, capital da Ásia Menor. É provável que o autor, ou o último representante direto do autor na comunidade, tenha escrito as Cartas dessa localidade, região onde pastoreava as igrejas fundadas no nome do discípulo amado. Lohse acredita que os debates contra o movimento dos gnósticos, considerados hereges, poderia mesmo indicar a localidade para a composição se encaixe na Ásia Menor, mais provavelmente em Éfeso (LOHSE, 1980, p. 205; YARBROUGH, 2008, p. 17 e MESTERS; OROFINO, 2018, p. 7).

Sendo autoria de um apóstolo ou de uma escola de discípulos amados, determinar a localidade se torna indiferente. O local de escrita que melhor se encaixa com o contexto da obra Joanina seria nas mediações da Ásia Menor, (atual Turquia). O que se pode supor é que João, se de fato é o autor, endereçou essa Carta às igrejas nas casas que pertenciam a essas regiões.

Talvez essas regiões, ou boa parte delas, também receberam mais tarde a obra do Apocalipse. Algumas tradições da antiguidade fazem associação dessa carta com a Ásia Menor, em específico Éfeso. Isso pode ser confirmado em algumas partes do Novo Testamento como por exemplo, os livros de Colossenses, Timóteo e algumas Epístolas que foram endereçadas a Ásia Menor. Algumas dessas obras foram enviadas a Pérgamo e a Tiatira em Apocalipse, com fim de alertar a igreja contra os gnósticos que começavam a ganhar força (ARENS; MATEOS, 2004, p. 64).

A história conta que em Éfeso havia um gnóstico notável, chamado Cerinto, contemporâneo de João. Foi adversário desse e de toda a igreja. Alguns pais da

igreja como Irineu e Eusébio falaram pela primeira vez desse personagem. Acerca disso, registra Stott:

Irineu registra em *Adversus Haereses* a famosa historieta contada por Policarpo, bispo de Esmirna, que diz que “João”, o discípulo do Senhor, indo banhar-se em Éfeso, e percebendo que lá estava Cerinto, correu para fora da casa de banhos sem se banhar, exclamando, ‘Fujamos, não suceda que até a casa de banhos coxa por terra, porque Cerinto, o inimigo da verdade, está lá dentro!’ “4”. Irineu já nos dera um relato das ideias heréticas de Cerinto no Livro I dessa mesma grande obra, *contra as Heresias* (STOTT, 1982, p.41).

Uma das razões de João combater Cerinto era que esse afirmava que Jesus não havia nascido de uma virgem e que havia sido um homem comum, filho de José e Maria. Para Cerinto, Jesus não foi o homem justo e sábio que as comunidades diziam a seu respeito. Afirmava que o Espírito de Cristo veio sobre Jesus após o seu batismo e a partir de então começou a proclamar os mistérios do Pai e a fazer milagres. Antes disso ele foi um homem comum, igual a todos os outros.

Também afirmava que, na cruz, Cristo se retirou de Jesus. Quem sofreu a cruz não foi Cristo e sim Jesus, o homem. Na sua morte, Cristo permaneceu impassível a Jesus, pois era impossível que morresse, sabendo que era um ser espiritual. Essas afirmações de Irineu refletem muito bem a condição da comunidade Joanina do ano 90 que habitava em Éfeso.

Autores como, por exemplo, Brown (1999, p. 67), acreditam que a obra do quarto Evangelho, o Apocalipse e as três cartas Joaninas pertençam a uma mesma região, provavelmente Éfeso. Se a primeira carta realmente foi escrita pelo mesmo autor do Evangelho, então provavelmente Éfeso seja o melhor local indicado. A ideia de que a composição aconteceu na Ásia Menor surge a partir do pressuposto de que, após a guerra judaica de 60 e 70, inúmeros cristãos se mudaram para a Ásia Menor, em específico Éfeso. A possibilidade é que João estava entre uma dessas migrações, bem como também o autor do Apocalipse, se de fato foi João (ARENS; MATEOS, 2004, pp. 66-67).

O que se pode definir é que, semelhantemente ao quarto Evangelho, a primeira Carta Joanina surgiu na Ásia Menor, com a probabilidade de ser na cidade de Éfeso, que na época foi um grande centro comercial

Hipótese a ser adotada:

Quanto ao local que foi escrita a primeira carta, à semelhança de Brown, acredita que as três cartas Joaninas pertençam a um mesmo local dentro da Ásia Menor, provavelmente Éfeso. Se a primeira carta realmente foi escrita pelo mesmo autor do Evangelho, acredita-se, e por apresentar unanimidade pela maioria dos estudiosos, então provavelmente Éfeso seja o melhor local indicado.

Bortolini e Bazaglia concordam com Brown quanto à indicação de Éfeso como o melhor local de escrita da obra. Os autores confirmam que Éfeso foi um tipo de irmã mais velha das outras cidades situadas na Ásia Menor. A partir dessa cidade o projeto de Deus se espalhou por todas as regiões da Ásia Menor BORTOLINI; (BAZAGLIA, 2001, p. 25).

Percebe-se que a melhor indicação é apontada para Éfeso, isso ocorre pelo fato de que após a guerra judaica de 60 e 70, inúmeros cristãos se refugiaram para a Ásia Menor (MESTERS; OROFINO, 2018, p. 7). Éfeso é apontado como melhor opção por ser uma cidade culturalmente plural e com muitos recursos materiais, essa cidade na época foi um grande centro comercial. Essa fartura pode ter sido uma das razões de a comunidade Joanina buscar para suas famílias dias melhores, longe das perseguições.

Se João, figura fictícia para a escola de discípulos, é o provável autor, talvez realmente tenha vivido sua velhice em Éfeso, capital da Ásia Menor. É provável que ele tenha sido último representante direto do autor na comunidade.

Opta-se em pensar que o local de escrita se encaixa no contexto da obra do Evangelho, então seria nas mediações da Ásia Menor, (atual Turquia), em específico Éfeso. Como já expressado no texto, o que se pode supor é que o autor endereçou essa Carta às igrejas casas que pertenciam a essas regiões. Talvez essas regiões, ou boa parte delas, por se tratar do mesmo ambiente de perseguição, também receberam mais tarde a obra do Apocalipse.

A hipótese da primeira carta de João ter sido escrita na Ásia Menor, mais especificamente em Éfeso, é adotada pelos seguintes autores:

(BÍBLIA COMENTADA, 1965, p. 181; HARRISON, 1980, p. 444; LOHSE, 1980, p. 205; STOTT, 1982, p. 35-36, 41; HALE, 1983, p. 301; TUÑI; ALEGRE, 1995, p. 197; HÖRSTER, 1996, p. 156; CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 499; BROWN, 2002, p. 511 e p.996b; LOPES, 2005, p. 11; CARSON; MOO 2005, p. 599-600; KISTEMAKER, 2006, p. 279,51; LOPES, 2010, p. 16-17; LÉON, 2010, p. 15-19,

31-3); PERKINS, 2011, pp. 818-819; STAMBAUGH; BALCH, 1996, p. 139-140; GASS, 2016, p. 145 e LOPES, 2018, pp. 6,9).

3 CONTEXTO POLÍTICO SÓCIO-ECONÔMICO E RELIGIOSO DA ÁSIA MENOR: ÉFESO NO FINAL DO PRIMEIRO SÉCULO

As questões socioeconômicas onde viviam as comunidades cristãs, em especial a comunidade Joanina, se assemelhavam em quase todas as cidades e províncias romanas da Ásia Menor (STAMBAUGH; BALCH, 1996, pp. 127-129, 138-139). As cidades costeiras foram as economicamente mais importantes. Entre as principais estavam Corinto, Éfeso, Tarso e Atenas etc. Em Éfeso na segunda metade do século I, foi o local das possíveis estabilizações da comunidade Joanina.

O nome Éfeso significa “desejado.” Ao que parece, a primeira comunidade instalada foi fundada por Paulo aproximadamente no ano 53 d.C.. Foi uma das cidades mais importantes do continente da Ásia Menor. Situava-se num local privilegiado, banhada pelo mar Egeu. Sua riqueza trazia pessoas de várias nações em busca de prosperidade. Foi o centro do comércio marítimo e rodoviário. Dominado pelo Império romano, na época, foi a quinta cidade mais populosa dos domínios romanos (ARENS; MATEOS, 2004, p. 76; LOURENÇO, 2018, p. 17-18).

O contexto de Éfeso no ano 90 ao ano 100, que marca a redação final do quarto Evangelho situa-se no auge da “segunda fase” e no início da “terceira fase,” conforme a proposta de Brown. Pode-se afirmar que o ano 90 é o ápice de toda trajetória da comunidade Joanina, onde a exclusão da sinagoga havia passado, porém, as perseguições se intensificaram cada vez mais. Essas perseguições, começadas nas regiões da Palestina, aos poucos se estendiam para regiões mais abrangentes, razão de algumas migrações para a diáspora.

Muitos cristãos migraram em direção à Ásia Menor, como foi o caso da cidade de Éfeso, talvez por se tratar de uma cidade próspera e com certa liberdade religiosa. Éfeso era marcada por terras férteis e por ser uma cidade cosmopolita, onde a pluralidade era permitida.

As comunidades joaninas viviam na cidade de Éfeso, com cerca de 250 mil habitantes, dos quais 2/3 era constituído de escravos. A cidade possuía o principal porto e era o centro comercial mais importante da Ásia Menor, atraindo uma imensa multidão que buscava poder, riqueza e prazer. Uma metrópole com grande riqueza, luxo, glória e prazeres próprios de um grande centro urbano greco-romano. Ao lado de todo o esplendor da cidade, havia muitos males, como: ganância, exploração, corrupção,

violência, imoralidade, fome e miséria. Não amar o mundo é o apelo do autor às comunidades do século I e a nós hoje (NAKANOSE; MARQUES, PRELO).

Éfeso, conhecida atualmente como Selçuk, região da Turquia, fica aproximadamente a 2 km de distância da antiga cidade de Éfeso do ano 90, essa se localizava próximo da desembocadura do rio Caistro, na costa ocidental da Ásia Menor. Na época da escrita da primeira Carta de João, Éfeso tinha um porto artificial que era regado por um sistema de dragagem, esse sistema artificial foi projetado por seus conquistadores para servir como ponto estratégico para o seu poder militar e comercial. Falando acerca do esplendor e da prosperidade de Éfeso:

Após os domínios dos persas, dos gregos e dos reis de Pérgamo, o império romano conquistou a cidade de Éfeso, e aí foi estabelecida, em 129 a.C., a província romana na Ásia Menor, tendo Pérgamo por capital e Éfeso, como a metrópole mais importante por sua posição geográfica. Por mar, estava ligada com Roma, e por vias terrestres, com a maior parte da Ásia Menor. Os produtos vindos do interior e do Mediterrâneo movimentavam o mercado de Éfeso (NAKANOSE; MARQUES, PRELO).

Desde o século VI a.C. ocorreram muitas a migrações de judeus para a Ásia Menor em busca de uma situação econômica mais digna. Isso trouxe impacto sobre a Palestina, acarretando uma considerável queda econômica. Éfeso se tornou uma cidade economicamente muito sedutora, muitos judeus e habitantes da Palestina migraram em direção à Ásia Menor em busca de uma nova vida.

Muitos da linhagem judaica já estavam ali há algumas gerações, provavelmente desde o início do século VI a.C., na ocasião do cativo Babilônico. Essas migrações em massa rumo ao Oriente, também se repetiram após a destruição do Templo de Jerusalém, em 70.

Essas fugas tornaram-se mais intensas no período da ocupação dos romanos em 70, em Jerusalém. Muitos agrupamentos e comunidades de judeus estavam sob o duro domínio do Império Romano. O número de migrações de judeus para o Oriente, superabundou ao de migrações para o Ocidente. Alguns períodos que marcam essas migrações mais numerosas foram provavelmente a partir do ano 66, época do início da ocupação militar do império Romano. Em 70 essas migrações atingem o seu apogeu (ARENS, 1997, p. 158).

A arqueologia supõe que provavelmente dois terços dos judeus se estabilizaram na Diáspora no século I. Com a destruição do Templo em 70 d.C., muitos judeus, aproveitando-se da oportunidade migraram para Éfeso. Arens estima que na Palestina “Judeia”, chegaram a viver de seis a oito milhões de Judeus e, depois do recenseamento de Cláudio, estima-se que cerca de 10 a 15 % dos judeus migraram para a Ásia Menor. Talvez em Alexandria, o número pode ter sido ainda mais elevado (ARENS, 1997, p. 159 e MEEKES, 1988, p. 63-65).

Para melhor esclarecimento de como viviam estas comunidades cristãs da época da primeira carta Joanina, faz-se necessário abordar o contexto de Éfeso e como estavam estruturadas algumas classes econômicas e políticas na Ásia Menor.

3.1.1 Contexto político e socioeconômico

Antes de abordar a situação política e econômica faz necessário compreender como os habitantes de Éfeso entendiam a expressão “*polis*”, traduzida por cidade, que foi o objeto da política mediterrânea. O termo “*polis*” além de cidade também pode ser traduzido com um centro político administrativo que, de modo geral, tinha o seu território geográfico limitado por uma expansão dedicada à agricultura e à pecuária.

Geralmente, nos centros políticos, residiam os poderosos magistrados. Havia cidades cercadas por edifícios que visavam expressar a unidade dos cidadãos. Uma cidade, para ser qualificada como *polis*, geralmente tinha que preencher alguns requisitos básicos como, por exemplo, ter que possuir uma certa autonomia e suficiência política e econômica (ARENS, 1997, p. 36).

Essas *polis* do século I estavam sob o domínio do Império romano e cada uma tinha seus devidos privilégios conforme a estrutura da cidade. A autoridade máxima era o imperador, o pai da cidade. Nas regiões provincianas, a autoridade eram os representantes do governo do “*pater*”, “Na sociedade patronal, a figura máxima é o imperador, denominado como *pater patriae*. Ou seja, ele é considerado o pai e o patrono do Império, distribuidor dos bens, defensor da *pax romana*, sendo até chamado de ‘Senhor’, *kyrios* em grego” (NAKANOSE; MARQUES, PRELO).

As regiões mais importantes e privilegiadas eram aquelas em que habitavam pessoas da alta sociedade e aposentados “[...] formadas a partir de veteranos do Exército. Filipos, Icônio e Listra na Ásia Menor, estavam nessa categoria. Sua fidelidade a Roma era inquestionável e estavam isentas de impostos” (ARENS, 1997, p. 55).

É sabido que cidades como, por exemplo, Éfeso e Tarso, foram os lugares com mais facilidade de se conquistar o direito de cidadão romano. Cidades mais pobres e de menos importância eram alvos das autoridades romanas e de abusos de impostos. Roma estimulou a prática da aristocracia e das oligarquias, pois dessa forma seu poder se concentraria na figura do imperador, o qual ditava as regras. A obediência ao imperador e a Roma, no que se refere aos impostos e culto à imagem do monarca também retornaria em benefícios aos habitantes da cidade.

Arens expressa:

Os cargos municipais e as funções administrativas de uma cidade eram em sua maioria *ad honorem*, assumiam-se para ser adulado, louvado e aplaudido; esse era o seu pagamento! Não só não se recebia salário, mas era necessário ter dinheiro suficiente, pois com o cargo se esperava que o funcionário gastasse dinheiro com doações, quer para construções, reformas de edifícios ou ornamentações, ou para celebrações diversas. E o funcionário o fazia com gosto, para provocar assim a reação da adulação e louvor por parte do povo, inclusive de Roma, e ter a satisfação pessoal que isso acarretava num mundo que vivia precisamente da “honra”. Testemunha-se isso através das inúmeras inscrições que se encontram em toda a parte da Ásia Menor (ARENS, 1997, p. 36).

Esse luxo em que vivia o Império geralmente era mantido através dos abusos de impostos e os que mais sofriam era geralmente os camponeses. Em Apocalipse 18, o escritor joanino relata a visão da “grande Babilônia” sendo abalada pelo poder de Deus. Suas riquezas e explorações aos pobres entraram no juízo de Deus e do seu Cristo.

E os reis da terra, que fornicaram com ela, e viveram em delícias, a chorarão, e sobre ela prantearão, quando virem a fumaça do seu incêndio; Estando de longe pelo temor do seu tormento, dizendo: Ai! ai daquela grande cidade de Babilônia, aquela forte cidade! pois em uma hora veio o seu juízo. E sobre ela choram e lamentam os mercadores da terra; porque ninguém mais compra as suas mercadorias: Mercadorias de ouro, e de

prata, e de pedras preciosas, e de pérolas, e de linho fino, e de púrpura, e de seda, e de escarlata; e toda a madeira odorífera, e todo o vaso de marfim, e todo o vaso de madeira preciosíssima, de bronze e de ferro, e de mármore; E canela, e perfume, e mirra, e incenso, e vinho, e azeite, e flor de farinha, e trigo, e gado, e ovelhas; e cavalos, e carros, e corpos e almas de homens. E o fruto do desejo da tua alma foi-se de ti; e todas as coisas gostosas e excelentes se foram de ti, e não mais as acharás (Ap 18.9-14).

O que se percebe nesse contexto político é que o pobre no final do século I enfrentava dura exploração. Seus direitos de humano são medidos através da obediência ao imperador e fidelidade nos impostos. A aristocracia e a oligarquia exerciam total domínio nas questões socioeconômicas e políticas da cidade. Os recursos adquiridos através dos abusos de autoridades não eram para socorrer ao pobre e nem para melhorias nas cidades mais carentes.

Fora os abusos de impostos contra a população mais simples, o Império também recebia muitas doações feitas por nobres da sociedade. Teoricamente essas doações deveriam ser aplicadas em benefício da sociedade, porém a história arqueológica mostra o contrário, fato que pode ser percebido através das ruínas da época, como por exemplo, a construção de estátuas com a imagem do imperador.

Difícilmente se fazia algo ao pobre e, quando isto acontecia, não era por amor ao próximo e sim com os objetivos interesseiros: “O que significava para seus negociadores segurança e rentabilidade para os negócios. Para Roma, fonte de renda à sua ostentação” (JESUS, 2014, p. 164).

O contexto político e socioeconômico desenvolvido na Ásia Menor, mais especificamente em Éfeso, considerado o centro onde se estabilizou o movimento de Jesus no primeiro século, demonstra que a situação política em muito foi influenciada pelas decisões do Império romano. Esse entendimento político é imprescindível para o esclarecimento do contexto em foi escrito a primeira Carta joanina.

A situação socioeconômica ou o status social no mundo greco-romano muitas vezes não correspondia somente a fatores econômicos e, sim, também, a questões de direito de liberdade e de cidadania. Segundo Arens (1997), a categoria ou posição social em que se nascia determinava o futuro desta pessoa. Na sociedade da Ásia Menor, no quesito leis e regimentos, parece que eram um pouco menos rigorosos do que na sociedade propriamente romana. Na Roma propriamente dita existiam categorias jurídicas que serviam para catalogar a aristocracia que rendia

lucros. Não tinham o objetivo de verificar o estamento ou a questão da situação social de um povo em relação à preocupação com o pobre.

Essas categorias jurídicas também foram conhecidas pela expressão “*ordines*”. Dentre elas estacavam-se a “*ordo senatorius*” e a “*ordo equestre*”. Porém, ao que parece, essas “*ordines*” romanas em nada se preocupavam com as diferenças sociais de modo geral.

Voltando para o contexto de Éfeso, no mundo grego havia outro modo de classificar a sociedade provinciana. O estilo seguido era a forma piramidal, conhecida pelo termo “*status*” ou estamento, que geralmente era usado a fim de classificar socialmente os habitantes de certa região. No ponto mais elevado da pirâmide estava os “*plousios*”, ou seja, a aristocracia, e “na larga base, o conjunto do ‘proletariado’, os honoráveis e humildes” conhecidos pelos termos “*penês* e *ptochós*”, (GINGRICH; DANKER 1993, p. 169 e ARENS, 1997, pp. 47.131-132), expressões que serão abordadas mais a seguir.

As famílias tradicionais aristocratas geralmente eram imperiais, senadores, os equestres e os decuriões. As classes formadas pelo “*plousios*” não somavam 2% da população. Os “*penês* e *ptochós*” também chamados de “povo” “*humiliores*” eram os que não pertenciam à aristocracia e para se sustentar precisavam trabalhar por longas jornadas de trabalho.

Em todas as regiões da Ásia Menor a classificação era irrelevante sob o ponto de vista dos pobres. O que era importante, mais do que ser rico ou pobre, era ser livre. Ser livre na Ásia Menor era mais importante do que seu status e condição econômica, pois um escravo podia gozar boa posição financeira e até mesmo ter empregados sob sua tutela, porém, não deixavam de ser escravos, a “plebe” dos “*penês* e *ptochós*”. O quesito da posição social definiria os direitos da pessoa, alguém livre tinha mais direito do que um rico empobrecido ou pobre.

As pessoas eram tratadas segundo a posição social que ocupavam: o escravo não era tratado da mesma forma que o senador, nem o homem igual à mulher, nem o nascido livre igual ao liberto. [...] A posição social era mais que roupagem e etiquetas: significava privilégios e direitos; poder e influência. [...] Evidenciava-se isso nos foros legal, jurídico e de celebrações públicas (ARENS, 1997, p. 49).

No que se refere ao movimento de Jesus, em Corinto, na parte mediterrânea da Ásia Menor, na época em que Paulo aconselhava a comunidade de Corinto, essa questão de ricos e pobres era muito perceptível. Giuseppe concorda que, em 1 Coríntios 11, Paulo, o apóstolo, trata destes problemas de ricos e pobres na comunidade religiosa. O apóstolo objetiva corrigir certos erros de autoridades na comunidade onde os convertidos da alta sociedade estavam menosprezando ao pobre, a exemplo do que ele fala sobre o que acontecia na mesa na ceia do Senhor. Essa época foi um momento em que o movimento de Jesus estava passando por um processo de conscientização dos deveres dos ricos para com os mais necessitados na sociedade religiosa, a qual estava eclodindo na igreja de Corinto (GIUSEPPE, 1989, p. 31).

Semelhante à comunidade em Corinto, sabe-se que uma boa parte da população de Éfeso era de escravos/as, outra parte trabalhava nos portos que movimentavam a maioria da economia da cidade. Esses trabalhadores escravos não tinham direito à cidadania romana e continuamente eram alvos de exploração, bem como violência. Foi nesse ambiente de exploração, violência e marginalização, possivelmente, que o movimento de Jesus armou as tendas da mensagem de boa nova, iniciada por Jesus de Nazaré.

3.1.2 Contexto religioso

As sinagogas estavam localizadas em lugares estratégicos, os destroços delas levam a deduzir que existiram em número considerável. Pelo que se sabe, a sinagoga mais importante estava situada na cidade de Éfeso, seguida por aquelas que estavam localizadas nas regiões da Frígia, Lídia, Cária, Pérgamo, Cilícia e Jônia. Muitos textos do Novo Testamento foram escritos nas referidas regiões, como é o caso do quarto Evangelho, escrito possivelmente em Éfeso, (BROWN, 1999, pp. 67.69, BROWN, 2002, p. 996 e BORTOLINI, 2015, p. 7).

Éfeso foi conhecida por sua pluralidade religiosa. Nela habitavam judeus da Lei mosaica e judeus-cristãos, bem como gentios “pagãos”, que acreditavam que Jesus era o Cristo. Esses também faziam parte da sinagoga. Nesse meio havia os da comunidade de Mateus, formada em sua maioria por judeus convertidos a Jesus.

Também havia os membros da comunidade de Lucas que na sua maioria eram gentios vindos do paganismo. A comunidade joanina também compunha os demais grupos. Foi talvez o movimento mais especial, em vista de ser marcado por sua pluralidade.

A diversidade da população da cidade se refletia também em suas diferentes manifestações religiosas. Além do templo de Ártemis, vários outros templos e santuários da era romana foram descobertos ali como, por exemplo, o santuário ao deus egípcio Serápis. As evidências indicam que Éfeso era uma cidade com uma grande variedade de cultos de outras religiões e contava ainda com a presença de várias escolas filosóficas e a escola de magos (NAKANOSE; MARQUES, PRELO).

As tensões entre essas comunidades judaico-cristãs eram evidentes, ainda mais ao confrontarem com as elevadas afirmações da comunidade Joanina, pois possuíam uma visão muito elevada da pessoa de Jesus. Os judeus da Diáspora se diferenciaram dos judeus ortodoxos da Palestina, talvez em vista de sua origem étnica, religiosa, leis de pureza, monoteísmo, entre outras características, por estarem em uma terra marcada pela pluralidade. A maioria dos judeus da diáspora, diferente dos judaico-cristãos, levavam uma vida razoavelmente fechada em seus grupos.

Alguns judeus e judeus cristãos se integraram à vida cotidiana de Éfeso, mais do que seus irmãos da Judeia. Esses judeus residentes na Diáspora, diferentemente dos habitantes de Israel, de modo geral foram muito unidos entre si. Compartilhavam sua religiosidade procurando se integrar na sociedade.

O ano 90 é tido como a terceira fase elaborada por Brown, envolvendo a situação daqueles que estavam vivendo nas comunidades Joaninas. Nessa época, as comunidades estavam divididas. O ano 100, provavelmente, é o tempo em que foram escritas as três Epístolas de João. (BROWN, 1999, p. 21-22).

Ao que parece, esses conflitos que estavam ocorrendo dentro da comunidade se deram em razão de dois grupos estarem interpretando o quarto Evangelho de maneira diferente. Essas interpretações se referiam à cristologia, à ética, à escatologia e à pneumatologia. Brown (1999) relata que, nessa altura, os temores, bem como o pessimismo do autor das Epístolas, dão a entender que um grupo

chamado de “separatistas” está ganhando mais espaço e valor numérico do que os demais fiéis da comunidade.

O autor Joanino está tentando defender seus fiéis discípulos das artimanhas daqueles que ele considera hereges e acusa de serem falsos profetas, 1 João 2.27; 2 João 10,11 (BROWN, 1999, p. 22). A esse momento cabe a veracidade da expressão do autor Joanino, quando exorta seus seguidores a permanecerem firmes: “Filhinhos, é a última hora; e, como ouvistes que vem o anticristo, também agora muitos se têm feito anticristos, por onde conhecemos que é a última hora (1 João 2.18).

“Porque alguns membros dessa comunidade não reconhecem ‘Jesus encarnado’, o Jesus humano e histórico. São chamados de “anticristos” (1 João 2,18; 4,2-3; 2 João 7), falsos profetas (1 João 4,1), enganosos (1 João 2.26; 3.7), mentirosos (1 João 2.22). (NAKANOSE; MARQUES, PRELO).

Na época do ministério de Jesus, sua missão se concentrou na Palestina e regiões mais pobres. Portanto, após a assunção de Jesus, se deu início ao “εὐαγγέλιον - *euangélion*”, ou seja, as boas novas, expandindo a mensagem para as regiões mais distantes. Os judeus que habitavam na Palestina não eram mais numerosos do que aqueles que viviam na diáspora. Houve um crescente número de judeus na Ásia Menor, que na época eram províncias romanas (ROSSI; DIETRICH, 2017, p. 37).

O povo judeu conquistou, diante do império romano, direitos diferenciados dos demais povos que habitam nessas regiões. Sendo este povo extremamente apegado aos seus costumes e práticas religiosas, lhe foi permitido que observassem suas leis religiosas nos diferentes lugares em que habitavam. Não tinham obrigações, como as demais religiões pagãs, de obedecerem às práticas religiosas impostas obrigatoriamente pelo império romano e seus aliados locais.

Jaubert (1982, p. 23) afirma que no tempo da composição do Evangelho, já próximo das cartas Joanina, os judeus da diáspora e muitos não judeus tementes a Deus tornaram-se cristãos. Alguns cristãos foram intermediários entre os apóstolos vindos da Palestina e os pagãos. Também havia helenistas que habitavam na Palestina, esses mantiveram relações privilegiadas com a diáspora. Talvez aqui se explique como o escritor do quarto evangelho se mantinha informado na diáspora, acerca da situação da Palestina. Lembrando que, em partes, o quarto Evangelho foi

escrito para fortalecer os irmãos perseguidos, seja em Éfeso ou na Palestina e arredores.

Segundo alguns autores, diferentemente da Palestina e regiões, durante o final do século I, na Ásia Menor, mais específico em Éfeso, a situação política era relativamente boa e estável, sem muitas perturbações militares romanas ou das autoridades políticas. (STAMBAUGH; BALCH, 1996, pp. 127.129).

Outros divergem quanto à situação ter sido boa ou estável, sabendo que nessa época, por volta do final do século I, a primeira carta Joanina parece transmitir um ar de muita luta, tanto interna quanto externa. Isso pode ser confirmado em uma carta enviada a Trajano por volta do ano 100. Nessa carta, escrita por Plínio, governador imperial na Bitínia, ainda muito jovem e inexperiente, pode ser percebido que na época da escrita da primeira carta Joanina, as perseguições estavam se intensificando. A aparente tranquilidade dos cristãos vivida nos tempos de Trajano parece não mais refletir nos dias de Plínio:

Suas cartas foram escritas entre 97 e 109, numa época de paz política, sob o governo de Trajano. Organizou-as de forma que pudessem serem publicadas, de modo que cada uma aborda um único tema. Há opiniões conflitantes sobre suas qualidades literárias, mas em geral é considerado um bom literato, neoclássico, estoico, engenhoso, mas sem alcançar a primeira ordem. Embora Cícero tenha sido seu grande modelo, o estilo de suas produções literárias não alcançou a autenticidade literária e para especialistas ficou na esfera dos imitadores do grande escritor/historiador romano. Na correspondência abaixo transcrita, Plínio trata sobre a questão religiosa calamitosa que encontrou ao chegar a Bitínia (Ponto). As religiões oficiais romanas estavam praticamente abandonadas e a nova religião dos cristãos havia se expandido por toda região (Ásia). Por esta razão, imediatamente toma providências para que esta situação mudasse, empreendendo forte coação contra praticantes da nova religião e restaurando as práticas das religiões romanas, incluindo o culto ao imperador. (GUEDES, 2016)¹⁰.

Ainda no que se refere às lutas internas, na primeira carta Joanina, a comunidade tinha que resistir a um grupo denominado de “os separatistas”. E no que se trata das lutas externas, o império romano, representado pelo “o mundo”,

¹⁰ GUEDES, Ivan Pereira. **Carta de Plínio, o Moço ao Imperador Trajano sobre os Cristãos**, 2016- Disponível em: < <http://historiologiaprotestante.blogspot.com/2016/12/carta-de-plinio-o-moco-ao-imperador.html> >. Acesso em: 14 fev. 2019.

unido aos “os judeus”, juntos perseguiram o movimento de Jesus. Essa época parece representar o estado das comunidades cristã já no final do século I, por volta do ano 100. Se levar em consideração a data do governo de Plínio, ano 112, talvez uma parte destas perseguições contra as comunidades cristãs também reflita o mesmo clima de perseguições.

“Os judeus”, e “o mundo”, se unem com um único propósito: a perseguição e a condenação à morte daqueles que faziam parte do movimento de Jesus. Talvez o versículo de Apocalipse 2.9, a “sinagoga de Satanás”, seja uma referência aos “judeus”, que unidos ao “mundo”, estavam perseguindo com morte os servos de Jesus. De um lado, estavam sendo perseguidos pelos próprios irmãos. Marcos 13.12 e Mateus 10.21. Do outro lado, os que escapavam das mãos dos “judeus”, eram denunciados falsamente por esses às autoridades romanas. Marcos 13.9. Para Hale, “os judeus”, se tornaram inimigos ativos de Deus. São eles que perseguem os servos de Jesus.¹¹ Por isso são chamados de sinagogas de Satanás (HALE, 1983, p. 71).

A deusa mais importante foi Artêmis, chamada pelos romanos de “Diana”. Essa deusa foi caracterizada como a divindade responsável pela fertilidade. No tempo da expansão do movimento de Jesus, Éfeso foi à cidade onde houve o maior crescimento desse segmento cristão, superando praticamente todas as regiões da Ásia Menor. (GUIMARÃES, 2011, p. 18).

No ano 90 ao início do século I, Éfeso gozava de certa tranquilidade e liberdade religiosa. O movimento de Jesus nessa época também participou dessa liberdade de expressar a fé, porém no final do primeiro século, no contexto da primeira carta de João, algumas perseguições começam acontecer contra os seguidores de Jesus, resultado da união “dos judeus” e o “mundo”, que aqui simboliza o império romano (BROWN, 1999, p. 42-43; PERKINS, 2011, p. 742; BRUCE, 1987, p. 41 e MAZZAROLO, 2000, p. 34).

Nem sempre a expressão “os judeus” e “o mundo” traz um sentido pejorativo. O autor deseja apontar os que se opõem e resistem às propostas de Jesus. A razão pela qual o autor Joanino insiste em dizer que “o mundo”, tem um sentido mais

¹¹ Deve-se evitar esse tipo de generalização preconceituosa. Nem todos os judeus faziam isso. Provavelmente a expressão “sinagoga de Satanás” refira-se aqueles que ativamente se colocavam contra o movimento dos seguidores e seguidoras de Jesus. E Jesus, e grande parte das comunidades perseguidas também eram judeus.

amplo, significa que esses rejeitaram o enviado de Deus (CHARPENTIER, 1992, p. 94; KONINGS, 2005, p. 37 e CARSON, 2007, pp. 38.62).

Para Konings (2005, p. 37) o “mundo”, em João não é uma autoridade cósmica, mas é a criatura de Deus, que muitas vezes age de forma ingrata.

Em relação à época, a problemática é entender em que tempo da história essas perseguições ocorreram. Nos sinóticos, talvez por serem ainda o início desses agrupamentos e por não oferecerem riscos à religião, essas afirmações acerca das expulsões não estão evidentes. Não há referências claras nos Evangelhos sinóticos de que as autoridades judaicas decretaram alguma sentença em relação às sinagogas, durante a vida de Jesus.

Outra questão não menos importante que se deve levar em consideração, é que possivelmente o Quarto Evangelho seja fruto de pelo menos três redações. Desta forma em cada uma dessas camadas foram acrescentadas novas histórias, o que tornou a obra anacrônica e, ao mesmo tempo não só de um autor. Cabe imaginar em qual camada se encaixa a expulsão das sinagogas e a que época e camada pertence o contexto da redação final do quarto Evangelho. Essas camadas talvez poderiam ajudar no estudo mais aprofundado das cartas Joaninas (FABRIS; MAGGIONI, 1992, p. 262 e MAZZAROLO, 2000, p. 24).

A ausência de referências em textos judaicos acerca das expulsões das sinagogas talvez confirme a possibilidade de a obra ser realmente um anacronismo. A expressão “ἀποσυνάγωγος-*aposynágōgos*” (excomungado da sinagoga), é referência especificamente Joanina (João 9.22; 12.42; 16.2). Essa expressão está ausente praticamente nos demais textos do Novo Testamento, quase todos anteriores aos escritos joaninos. Não está claro que no tempo de Jesus algo semelhante havia acontecido. Todavia não é descartada a probabilidade dessas exclusões terem acontecido durante o ministério de Jesus, ainda que isoladamente e em forma de afastamentos com fins corretivos (BROWN; OSIEK; PERKING, 2011, p. 1502; MURPHY e O’CONNOR, 2011, p. 463).

Existe quem acredite que essas expulsões não ocorreram, foram acontecendo durante toda a história Joanina e de modo gradativo. Desde o início do movimento de Jesus, podem ter acontecido pequenas expulsões localizadas (Atos 6.7;9). Deve-se tomar cuidado com essas referências acerca das exclusões, e como dito a pouco, deve-se considerar a possibilidade de seus anacronismos.

Acerca disso, Konings relata que ainda existem dúvidas, se essas referências devem ser situadas no final do século I, ou no início do século II, pois boa parte da história contemporânea de Jesus também pode ser um anacronismo (KONINGS, 2005, p. 43). Um exemplo comentado é a questão da mulher samaritana de João 4, e o evangelho anunciado por ela em Samaria. Atos 8.1-25 informa que tal evangelização só aconteceu após a ressurreição de Jesus, anunciada pelo evangelista Felipe (BROWN, 1999, p. 40).

Outra problemática aqui seria a expressão utilizada pelo autor Joanino “ἐξέβαλον αὐτὸν ἔξω”, “*eksébalon autón éksō*” (João 9.34). Expressão que tanto poderia significar “expulsão”, como simplesmente apenas uma “correção”, ou até mesmo um “afastamento”, da sinagoga. O que dizer então no que tange a João 9.22, onde os pais do cego de nascença confessaram explicitamente que tiveram medo de mencionar a cura realizada por Jesus? Não queriam correr o risco de serem excluídos das sinagogas pelos judeus.

O texto leva a entender que a pena era aplicada no tempo de Jesus. Antecipa a cena situando-a no tempo de Jesus. Esse era um recurso utilizado pelos redatores para reforçar a resistência dos seguidores de Jesus. Como Jesus enfrentou isso em seu tempo, nós também devemos enfrentar isso agora. O certo é que, como mencionado anteriormente, não há nenhum documento histórico e até judaico que comprove se realmente aconteceram essas expulsões. Assim, a interpretação mais plausível é que esses textos são anacrônicos, onde a comunidade Joanina do ano 90-100 projeta ao passado a situação do momento (SCHNACKENBURG, 1980, pp. 314-315; FABRIS; MAGGIONI, 1992, p. 254; VIELHAUER, 2005, p. 465 e CASALEGNO, 2009, p. 35).

Os seguidores de Jesus foram tolerados nas sinagogas durante certo tempo, porém com a destruição do templo em Jerusalém, os judeus foram privados de privilégios cúlticos pelos romanos. Também com a destruição do templo, resultou no fim dos sacrifícios e do sacerdócio. Automaticamente os cristãos ligados ao judaísmo também tiveram suas perdas.

A invasão do ano 70 deixou os fariseus inseguros em razão do tamanho da crueldade e da violência desencadeada pelos romanos. O receio de Roma ainda causava aos judeus muitos tremores, sabiam que muitos de seus irmãos não foram poupados por Roma. Por falta de segurança os fariseus migraram para Jâmnia e ali iniciaram um trabalho árduo na escrita da tradição dos pais.

A partir de então, em Jâmnia, localizada hoje em “Tel Aviv”, muitos rabinos se uniram à ordem farisaica de Hillel e formaram uma nova comunidade em torno do *Torá*. O ano 90 é o ápice dos conflitos e inicia-se o processo de expulsão dos seguidores e seguidoras de Jesus das sinagogas. O judaísmo a partir de então entra em um real conflito contra o movimento de Jesus “A relação entre a sinagoga judaica e a comunidade cristã é agora de conflito aberto” (KONINGS, 2005, p. 32 e GASS, 2016, p. 23-26).

Nesse trabalho de reescrita da lei, elaborou-se uma espécie de codificação da lei de Deus, a *Torá*, que durou aproximadamente desde logo após a destruição de Jerusalém até o ano 200. Como anteriormente mencionado, essa codificação foi denominada de a “*Mishnáh*”. Um comentário foi elaborado com base nessa obra, que chamaram de “*Gemarah*”. A união dessas duas obras, “*Mishnáh* e *Gemarah*”, deram origem ao chamado “*Talmud*”.

Hale (1983, p. 19) relata que o Talmud foi publicado em duas etapas. A primeira edição foi denominada de “*Talmud Palestino*”, a qual teve sua conclusão final somente no quarto século. Este material ainda demonstrava notas passíveis de correções. A segunda edição foi denominada como o “*Talmud Babilônico*”, este foi melhor organizado e mais completo, veio a ter sua forma concluída somente em meados do quinto século.

Os seguidores de Jesus foram rejeitados pelos “judeus”, e proibidos de frequentarem as sinagogas (BROWN, 1999, p. 42). A perseguição que até então se restringia à Palestina e sua região se estendeu também até a Ásia Menor chegando inclusive em Éfeso. A partir de então, não havia mais tolerância nas sinagogas para com os seguidores de Jesus. “[...] se tornou evidente que o cristianismo (Sic), e o judaísmo haviam se separado definitivamente, com nenhuma esperança de reconciliação” (HALE, 1983, p. 20).

Em vista do grande conflito judaico-cristão, a comunidade Joanina se viu apurada, pois era agora vista como suspeita pelas sinagogas e pelo imperador. Não encontraram mais espaço com seus irmãos judeus, os quais consideraram o novo movimento culpado de tamanha perseguição romana contra o judaísmo. Talvez aqui poder-se-ia situar o texto de João 16.2, no ano 90 ou 100, somente perseguir não seria suficiente, mas, sim, também matar os hereges, pois isso seria parte do zelo no culto a Deus.

Bortolini (1994, p. 151) relata que tão grande foi a violência, que os seguidores de Jesus foram considerados como marginais marcados para morrer, e isso em nome de Deus. O autor relata que nos maiores crimes da humanidade, geralmente o que está envolvido é o fator religião, esses crimes foram realizados inúmeras vezes como parte de zeloso culto a Deus.

Em meio a esse contexto de perseguição e violência em nome da religião e de Deus, ocorre a composição final do quarto Evangelho. Contexto que leva a deduzir que o Evangelho de João, colocando João 16.2 na boca de Jesus, verdadeiramente foi escrito para fortalecer esses irmãos perseguidos no final do século I e início do século 2.

O endereço de composição do Evangelho seria então a Ásia Menor, em específico, Éfeso. Carson acredita que nesta época os cristãos poderiam estar na tentativa de dialogar com a sinagoga local para encontrar um acordo, porém tal diálogo nunca aconteceu e sim este “diálogo”, é a tradução para o “confronto religioso”, (CARSON, 2007, p. 39).

Acerca disto Konings afirma que:

O Evangelho de João conheceu sua redação final na atmosfera de conflito com esse novo judaísmo, chamado de “judaísmo formativo”, depois de 80. Talvez as alusões à exclusão da sinagoga (Jo 9,22; 12,42) se refiram a uma decisão do grupo de Jâmnia (mas a perseguição aos cristãos (sic) nas sinagogas pode ser bem mais antiga, como provam os textos de Marcos e da fonte Q usada por Mateus e Lucas). - Depois da destruição do Templo (70 d.C.), que ensejou a restauração do judaísmo (Jâmnia) nos anos 80-100, situar-se-ia a redação final da obra como chegou até nós, acentuando a referência à comunidade e seu conflito com o nascente judaísmo rabínico (KONINGS, 2005, pp. 32.33).

A partir de então, os anos 90, marcariam uns dos momentos mais conflituosos da história da religião, entre judaísmo e cristianismo, se não o mais conflituoso. Como dito, essa época é o possível momento da conclusão do quarto Evangelho. Sua redação final se deu nesse ambiente marcado pela perseguição, intolerância, exclusões e até mortes em nome de Deus, como parte do zelo no culto.

Após a expulsão da sinagoga e da conclusão do quarto Evangelho, a Comunidade do Discípulo Amado teve continuidade nas epístolas, também com reflexos na redação do Apocalipse. O resultado da rejeição de seus irmãos “os

judeus”, como referido, uniu ainda mais a comunidade Joanina (BROWN, 1999, pp. 97,151).

Agora com o quarto Evangelho concluído, o objetivo é fortalecer a fé dos irmãos que ainda sofrem muitas perseguições por parte das sinagogas e por parte do Império. Como se sabe, o Evangelho de João foi escrito para fortalecer estes irmãos perseguidos do final século I. O universo cristão do final do primeiro século estava miscigenado por vários tipos de segmentos cristãos. Havia, entre outros, cristãos judeus, cristãos apostólicos e cristãos de origem paulina. Uns mais radicais na prática do amor ensinado por Jesus, como as comunidades de origem Paulina (Gálatas 3.26), e como as comunidades Joaninas, outros já acomodando a mensagem do Evangelho às estruturas, hierarquias e desigualdades do império romano, como aquelas correntes representadas pelos cristianismos das chamadas cartas pastorais como Timóteo, Pedro, ou as dêutero-paulinas, como Efésios, que já admitem a escravidão, e recomendam a submissão da mulher aos homens, e tratam de modo especial a ricos e poderosos.

O cenário da primeira carta de João parece ser o de uma grande cidade bem estruturada, ao contrário de segunda carta de João e da terceira carta de João, onde as igrejas parecem estar espalhadas nas casas dos fiéis, como foi o costume da época. Brown sugere a ideia de diferenciar “a comunidade Joanina”, indicando as igrejas dos grandes centros, de “cristandade Joanina”, para referenciar o complexo das regiões provincianas onde se encontravam as igrejas (BROWN, 1999, p. 103). Durante as viagens missionárias, era comum passarem por regiões provincianas confirmando os irmãos, pois nessas regiões havia por toda parte muitas casas-igrejas. Em uma dessas viagens missionárias, o autor percebeu a necessidade de enviar a segunda e terceira epístola de João às comunidades provincianas.

O que parece é que o autor de 1 João está situado em um grande centro, em uma igreja influente do qual ele era o responsável pela ordem e doutrina pastoral. Nesta “grande” igreja se levantaram pessoas que não andavam conforme a doutrina. Entre eles, o cabeça da desordem é alguém chamado “Diótrefes” (3 João 1.9). A primeira carta de João foi escrita como alerta, recomendando às igrejas que receberam as segunda e terceira cartas de João, localizadas nas províncias, para que não recebessem os hereges. Estes haviam se rebelado contra a igreja do centro, “a comunidade Joanina maior”. Estavam a caminho das igrejas localizadas nas províncias com intenção de perverterem a muitos. *“Se alguém vem ter convosco*

e não traz esta doutrina, não o recebais em casa, nem tampouco o saudeis” (2 João 1. 10).

O escritor tem uma boa razão em escrever a carta: alertar os irmãos a tomarem cuidado com Diótrefes, pois ele estaria visitando as igrejas provincianas e semeando suas mentiras. Ele é alguém que gosta de exercer a primazia na igreja e não o serviço aos fiéis (3 João 1.9). A figura de Diótrefes era tão hostil à igreja que o próprio “presbítero” promete fazer uma visita (v14). A outra recomendação é que quem negar a Jesus vindo em carne deveria ser excluído da igreja (2 João 7,10,11). Estão negando a importância de Jesus e estão arrastando atrás de si muitos adeptos.

A preocupação do autor de 1 João é alertar a igreja contra os rebeldes, pois esses são os anticristos e trabalham para o demônio. Esses rebeldes não amam aos irmãos e ainda que afirmem que têm comunhão com Deus, não guardam os mandamentos e dizem que o peso do pecado não cairá sobre eles (1 João 2.18; 3.10-24; 4.1-6). Em relação a este tema, dar-se-á continuidade à questão econômica iniciada no ponto 3.11. Destaca-se a importância da formação econômica, porém agora afunilando para a categorias dos pobres que viviam na região de Éfeso. A maneira como se formou, no judaísmo da diáspora, diferia em partes do judaísmo da Palestina. É sabido que por volta do ano 30 aos anos 70, os pobres na Galiléia eram a maioria da população. No século I, a questões econômicas e políticas, estavam concentradas nas mãos de uma pequena elite.

Essas concentrações de poder aquisitivo e de domínios políticos, não ultrapassou de 5% a 7% da população da época e, como sempre, o pobre é o que mais sofria por tamanha desigualdade social. Poderia se dizer que Éfeso, Colossos e outras regiões cosmopolitas, regiões provincianas romanas, eram aonde se concentravam as maiores riquezas. (GUIMARÃES, 2011).

Em Éfeso, na diáspora, a comunidade judaica foi formada por judeus de diferentes níveis econômicos, desde ricos e pobres. Nas famílias mais abastadas, geralmente a casa era o local que também abrigava suas pequenas empresas e comércios. Trabalhavam no comercio do vinho, azeite, obras de cerâmica e alguns com transportes marítimos e por terra.

Na aristocracia judaica, geralmente seus representantes eram ricos por descendência dos antepassados da Judéia. Não eram aristocratas à maneira da aristocracia greco-romana gentia, com algumas exceções (GINGRICH; DANKER

1993, p. 169 e ARENS, 1997, p. 47,131-132). Como iniciado no ponto 3.1.1, no mundo judaico da diáspora, o judeu pobre não se distinguia entre “*pénes*” e “*ptochós*”, pois todos eram considerados socialmente “iguais”.

Em nível de esclarecimento, o “*pénes*”, se encaixaria no que em parte chama-se hoje de “classe média e média baixa”. Não se pode classificá-los materialmente como indigentes ou miseráveis. Esses formavam a maioria dos habitantes dos povoados e das cidades. Mesmo assim os “*pénes*” incluíam todos que utilizavam da força do trabalho braçal para ganhar o sustento.

Poderiam ser escravos ou livres, incluindo os que eram artesãos, comerciantes de porte pequeno, pedreiros e aqueles profissionais que gozavam de um nível de vida mediano ou acima da média. Conforme Gingrich e Danker (1993, p.162), esses pobres foram divididos em duas classes: os denominados como “*πένης* - *pénes*” no grego, “*pauper*” em latim, e os chamados de “*πτωχός* - *ptôchós*”, (ARENS, 1997, p. 130 e JEREMIAS, 2010, pp. 10-11).

Os “*ptôchós*” eram todos os que viviam em extrema miséria, muito abaixo do “*pénes*”. O termo geralmente significava alguém que era pobre em relação aos bens deste mundo, ou seja, era um pedinte, miserável e impotente. Também poderia indicar aqueles que, para sobreviverem necessitam mendigar, os chamados mendigos. Dir-se-ia hoje que são os que vivem abaixo da linha da pobreza. Estes indivíduos estavam no nível mais baixo da situação econômica da época.

Esses “*ptochós*”, conforme Gingrich e Danker (1993, p. 182), são definidos pelo termo grego como um indivíduo que se coloca de “cócoras”, ou seja, aquele que se agacham ou o que se encurvam. Por algum motivo lhes eram negadas a possibilidade de trabalhar. Desta forma, suas vidas estavam decretadas para a extrema pobreza, iriam morrer mendigando. Não se sabe a proporção destes “*ptôchós*”, no final do século I, na Ásia Menor. Pelas referências do Novo Testamento, considera-se que foi um número considerável.

Arens expressa que, em Roma, essa proporção foi menor que na Ásia Menor (ARENS, 1997. pp. 23-133). Essas observações econômicas valem para todas as províncias romanas da Ásia Menor e, em certo ponto, para Jerusalém e Palestina, também dominadas pelo império romano.

Havia na diáspora, inúmeros judeus que vieram vendidos como escravos, depois da destruição de Jerusalém pelo general Tito. Nas primeiras formações das comunidades cristãs ainda havia muitos judeus na condição de escravos. Havia os

que conseguiram se tornar cidadãos romanos, e outros eram ex-escravos, livres, emancipados, que foram levados a Roma.

Um escravo podia obter a liberdade. Condição essa, característica de outro nível social: os libertos. Os libertos eram pessoas que anteriormente na condição de escravos puderam obter a liberdade como resultado de um gesto de gratidão do seu senhor (manumissão), ou pela compra de sua liberdade (redenção). No entanto, as possibilidades para a liberdade do escravo eram controladas de forma que não houvesse um grande número de libertos. Ou seja, era “bom” que não houvesse muitos libertos¹².

Já os judeus habitantes da diáspora eram considerados pelo império romano como peregrinos, salvo aqueles que, como dito há pouco, conseguiam o direito de cidadania romana. Um judeu muito conhecido no texto bíblico que conquistou a cidadania romana, segundo Atos dos Apóstolos, foi Paulo de Tarso¹³. À semelhança de Paulo, alguns judeus da diáspora conquistaram o direito de ser um cidadão romano, porém tiveram que fazer algumas renúncias.

Muitas vezes, a condição para conquistar esse direito seria reduzir algumas práticas judaicas ou até renunciá-las por completo. Isto pode ser percebido através de muitos nomes judaicos com sobrenomes romanos. A exemplo de Flávio Josefo, o judeu da Palestina cujo nome anteriormente havia sido, José Ben Matias (ARENS, 1997, p. 166).

Uns dos meios mais rápidos de conquistar a cidadania romana era por meio de um título “*ad honorem*”, ou seja, por honra. Isto se dava várias vezes por alguém que ocupou um cargo público ou que realizou alguma obra que foi considerada digna de um cidadão “patriótico”.

Na maior parte do tempo que os judeus habitaram na Diáspora, estiveram bem adaptados e integrados à sociedade; não tinham muitas inimizades notórias. Os judeus mais abastados faziam algumas doações altíssimas para conquistar seu espaço. Em Esmirna, no Século II, a arqueologia comprova que os judeus chegaram

¹² Protestantismo em Revista | São Leopoldo | v. 34 | p. 160-178 | maio/ago. 2014 Disponível em: < <http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp>>. Acesso em: 18 fev. 2018.

¹³ O que historicamente pode não ser verdadeiro, uma vez que nas cartas escritas pelo próprio apóstolo, este fato não é mencionado. Ali, pelo contrário, Paulo relata ter sido preso e sofrido açoites várias vezes, pena que não era aplicada a cidadãos romanos.

a doar para as construções cerca de mil dracmas. Também foi encontrada em Mileto uma inscrição em um teatro, demonstrando que alguns judeus tiveram ali não poucos lugares nobres reservados. Isto comprova que já estavam bem situados e adaptados nessas regiões, no século I.

Embora, em muitas regiões, o povo judeu vivesse em paz, havia em alguns lugares, como em Éfeso, conflitos entre os helenizados e os judeus de tradições mais ortodoxas. Na Palestina, em específico na Judéia e Galileia, havia pontos de concentração dos maiores conflitos. Os judeus consideravam seus irmãos helenizados como apóstatas, pois ofendiam a pureza da tradição, ainda mais quando assimilavam alguns aspectos pagãos com a Lei de Moisés e a tradição rabínica. Como a formação do cristianismo e sua base principal estavam nas raízes judaico-cristãs e boa parte de seus adeptos eram judeus, muitos problemas surgiram para os seguidores de Jesus, principalmente para seus convertidos judeus que frequentavam as sinagogas (KÖSTER, 1988, p. 283-284).

4 O AMOR COMO RESPOSTA AOS DIREITOS SOCIAIS DOS EXCLUÍDOS NA COMUNIDADE JOANINA

A sociedade de Éfeso foi marcada por suas práticas escravagistas! Toda próspera riqueza que essa cidade produzia foi a partir do trabalho escravo. Era bem provável que dois terços da população fosse pobre, da classe dos “ptochós,” e que a grande maioria dessa classe era de pessoas escravizadas, vivendo à margem da sociedade! Um escravo não tinha valor, era apenas uma mão de obra para os “*plouúsios*”. Os escravos eram considerados como uma propriedade qualquer, por vezes eram alvos de injustiça, violência e crueldade.

O mundo greco-romano, baseado na sociedade escravagista do império romano, está marcado pela desigualdade, injustiça, miséria, fome, opressão e violência. É o mundo da morte, promovido pelo “Maligno”. O que se percebe no mundo greco-romano, também chamado de “helenista”, é a realidade desumana dos pobres e escravizados. Em geral, cerca de dois terços – duas em cada três pessoas – da população da cidade greco-romana como Éfeso é constituída de escravos, vivendo na miséria e insegurança (NAKANOSE; MARQUES, PRELO).

O texto bíblico há muito já alertava “Quem, pois, tiver bens do mundo, e, vendo o seu irmão necessitado, lhe cerrar o seu coração, como estará nele o amor de Deus? Meus filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas por obra e em verdade”. (1 João 3.17,18) Essa passagem bíblica é contundente. A pergunta do apóstolo João demonstra que a ajuda ao necessitado é um teste da genuína fé cristã. O escritor deixa bem claro que este amor não pode ficar apenas em palavras.

O grande desafio hoje da igreja está em olhar aos irmãos no mundo que sofrem muito com a escassez e vencer o distanciamento entre os que têm posse e os que não têm. “No capitalismo, o critério último de valorização é o sucesso econômico ou a quantidade de dinheiro que a pessoa possui e ostenta. E como a cultura dominante na sociedade penetra todos os campos da vida social, até mesmo o campo religioso, é normal que as religiões e Igrejas queiram mostrar-se valorosas por meio de exposição pública ou de ostentação de riquezas.” (SUNG, 2018, p. 7). De acordo com a OXFAM:

A desigualdade econômica extrema disparou no mundo durante os últimos 30 anos, transformando-se em um dos maiores desafios econômicos, sociais e políticos do nosso tempo. Desigualdades antigas com base em gênero, casta, raça e religião – injustas por si só – são exacerbadas pela crescente distância entre aqueles que têm posses e os que não as têm. (OXFAM, 2016, p. 5)

Para demonstrar-se o amor de Deus é necessário observar as necessidades que se apresentam no presente momento, não fechando os olhos e sim indo ao encontro daqueles que sofrem:

Como seres descartáveis do sistema e da própria condição social, os pobres são os que mais sofrem, pois, a opressão lhes inculca a condição de seres alienados que aceitam e se submetem a qualquer forma de exploração para que possam, no mínimo, sobreviver. (NASCIMENTO, 2010, p.148).

“Amados, amemo-nos uns aos outros, porque o amor é de Deus e qualquer que ama é nascido de Deus e conhece a Deus. Quem não ama não conhece a Deus. Por que Deus é amor” (1 João 4.7,8).

Como pode alguém dizer que tem o amor de Deus em sua vida se, tendo condições, não ajuda àqueles que precisam? João afirma, então, que não podemos amar de palavras, mas por obras e em verdade.

A declaração do apóstolo é importante para desfazer certa desconfiança do movimento cristão em torno da palavra “obras”. Isso se deve em grande medida à interpretação equivocada de Gálatas: “Sabendo que o homem não é justificado pelas obras da lei, mas pela fé em Jesus Cristo, temos também crido em Jesus Cristo, para sermos justificados pela fé em Cristo e não pelas obras da lei, porquanto pelas obras da lei nenhuma carne será justificada” (Gálatas 2.16).

O cuidado pelos desfavorecidos, as obras de misericórdia e o compartilhar os bens com o próximo não podem ser vistos como uma ferramenta destinada a melhorar a condição espiritual de um homem diante de Deus. Sobre isto, o apóstolo Paulo é bem enfático ao dizer: “Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie” (Efésios 2.8,9). As obras de caridade, contudo, são a expressão exterior e inevitável de uma

fé que acontece no mais profundo do coração de uma pessoa. Não há como possuir fé genuína sem que isso se manifeste em atos de misericórdia, amor e compaixão pelo próximo. O livro de Tiago estabelece o equilíbrio: “Mas alguém dirá: Tu tens fé, e eu tenho obras; mostra-me essa tua fé sem as obras, e eu, com as obras, te mostrarei a minha fé” (Tiago 2.18). É crucial também perceber que Paulo, em Gálatas 2.16, se refere às obras da Lei, e não às obras de caridade. Tanto uma quanto outra não são capazes de levar o ser humano a se restabelecer espiritualmente diante de Deus. Todavia, as obras de caridade refletem os frutos de uma relação restaurada entre o homem e Deus – vale dizer: sua salvação. Em outras palavras: a fé se manifesta em obras. É por esse motivo que Tiago declara: “Assim também a fé, se não tiver as obras, é morta em si mesma” (Tiago 2.17). A esse respeito, Alexandre Coelho afirma: “A fé sem obras é igualmente passível de ser extinta, de ser apenas um movimento intelectual” (COELHO, 2014, p. 92).

Ao considerar a encarnação de Deus, é possível entender o que realmente significa a identificação de Deus com o fraco, o pobre e do doente [...]. Deus não se tornou carne como um aristocrata rico - sinônimo de sucesso [...] (ROSSI, 2017, p. 104).

Pensando nisto, a comunidade cristã deve andar na contramão do patronato. No ato de seguir após Jesus, a ideia do Messias encarnado deve promover a solidariedade para com os pobres. Essa solidariedade deve contribuir para que o rejeitado tenha liberdade e dignidade. Não deve fazer distinção de pessoas como fez o mundo greco-romano (NAKANOSE; MARQUES, PRELO). É dever de cada cristão promover a prática da justiça sem privilegiar um grupo seletivo em detrimento dos indefesos e menos privilegiados. A prática do amor de Deus representado em Jesus de Nazaré pode ser seguida como um paradigma para todo cristão. Pode haver teologia, mas sem prática da fé cristã demonstrada nas obras, a teologia será apenas um pensamento distante, mesmo que ortodoxo.

4.1 DESIGUALDADE SOCIAL: DESAFIOS PARA O AMOR NA PRÁTICA – 1 JOÃO 3.16 -18

Nisto conhecemos o amor: porque aquele dispôs sua vida em favor de nós. E nós também devemos dispor nossas vidas em favor dos irmãos. Quem então, tiver os bens do mundo, e vir seu irmão tendo necessidade e fechar o seu coração “ou entranhas” para ele, como permaneceria nessa pessoa o amor de Deus? Filhinhos, não amemos “meramente” de palavra nem com a língua, mas com ações e verdade. (1 João 3:16-18).

A desigualdade social no mundo tem chegado aos seus piores extremos. Em nível global, os dados demonstram números preocupantes. O aumento na concentração das riquezas centralizadas em uma minoria revela o quanto a pobreza cresce no mundo. Para maior esclarecimento, seguem alguns dados no relatório apresentado pela Oxfam do Brasil em janeiro de 2018, sobre a realidade do distanciamento entre ricos e pobres:

“A crise da desigualdade global está chegando a novos extremos. O 1% mais rico da população mundial detém mais riquezas atualmente do que todo o resto do mundo junto. Poderes e privilégios estão sendo usados para distorcer o sistema econômico, aumentando a distância entre os mais ricos e o resto da população. Uma rede global de paraísos fiscais permite que os indivíduos mais ricos do mundo escondam 7,6 trilhões de dólares das autoridades fiscais. A luta contra a pobreza não será vencida enquanto a crise da desigualdade não for superada” (OXFAM, 2016, p.1).

No mesmo relatório há um dado importante sobre o impacto destruidor ao meio ambiente, causado pelos mais abastados:

“A Oxfam também demonstrou recentemente que embora as pessoas mais afetadas pela pobreza vivam em áreas mais vulneráveis a mudanças climáticas, a metade mais pobre da população mundial é responsável por apenas cerca de 10% de todas as emissões globais de gases do efeito estufa. E em todo o mundo, o impacto ambiental médio do 1% mais rico da população mundial pode ser até 175 vezes mais intenso que o dos 10% mais pobres” (GEORGES, 2016, p.5).

Sem dúvida, as grandes marcas da injustiça social predominante hoje são a exclusão social e a profunda desigualdade social que marcam a globalização. (SUNG, 2019, p. 12).

“No início de 2017, os seis maiores bilionários do País juntos possuíam riqueza equivalente à da metade mais pobre da população. Ao mesmo tempo, iniciamos o ano com mais de 16 milhões de pessoas vivendo abaixo da linha da pobreza. Entre os países para os quais existem dados disponíveis, o Brasil é o que mais concentra renda no 1% mais rico, sustentando o 3º pior índice de Gini na América Latina e Caribe (atrás somente da Colômbia e de Honduras). Segundo o último Relatório de Desenvolvimento Humano do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) o Brasil é o 10º país mais desigual do mundo, num ranking de mais de 140 países. Por aqui, a desigualdade é extrema” (GEORGES, 2017, p.6)

Veja abaixo um gráfico apresentado pela Oxfam:

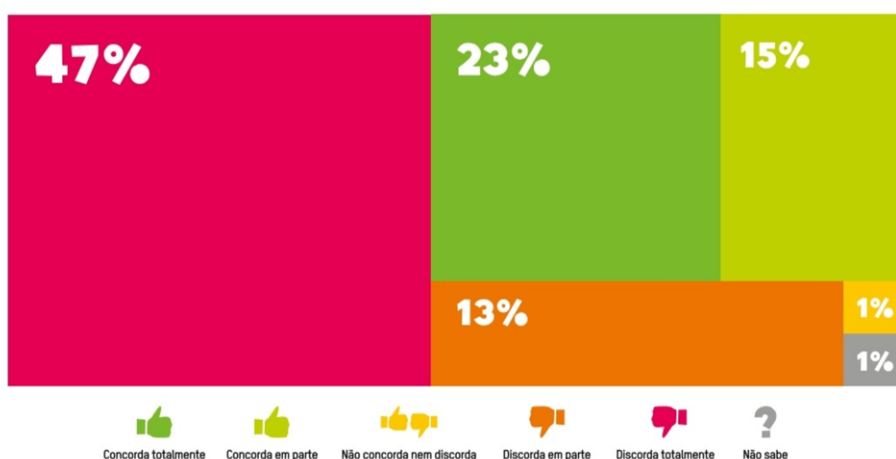


A afirmação de que, “por meio de muito esforço de trabalho dos pobres, equipara-se a chance deles terem uma vida tão bem-sucedida quanto a daquelas pessoas nascidas ricas e que também trabalham muito” foi rechaçada, em algum grau, por 60% dos respondentes, demonstrando que uma maioria de brasileiros não acredita no “esforço pessoal” como saída única para a redução de desigualdades. Essa percepção reforça a importância do papel do Estado.

(Também da Igreja)

// GRÁFICO 17.

“No Brasil, uma pessoa de família pobre e que trabalha muito tem a mesma chance de ter uma vida bem-sucedida que uma pessoa nascida rica e que também trabalha muito” – população geral



Essas informações levam a refletir e fazer duas perguntas pertinentes ao tema: Qual a razão de tamanha concentração e desigualdade? Que argumentos os seguidores de Jesus teriam para validar esta situação, visto que os cristãos foram chamados para a prática da justiça e do bem comum?

A história mostra que as riquezas sempre estiveram nas mãos de uma minoria rica, construída à custa dos pobres. Como se pode ver nos antigos impérios, nas cúpulas do sistema religioso, nos que se apropriaram de forma indevida das terras para explorar suas riquezas naturais dizimando os que primeiro chegaram, no comércio de escravos e mercadorias, e mais tarde nas grandes indústrias, por meio do trabalho semiescravo com mão de obra barata. Eis uma pista para a primeira pergunta. A exploração, a ganância e a ausência de uma economia solidária são

razões fortes para a causa da desigualdade social no mundo, que afortuna de forma crescente uma minoria? Nesta realidade observa-se a ausência das comunidades religiosas que deveriam cumprir seu papel deixado por Jesus Cristo a ela.

No início de 1970, Hugo Assmann escreveu:

Se a situação histórica de dependência e dominação de dois terços da humanidade, com seus 30 milhões anuais de mortes por fome e desnutrição, não se converte no ponto de partida de qualquer teologia cristã hoje, mesmo nos países ricos e dominadores, a teologia não poderá situar e concretizar historicamente seus temas fundamentais. Suas perguntas não serão perguntas reais. Passarão ao lado do homem real. Por isso, [...] é “necessário salvar a teologia do seu cinismo”. Porque realmente, diante dos problemas do mundo de hoje, muitos escritos de teologia se reduzem ao cinismo (ASSMANN, 1976, p. 40).

Na atualidade, as grandes indústrias produzem de forma acelerada e com metas exorbitantes, sem levar em conta uma economia solidária que coopere para a sociedade. Neste caso, buscar uma economia participativa, comunitária e justa, que não acumula em detrimento da exploração de mão de obra. Esta visão capitalista muitas vezes se mostra insensível às pessoas. Tem sua base no neoliberalismo que visa unicamente o lucro e o acúmulo de riquezas.

A produção industrial não deve ter como objetivo levar as pessoas somente a uma cultura de consumo a partir de um viés capitalista. Padilla, em seu livro “Missão Integral: O Reino de Deus e a Igreja” comenta:

“Os centros urbanos não somente servem como base de operação para as grandes indústrias: A própria existência delas depende de sistematização, da organização de toda a vida em função de produção e do consumo. Por isso a cidade, pouco a pouco, vai colocando todos os homens num molde que absolutiza as coisas porque são símbolos de status, um molde que não deixa lugar para questões relativas no sentido do trabalho nem ao propósito de vida. O atual sistema industrial está a serviço do capital e não do homem”. (PADILLA, 2009, p. 88,).

Por isso, é do outro lado que se percebe a extrema desigualdade social, ao caminhar, ouvir e interagir com pessoas pobres na comunidade periférica, bem distante dos grandes centros e dos bairros elitizados.

Na sociedade hodierna (ruas sujas, frias e sem nenhum calor humano no que tange amor ao próximo) que se diz laica, não é difícil encontrar crianças descalças, desnutridas, e em muitas vezes vestindo um papel de trabalho quase que escravo, para subsistir. Hoje há uma grande parte da população de brasileiros e brasileiras, de fato e de coração, abandonados na margem e à mercê de uma sociedade hipócrita. Abastada de si, se observa hoje traços não só de desigualdade, bem como a perpetuação das consequências de tal fato, sendo claramente vividas dentro de uma sociedade imatura, irresponsável e totalmente egocêntrica.

Isso é uma referência clara do esquecimento de um dos maiores vieses bíblicos, onde Cristo deve ser o centro do ser humano e não o ego. Conforme Agnello (2010) “A prostituição pode ser definida como a troca consciente em favores sexuais por interesses não sentimentais, afetivos ou prazer. Apesar de comumente a prostituição consistir numa relação de troca entre sexo e dinheiro” (ANGELO, 2010, p. 15).

Infelizmente também se observa na sociedade homossexuais vítimas de violência, pessoas que entraram na vida sexual, não por idade, prazer ou possibilidades, mas sim por necessidades próprias ou de terceiros, e mesmo com tais verdades inúmeros cristãos não fazem nada a respeito.

Poder-se-ia em muito desnudar tais contextos sociais levantando as bandeiras preexistentes bem conhecidas por todos, porém não tratadas por muitos. Em tais ditas “sociedades cristãs,” os desempregados, pessoas com doenças graves e mães que choram a perda de seus filhos para o mundo do crime ou da violência policial e muitos outros personagens da periferia são vítimas desta desigualdade extrema, são protagonistas em um contexto de pobreza e miséria. Os cristãos não podem deixar de dar uma resposta à questão da desigualdade social que esmaga os pobres. Uma resposta consistente e a partir de um viés bíblico “1 João 3.18. Filhinhos, não amemos “meramente” de palavra nem com a língua, mas com ações e verdade.

O abismo que separa os pobres dos ricos de forma tão extrema tem como causa a ausência da justiça entre a humanidade. Não é por menos que a Bíblia está repleta de textos que abordam de forma enfática esta temática. São mais de três mil referências sobre justiça e pobreza, em sua maioria com um tom de denúncia e indignação da parte de Deus “1 João 3.17. Quem então, tiver os bens do mundo, e

vir seu irmão tendo necessidade e fechar o seu coração “ou entranhas” para ele, como permaneceria nessa pessoa o amor de Deus?

O acúmulo de riquezas em detrimento da miséria do outro tem sua base na idolatria, que por sua vez revela o “deus Mamom”, que se faz presente neste século.

O mal está instalado nas grandes estruturas e não habita somente em uma dimensão pessoal. O mundo jaz no maligno e por isso há potestades, dominadores e opressores neste mundo presente. (Efésios 6.12).

As palavras de Jesus revelam uma luz que faz entender, na perspectiva do Evangelho, a desigualdade social no mundo. “Ninguém pode servir a dois senhores; pois odiará a um e amará o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Vocês não podem servir a Deus e ao Dinheiro”. (Mateus 6.24). Mamom é uma palavra aramaica que significa dinheiro ou riqueza. Aqui Jesus personifica o dinheiro e usa o termo “servir”, em grego “δουλεύω – doyleuô ou douleuô”, que tem uma conotação cultural: serve-se a Deus ou a Mamom.

Com essa oposição entre servir a Deus e a Mamom, ele denuncia que o dinheiro foi elevado à categoria de divino, de absoluto. Com o uso do termo Mamom, ele nos revela que o dinheiro é um poder. Como diz Jacques Ellul, aqui devemos entender o termo poder não no sentido vago de força, mas num sentido muito específico, corrente no Novo Testamento: “O poder é algo que age por si mesmo, o que é capaz de mover outra coisa, que possui autonomia (ou finge ter), que segue a sua própria lei e se apresenta como sujeito. Essa é a primeira característica. A segunda é que o poder tem valor espiritual. Não pertence somente ao mundo material (embora aja sobre ele). Possui um sentido espiritual, ou seja, por um lado, uma significação espiritual, e por outro uma direção. O poder não é jamais neutro, ele é orientado e da mesma forma orienta os homens” (ELLUL, 2008, p. 79).

A dedicação e o amor ao dinheiro levam os acumuladores de bens a buscar mais riquezas, aumentando as estatísticas de uma desigualdade social extrema.

Ainda no sermão do Monte Jesus advertiu seus discípulos:

“Não acumulem para vocês tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem destroem, e onde os ladrões arrombam e furtam. Mas acumulem para vocês tesouros no céu, onde a traça e a ferrugem não destroem, e onde os ladrões não arrombam nem furtam. Pois onde estiver o seu tesouro, aí também estará o seu coração” (Mt 6.19-21).

“Não ameis o mundo, nem o que no mundo há. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele. Porque tudo o que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não é do Pai, mas do mundo. E o mundo passa, e a sua concupiscência; mas aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre” (1 João 2.15-17). O seguidor de Jesus deveria ser o primeiro a amar e se importar: “Amados, amemo-nos uns aos outros; porque o amor é de Deus; e qualquer que ama é nascido de Deus e conhece a Deus” (1 João 4.7)

Todo tipo de exploração e opressão sempre vem de cima para baixo. Os poderosos detentores do poder, os acumuladores, os religiosos e os sistemas políticos, sociais e econômicos que atendem a uma minoria dominante e que exclui os que sofrem tem como fator motivador o amor ao dinheiro e o desejo de dominar por meio do poder. “A dignidade e a humanidade dos excluídos tornam-se ou são socialmente tornadas invisíveis aos olhos dos que veem o mundo a partir da narrativa mítica neoliberal. Em um mundo em que a maioria não enxerga a dignidade humana dos excluídos e se torna indiferente ao seu sofrimento” (SUNG, 2018, p. 141). “Se alguém diz: Eu amo a Deus, e odeia a seu irmão, é mentiroso. Pois quem não ama a seu irmão, ao qual viu, como pode amar a Deus, a quem não viu?” (1 João 4.20).

São os amantes do deus da riqueza. “Nisto são manifestos os filhos de Deus, e os filhos do diabo. Qualquer que não pratica a justiça, e não ama a seu irmão, não é de Deus.” (1 João 3.10). Segundo o biblista Luiz Alexandre Rossi:

Justiça e julgamento são duas palavras-chave na Bíblia. A prática delas é um dos grandes mandamentos bíblicos (Gn 18,19), porque elas representam a tarefa com a qual o próprio Deus está comprometido. Entretanto, justiça e julgamento não podem ser promovidos de forma abstrata, mas somente em relação às situações desumanas em que vivem órfãos, viúvas e estrangeiros [...]. (ROSSI, 2017, p. 108).

O Papa Francisco, na exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, falando sobre o tema do vazio interior diz que “o grande risco do mundo atual, com sua múltipla e avassaladora oferta de consumo, é uma tristeza individualista que brota do coração comodista e mesquinho, da busca desordenada de prazeres superficiais, da consciência isolada” (PAPA FRANCISCO, 2013, p. 2). Ele diz: “Assim como o

mandamento ‘não matar’ põe um limite claro para assegurar o valor da vida humana, assim também hoje devemos dizer ‘não a uma economia da exclusão e da desigualdade social’. Esta economia mata” (PAPA FRANCISCO, 2013, p. 53). Entre uma economia que gera e defende a vida e uma economia que mata, a posição central encontra-se entre a vida e a morte. Para o Papa.

Uma das causas dessa situação [de exclusão social e indiferença em relação aos sofrimentos dos pobres] está na relação estabelecida com o dinheiro, porque aceitamos pacificamente o seu domínio sobre nós e as nossas sociedades. A crise financeira que atravessamos faz-nos esquecer que, na sua origem, há uma crise antropológica profunda: a negação da primazia do ser humano. (PAPA FRANCISCO, 2013, p. 55).

Lamentavelmente uma parcela considerável de cristãos tem caminhado pelo viés do amor ao dinheiro, contribuindo para o crescimento de uma desigualdade que gera miséria e pobreza. Na sua vida cristã limitam-se ao assistencialismo ou à manutenção de obras assistenciais. Seu amor não se transforma em uma solidariedade política, na busca de leis e de estruturas sociais promotoras de justiça social. Assim, para promoverem seu assistencialismo aproveitam-se das estruturas sócio-político-econômicas que são fabricantes de mais pobres. Com o assistencialismo, sentem-se legitimados e justificados como “pessoas de bem” na comunidade. Nesse conjunto encontram-se líderes de certas correntes religiosas que têm construído fortunas por meio da exploração da fé dos mais simples, e o que é mais grave, acumulam essas riquezas em nome de Deus. Para estes profissionais da fé, ser financeiramente próspero equivale a ter fé em Deus, ao passo que ser pobre desqualifica o status de ser humano de Deus. “Amados, não creiais a todo o espírito, mas provai se os espíritos são de Deus, porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo” 1 João 4.1.

Dentro deste mesmo contexto de exploração, a idolatria de consumo que serve ao dinheiro tem se infiltrado de forma gradativa no meio da comunidade de Jesus. Influenciados pelo neoliberalismo, o que importa é ter, sem levar em conta a condição social e econômica dos outros. Ter sucesso nos negócios sem uma perspectiva comunitária, construir patrimônio para si mesmo e consumir produtos para satisfazer seus desejos egoístas são algumas das marcas dos idólatras consumistas no contexto evangélico hoje. “Sim, bem, se você não pode dar [‘dispor’]

ao seu irmão as coisas supérfluas, como você vai dar [‘dispor’] sua alma ‘vida’ por seu irmão”? (BÍBLIA COMENTADA, 1965, p. 225-227).

Diante deste contexto de desigualdade, exploração e pobreza, como igreja, os cristãos devem urgentemente levantar-se com voz profética. Não a voz da profecia dos “adivinhos do futuro”, mas a da denúncia contra o pecado da injustiça, da avareza, da idolatria e do consumismo egoísta. Lutar por políticas que busquem uma economia solidária que inclua os menos favorecidos e que não tenha como prioridade os grandes lucros e a exploração de mão de obra barata. Que possamos ouvir o Espírito de Deus e ao mesmo tempo o mundo com seus anseios, sofrimento e dor.

4.2 O PAPEL DA IGREJA NA SOLIDARIEDADE AOS NECESSITADOS

Percebe-se que os trabalhos sociais assistenciais feitos por igrejas, ainda em pequena proporção, não conseguem dar uma resposta a muitas famílias abaixo da linha da pobreza. O Brasil está entre aqueles países com maior desigualdade do planeta. Um estudo recente sobre o imposto de renda – com base nos declarantes no Brasil entre 2007 e 2013, elaborado por Evilásio Salvador, revela o novo mapa da desigualdade no Brasil. Um ponto relevante na pesquisa mostra as absurdas distâncias entre as duas realidades.

Por exemplo, as realidades acerca dos sistemas tributários, como segue: “O Brasil tem um dos mais injustos sistemas tributários do mundo e uma das mais altas desigualdades socioeconômicas entre todos os países”. Além disso, os mais ricos pagam proporcionalmente menos impostos do que os mais pobres, criando uma das maiores concentrações de renda e patrimônio do planeta. Essa relação direta entre tributação injusta e desigualdade e concentração de renda e patrimônio é investigada no estudo ‘Perfil da Desigualdade e da Injustiça Tributária’, produzida pelo Instituto de Estudos Socioeconômicos (Inesc) com apoio da Oxfam Brasil, Christian Aid e Pão Para o Mundo (SALVADOR, 2016).

A Receita Federal também revela o aumento da desigualdade no Brasil:

“Os dados da Receita Federal analisados para o estudo revelam uma casta de privilegiados no país, com elevados rendimentos e riquezas que não são

tributadas adequadamente. Muitas vezes, sequer sofrem qualquer incidência de Imposto de Renda (IR). Por exemplo: do total de R\$ 5,8 trilhões de patrimônio informados ao Fisco em 2013 (não se considera aqui a sonegação), 41,56% pertenciam a apenas 726.725 pessoas, com rendimentos acima de 40 salários mínimos. Isto é, 0,36% da população brasileira detém um patrimônio equivalente a 45,54% do total. Considera-se, ainda, que essa concentração de renda e patrimônio está praticamente em cinco estados da federação: São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraná, agravando ainda mais as desigualdades regionais do país”.

Estes dados nos dão a resposta do porquê de tantas famílias viverem em um estado de pobreza extrema. Uma política tributária injusta que favorece os mais ricos, uma tributação que oprime o pobre, esmagando qualquer esperança de mudanças positivas quanto à sua qualidade de vida. É um processo crescente que aumenta a concentração de riqueza dos afortunados em detrimento dos mais pobres. Uma injustiça gritante em tempos de crise econômica.

Essa questão diz respeito à Igreja cristã. Contudo a mesma permanece em absoluto silêncio diante das injustiças aos mais pobres. Não se move nem fala. A Igreja está paralisada, muda, e isto é grave. Calar diante das injustiças faz com que os cristãos sejam cúmplices do sistema de opressão. Permanecer em silêncio ante a fome e a miséria dos sem voz colabora com o pecado dos opressores e usurpadores dos direitos e das necessidades humanas básicas, como alimentação e moradia.

The pope wants to liberate the Church from its self-absorption and self-referential narcissism on which he has often commented quite sharply. It is at the root of the exaggerated importance given to the defense of orthodoxy even when that goes against human dignity and basic human rights. Pope Francis wants the Church to take its gaze from its institutions, structures, maintenance and bureaucracy, and direct it to the larger world and its issues. No wonder that the manner he communicates makes Christian faith not so much a matter of doctrinal purity, but a crucial and challenging issue of right praxis in the midst of conflicts, contradictions and ambiguities that real life and human history present. »I prefer a Church«, says the pope, »which is bruised, hurting and dirty because it has been out on the streets, rather than a Church which is unhealthy from being confined and from clinging on to its own security. More than by fear of going astray, my hope is that we will be moved by the fear of remaining shut up within structures which give us a false sense of security. (WILFRED, 2014, p.139)

Por vez e outra a comunidade cristã incorre em erro e pecado. Aliás, tornou-se amiga íntima do neoliberalismo, pois não resistiu aos desejos nefastos do capitalismo, e esta é uma das fortes razões da igreja não se posicionar diante de um cenário de desigualdade extrema. A Igreja necessita de arrependimento.

Faz-se necessária e urgente uma releitura e compreensão clara por parte da igreja sobre a profecia atualmente. O resgate da voz profética da igreja, e uma ação que se movimente ao encontro dos que sofrem, certamente trarão respostas concretas para a realidade da desigualdade social em nosso tempo presente.

Dar voz aos que não têm voz e uma ação profética, que comece de baixo para cima, são os grandes desafios da comunidade cristã brasileira no cumprimento da missão profética. Essa voz profética não pode ser confundida com uma previsão futura ou ensino doutrinário na igreja, mas como a voz de Deus, por meio da comunidade religiosa, contra todo tipo de injustiça no mundo.

Então, a igreja deve rever o conceito de profeta e, por meio da voz e ação nas camadas mais baixas da sociedade, denunciar as injustiças. Deve seguir o exemplo do profeta João Batista que, com suas vestes de pele de camelo, com comida e vida simples, denuncia a usurpação do poder da elite em Jerusalém, opõe-se aos acordos maléficos entre o falso sumo sacerdote Caifás e o poder opressor de Roma. Ao mesmo tempo em que a comunidade Joanina estava se esforçando em passar da teoria à prática do amor e ao mesmo tempo lembrando a importância em dar nossas vidas pelos nossos irmãos, no pensamento de Brown, uma das maneiras de doar-se pelos irmãos, significava que os que tinham recursos deveriam socorrer aos necessitados. O autor observa que, na comunidade havia aqueles que eram bem abastados, “os cismáticos”, estavam cerrando o coração e abandonando aos seus irmãos pobres. (BROWN, 2002, p. 507)

Nakanose; Marques são da opinião que todo cristão deve se compadecer por aqueles que passam momentos de trevas e injustiças na sua vida, como expressa: “procurar perceber as realidades de trevas/injustiças e violências que existem em você, em sua família, em sua comunidade e no seu trabalho e procurar caminhos para dar passos em vista da comunhão com Deus e com as irmãs/os” (NAKANOSE; MARQUES, PRELO).

Dando continuidade a esse trabalho a comunidade Joanina, como Igreja de Cristo, necessita-se voltar os olhos às necessidades dos irmãos e irmãs. Para tanto não se pode cerrar os olhos.

4.2.1 Comunidade Joanina: a prática do amor – 1 João 3.16-18

Nisto conhecemos o amor: porque aquele dispôs sua vida em favor de nós. E nós também devemos dispor nossas vidas em favor dos irmãos. Quem então, tiver os bens do mundo, e vir seu irmão tendo necessidade e fechar o seu coração “ou entranhas” para ele, como permaneceria nessa pessoa o amor de Deus? Filhinhos, não amemos “meramente” de palavra nem com a língua, mas com ações e verdade. (1 João 3:16-18)

A partir deste momento será exposta uma análise a respeito de 1 João 3.16-18 a fim de um melhor esclarecimento do que realmente vem a ser um amor prático que se “dispõe” pelo seu próximo.

Antes de saber quem realmente ama com verdade seu irmão, no v.16 o escritor da primeira carta já começa com a preposição “ἐν-en”, ou seja “em, no ou dentro de algo”. Logo após temos o pronome demonstrativo “τούτῳ-toutô”, “nisto ou nisso”. Com isto o autor deseja focalizar que o verdadeiro conhecimento do amor começa de dentro “em” o qual visa apontar uma direção predeterminada através do pronome demonstrativo “toutô” nisto.

Há algumas coisas básicas que revelam esse verdadeiro amor disposto por alguém, porém antes do texto revelar quais coisas são essas, João, destaca a expressão “ἐγνώκαμεν - egnôkamen - conhecemos” da raiz de “γινώσκω - ginôskô - eu conheço, conhecer”.

Nesse contexto o conhecimento do amor vai além da teoria, vai além de simples palavras. Este conhecimento do amor é resultado de uma via de mão dupla, conhecer e praticar. Diferente de outras expressões para indicar o amor no texto bíblico, aqui é utilizado o termo “ἀγάπην - agápen” que vem de “ἀγαπάω - agapáô”, “eu amo – amar- amor”.

Este Ágape geralmente é usado no Novo Testamento para indicar o amor de Deus conforme João 3.16. Não é um amor baseado somente em teoria, no Evangelho joanino a teoria é “Deus amou” o resultado prático é “que deu seu filho único”. Essa espécie de amor deve ser a base principal de toda comunidade religiosa, uma base que se dispões pelo bem do próximo.

Após o escritor joanino expressar acerca da necessidade de um profundo conhecimento do amor verdadeiro, caracterizado pela prática, o escritor toma Jesus como o maior exemplo deste amor prático. O texto grego não usa o substantivo masculino “Ἰησοῦς - Iesous”, ou seja, Jesus, e sim consta o pronome demonstrativo “ἐκεῖνος - ekeinos – aquele”, no qual fica subentendido que “aquele” se trata de Jesus.

Depois de fazer o apontamento acerca de quem é o modelo exemplo de amor, o autor revela a prática daquele que amou. Sua prática foi que “ele” deu ou dispôs, a sua vida por nós. O termo grego para denotar vida é marcada pela expressão grega “ψυχή - psiché”, termo que basicamente indica “alma ou vida”. Ao relatar que “aquele” dispôs sua “psiché” pela humanidade, o autor intenta dizer que Jesus ofereceu o bem mais precioso que possuía, o seu próprio “ser e existir”.

O exemplo maior que poderíamos ter disto é seguir seu exemplo: “da mesma forma devemos dispor nossa vida em favor de nossos irmãos”. Isto não indica que irmão seja somente o filho da mesma mãe e pai, e sim todo aquele que estiver ao alcance dessa ajuda. “Ele, porém, querendo justificar-se a si mesmo, disse a Jesus: E quem é o meu próximo?” (Lc 10.29).

No v.17 surge a expressão “βίος - bíos”, esse termo surge 10 vezes no Novo Testamento e basicamente significa “vida” em relação aos bens deste mundo, que é justificada pela expressão seguinte “κόσμος - kósmo” que significa de forma geral “o mundo dos homens”, porém está ligado à ideia de “ordem” no sentido de organização.

O escritor joanino é enfático, se você está com sua vida em ordem neste mundo, no sentido de não ter falta de algo, possuindo recursos “no” mundo, e ver seu irmão pobre e fechar seu coração, como pode nessa pessoa estar o amor de Deus?

Quando o autor expressa “fechar o coração” ele se utiliza das expressões grega “κλείση - kleíse”, do radical “κλείω - kleiô”, que significa “fechar”. Essa expressão vem da mesma raiz grega “κλείς - kleiô”, ou seja, uma “chave” a qual

fecha a porta. Esta expressão “kleíse” está ligada à próxima palavra, ou seja, ao coração, que aqui não traz a ideia comum para indicar o coração humano “καρδία - kardia” e sim se utiliza a expressão “σπλάγχχνον - splágchnon”, termo usado para indicar entranhas. Na cultura grega, quando alguém queria indicar um envolvimento emocional mais profundo que o que afeta o coração, usava a expressão “entranhas”.

As expressões utilizadas no presente versículo fazem jus que esta obra termine com uma interrogação. O cristão que diz que tem o amor “ágape” de Deus permanente dentro de si, porém o seu coração está fechado com uma chave, a ponto de não sentir misericórdia pelo seu próximo, como pode ser verdadeiro este amor? Uma vez que o “ágape” procede de Deus e vem embasado pela fé e prática, não seria isto uma contradição?

O fechamento dos versículos 16 e 17, estão muito bem representados no versículo 18. No presente versículo o autor joanino diz “Filhinhos, não amemos de palavra”. A expressão filhinhos utilizada aqui é “Τεκνία - Teknía” que se diferencia da palavra “υἱός - yíos - filho”. Enquanto “yíos” indica um filho a altura, já capaz de governar todos os bens de seu pai, ao termo “Teknía” indica carinhosamente um filho ainda muito jovem que está em processo de crescimento buscando sua maturidade até se tornar um “yíos”, filho maduro.

Está questões justificam a ideia de que os “filhinhos” em fase de crescimento espiritual, devem aprender a amar os irmãos não somente de “λόγῳ - palavras”, da ideia de “λόγος - logós - palavra”, trazendo a ideia de apenas uma “lógica” teórica sem prática alguma.

O verdadeiro amor também não deve ser de “γλῶσσα - língua”. A língua só deve expressar o que é verdadeiro, de coração e não somente de órgão. Mas devemos amar em verdade e com “ἔργῳ - obras”, uma verdadeira prática que comprova o amor teórico. “Filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas de fato e de verdade”.

Além do termo luz, o amor é um termo importante na carta Joanina e no Quarto Evangelho. Na comunidade Joanina muitos judeus aderem à proposta cristã: samaritanos, estrangeiros, doentes, escravos e livres, bem como uma presença marcante de mulheres, Maria (João 2.1-12;19.25-27), a mulher samaritana (João 4.1-41), Marta (João 11.17-27), Maria de Betânia (João 12. 1-8) e Maria Madalena (João 20.11-18) (NASCIMENTO, 2015, p.148).

Percebe-se que a comunidade Joanina, consegue viver sem exclusão, uma vez que pratica o amor em sua essência e vivencia isto na prática. “Dada à importância do tema amor, que é dedicado fundamentalmente aos discípulos, aos que creem, principalmente nos discursos de despedida de Jesus” (NASCIMENTO, 2015, p.148).

Contudo, a fé em Jesus e o amor transpõem a separação do mestre e seus discípulos. O amor do ser humano por Jesus é, conseqüentemente, uma manifestação do amor que Deus lhe deu na fé. Portanto, o amor daquele que crê é posterior à fé, vem como resultado dela, a pressupõe. Acontece, porém, que a fé se manifesta no amor (NASCIMENTO, 2015, p.150).

Assim como o amor do Pai e o de Jesus, também o amor dos discípulos se manifesta na partilha do que possuem e na entrega de si mesmos no dom. O amor é o fio condutor invisível que tece e dá unidade à comunidade Joanina. Em vista disto não devemos “apresentar um Cristo totalmente espiritualizado, desvinculado das questões humanas e das intrincadas redes políticas, econômicas e socioculturais, que condicionam o existir das pessoas e das comunidades” (NAKANOSE; MARQUES, PRELO).

Ressaltando que o amor dentro da comunidade Joanina promove a inclusão, o auxílio de uns aos outros, pobres, famintos, doentes, marginalizados entre outros. “Não existem fronteiras: os judeus, os estrangeiros, os samaritanos, as mulheres, os escravos, os pobres, os excluídos (cegos, mudos, aleijados e coxos), todos são incluídos e têm a mesma dignidade” (NASCIMENTO, 2015, p.150).

Neste aspecto, do amor exercido pela comunidade Joanina, pode-se deduzir que não houve êxito para que a prosperidade desfrutasse desta harmonia, dessa verdadeira capacidade de amor, visto que não demorou em desfazer-se e na contemporaneidade não surgiu uma comunidade que também tivesse sucesso na promoção efetiva do amor, pregado e exemplificado por Jesus.

4.3 DIREITOS SOCIAIS: EXCLUÍDOS DA ATUALIDADE

Nos dias atuais, o amor comunitário, solidário, social é pouco praticado e estimulado. A solidariedade e a fraternidade somente aparecem quando acontece

uma catástrofe de origem humana ou natural, deixando as pessoas sem condições moral ou financeira para sobreviver, mas dura pouca esta solidariedade, logo é esquecida por outra tragédia recente.

Na sociedade contemporânea há pouca vontade política para encontrar soluções ou estratégias que ajudem a equilibrar e controlar a pobreza e a exclusão social, de maneira que sejam assegurados os direitos fundamentais dos excluídos (COSTA, 2007, p. 107). Também as comunidades cristãs em geral não mostram muito interesse, ou pelo menos preocupação com estas questões. Perdem-se no ritualismo.

Percebe-se no cotidiano a dificuldade de encontrar soluções para a exclusão

Pobreza e a exclusão social não são conceitos perfeitamente iguais, mas são muito próximos. A exclusão social é um fenômeno mais largo que a pobreza, pois dentro dela aparecesse outras manifestações sociais como a marginalização, a participação nula ou precária na vida social e econômica, entre outra (COSTA, 2007, p. 108).

Portanto, a pobreza existe e provoca sofrimento, pois traz consigo a miséria e a fome, entretanto a exclusão pode ocorrer ao ser pobre ou alguma discriminação de raça, de religião, de gênero, entre outros. O que não deixa de ser falta de amor, de não conseguir enxergar o próximo como ser igual a si. Deus se identifica com o pobre e necessitado, Deus assiste os excluídos de perto. O pobre precisa ter voz ativa na sociedade, seu silêncio está preso na garganta em vista do sistema opressor.

[...] o Filho de Deus e o Messias encarnado: ele assume a vocação do Servo de lutar e promover o direito e a justiça para restaurar o reino da vida (Is 42,1-9) e, conseqüentemente, sofre com a perseguição e violência (Is 50,4-11). Morre como a "vítima expiatória" pelo amor ao próximo até o fim (Is 53,10): "Ele é a vítima de expiação pelos nossos pecados; e não só pelos nossos, mas também pelos pecados do mundo inteiro" (2,2). (NAKANOSE; MARQUES, PRELO).

E quando a acumulação de riqueza se torna o sentido absoluto da vida e do sistema sócio-religioso – servir ao dinheiro no culto prático é a morte dos pobres.

Por isso na Bíblia, a oposição entre Deus e o ídolo é sempre entendida como oposição entre o Deus da vida e os deuses da morte (dos pobres). Como diz Guttierrez: “A idolatria é, antes de tudo, um comportamento, uma prática. Por isso a pergunta chave será: A quem se serve de fato? Ao Deus da vida ou a um ídolo de morte?” (GUTTIERREZ, 1990, p. 76.).

Muitos se equivocam em pensar que “Pobreza, doença e esterilidade são considerados sinais do pecado e da maldição de Deus” (NAKANOSE; MARQUES, PRELO). Deus é aquele que se coloca no lugar do pobre e do aflito. Deus sente suas necessidades e seu silêncio, pois Deus é sua voz. Quando se dá direito de resposta ao necessitado também se dá voz a Jesus. O grito do Mestre na cruz foi uma libertação do sistema que oprime o pobre, ele foi desamparado a fim de que a humanidade sofredora tivesse amparo, “Deus meu por que me desamparastes?” isso é uma forma de refletir o grito da vítima oprimida e do excluído que está com seu grito preso na garganta. “O desespero de Jesus na cruz é a expressão mais clara do desespero dos pobres, indefesos e derrotados [...]” (ROSSI, 2017, p. 103).

5 CONCLUSÃO

Este estudo, reconhecidamente, poderia ser explorado em maior profundidade. Entretanto, em razão da complexidade do tema, este projeto não tem por objetivo esgotar o assunto. Uma vez feita a análise acerca do texto bíblico em foco por inúmeros autores, os quais escreveram acerca do que pensam e como interpretam o presente versículo na primeira carta Joanina, o presente trabalho preocupou-se mais em entender o que esses estudiosos pensam sobre o que significa: “Cristo deu a sua vida por nós; e devemos dar a nossa vida pelos irmãos”.

Portanto, houve um esforço em esclarecer que tipo de amor geralmente surge na experiência com o Cristo cósmico, revelado na pessoa de Jesus de Nazaré. Essa experiência não abre espaço para um amor somente teórico bem fundamentado e sim esse amor que revela uma sincera atitude prática. “O ensinamento da carta se fundamenta na palavra e na prática de Jesus de Nazaré, o Jesus humano e histórico” (NAKANOSE; MARQUES, PRELO).

Uma vez estabelecido o fato de que a existência de uma afeição (amor) interior, subjetiva e mais teórica só pode se tornar verdadeira através de ações concretas e palpáveis em favor do próximo, fica em aberto a discussão sobre quais seriam essas ações práticas no que tange à Igreja como um todo e quais passos precisam ser dados para que o amor professado pelos cristãos saia do campo da teoria para a concretização na prática.

Foram analisados os primeiros grupos que fizeram parte do início da comunidade Joanina e como ela foi formada, período em que foi escrito, local provavelmente em Éfeso. Foi observado também o contexto político e social da época. No que diz respeito à autoria da primeira carta Joanina, percebe-se o autor opta pelo anonimato. Alguns acreditam que esse anonimato se deva pelo fato de o autor ser bem conhecido na comunidade, o que dispensa qualquer justificativa do autor em defender sua autoria. A hipótese em relação à escrita que foi adotada e que foi relatada após o Evangelho de João, seria por volta do ano 100.

Portanto, o amor surge como resposta aos direitos sociais dos excluídos, especialmente no momento em que vive o Brasil atualmente. A igreja cristã brasileira tem diante de si um enorme desafio social. Afinal, o país em que ela está inserida é marcado pela desigualdade social. Enquanto existe enorme concentração de renda

entre as pessoas mais ricas, milhares de pessoas vivem abaixo da linha da pobreza, em condições de miséria. Apesar dos avanços nas últimas décadas, o Brasil ainda é um país que apresenta diferença abissal entre ricos e pobres. Mesmo tendo um grande crescimento nas comunidades religiosas, observa-se as fragilidades sociais e o distanciamento do amor que Jesus espera encontrar em um povo que o louva com os lábios, mas que, pelas atitudes, parece estar completamente distante do modelo que ele mesmo, o Autor e Consumador da fé cristã, deixou. Muitos deixaram o amor, apenas no campo do discurso, se esfriar. Com isso se deixaram de ser uma voz profética para a comunidade, falando da parte de Deus, eficiente para trazer solução aos problemas da comunidade, onde as igrejas que representam estão plantadas.

Logicamente, não se pode jogar toda a responsabilidade para as comunidades religiosas existentes. Deve-se também trazer à tona a responsabilidade individual de cada indivíduo que se diz cristão, como parte da Igreja e participante do Corpo de Cristo. Como diz a letra da música: *"If we are the Body"*, da banda gospel americana, Casting Crowns: *"But if we are the body, Why aren't His arms reaching? Why aren't His hands healing? Why aren't His words teaching? And if we are the body Why aren't His feet going? Why is His love not showing them there is a way?"* (Tradução: "Mas se nós somos o corpo, por que os seus braços não estão alcançando? Por que as suas mãos não estão curando? Por que as suas palavras não estão ensinando? E se nós somos o Corpo, por que os seus pés não estão indo? Por que o seu amor não está mostrando a eles que há um caminho?). A Igreja deixa de ser o Corpo de Cristo, se não opera as obras de Cristo.

Nesse processo, duas verdades precisam ser consideradas. Primeiro: a pobreza não é por si só uma virtude espiritual, como sinal de ausência de pecado. Em segundo lugar, a riqueza também não corporifica em si a iniquidade. Ainda que sejamos advertidos para não ajuntar tesouros na terra (Mateus 6.19), ainda que sejamos advertidos sobre os perigos do amor ao dinheiro (1 Timóteo 6.7-10), não se pressupõe que todos os ricos tenham conquistado sua riqueza por meio desonesto. Tanto o rico quanto o pobre carecem da graça de Deus (Provérbios 22.2), e devem ser tratados com equidade (Êxodo 23.3,6). A generalização que toma qualquer pessoa que tenha posses como um inimigo de Deus e da sociedade gera um novo tipo de injustiça. Pode ferir aquele que, pelo seu trabalho, se preocupa em gerar recursos para si e para os outros. De igual forma, a generalização que toma todos

os pobres como vítimas inocentes pode conceder validação para estilos de vida nocivos, perdulários e daninhos. Há que se manter o equilíbrio na perspectiva. Toda visão míope da realidade incorre em injustiça social. Não obstante, os pobres precisam de maior proteção, porquanto se encontram em situação de maior vulnerabilidade econômica.

Daí porque as Escrituras vão reiteradamente alertar para os perigos da opressão sobre aqueles que se encontram em situação de pobreza e contra a injustiça. É que as igrejas cristãs deveriam ser exemplo de amor, canteiros de amor comunitário, solidário e social. Para que a sua mensagem se torne relevante, é necessário atender ao próximo em suas necessidades primárias, chegando até mesmo a ser uma voz profética alçada em favor dos explorados e excluídos contra as injustiças, o acúmulo abusivo, o monopólio de bens e recursos nas mãos de grupos elitizados e as violências embutidas nesses processos.

Não se deve fechar os olhos à verdade de que o pobre pouco pode fazer em defesa de seus direitos e é mais suscetível à necessidade de ajuda externa, pelo menos para começar a superar a situação existencial que o levou à pobreza. A igreja de Cristo se torna relevante na mesma proporção em que começa a ir além do discurso piedoso e passa a praticar o amor no mesmo exemplo de Jesus Cristo e visto no início da Comunidade Joanina, deixando de lado a sua zona de conforto e se movendo em direção aos mais necessitados.

Espera-se que este estudo contribua para uma reflexão nítida sobre o verdadeiro amor ao próximo, conforme os ensinamentos e o exemplo pessoal de Jesus. O objetivo desta obra é despertar à ação, ao engajamento social por parte da Igreja de Cristo, fazer essa necessidade divulgada e conhecida, para que a Igreja volte a ter significância profética diante da comunidade, para que o amor prático e não apenas teórico ou emocional vença cada vez mais a injustiça social que produz tantas desigualdades e exclusões entre os homens.

Cintra ressalta que: “A população brasileira busca, por meio de uma série de dispositivos, demonstrar ao Estado e a sociedade burguesa a situação de precariedade e exclusão social que afeta grande parcela empobrecida”. (Cintra *et al*, 2017, p. 85)

Vale ressaltar que as desigualdades sociais e a exclusão produzem outros inúmeros problemas sociais que passam a fazer parte do cotidiano das pessoas, requerendo das políticas públicas ações corretivas que seriam desnecessárias se

houvesse maior trabalho preventivo contra as mais variadas formas de miséria e pobreza encontradas entre a população menos favorecida. A justiça social é mais eficaz que a repressão do mal já instalado em decorrência da desigualdade social.

REFERÊNCIAS

_____. **PAÍS ESTAGNADO, Um retrato das desigualdades brasileiras.** São Paulo. Oxfam Brasil. Nov., 2018- Disponível em: < https://www.oxfam.org.br/sites/default/files/arquivos/relatorio_desigualdade_2018_pa_is_estagnado_digital.pdf?utm_source=site&utm_medium=social&utm_campaign=relatorio_download&utm_content=visitantes-site&utm_term=botao_botao-download_cpc_download-relatorio_baixe >. Acesso em: 11 fev. 2019.

ALMEIDA, Maria A de A. **Eu sou a luz do mundo:** um estudo do significado do termo luz em João 9,1-14. (2008).

ALMEIDA, Maria Aparecida de Andrade. **Rofeta e Luz: Categorias intercambiáveis para consolidar a identidade de Jesus na literatura Joanina.** Dissert. Mestrado. Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo - SP. Disponível em <<http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/265/1/Maria%20Almeida.pdf>>. Acesso em 10. fev. 2019.

ARENS, Eduardo. **Ásia Menor nos tempos de Paulo, Lucas e João.** São Paulo: Paulus, 1997.

ARENS, Eduardo; MATEOS, Manuel Dias. **O Apocalipse a força da esperança, estudo, leitura e comentário.** Tradução: Mario Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2004.

ASSMANN, Hugo. **Teologia desde la praxis de la liberación: ensayo teológico desde la América dependiente.** 2ª. Ed. Salamanca: Sígueme, 1976.

BARBAGLIO, Giuseppe. **As Carta de Paulo (I).** São Paulo: Loyola, 1989.

BEUTLER, Johannes. **Evangelho segundo João:** comentário. Tradução: Johan Konings, SJ, São Paulo, Ed. Loyola, 2015.

BIBLEWORKS 10: **Software for Biblical Exegesis and Research.** Norfolk: Bibleworks, LLC, 2010.

BÍBLIA DE ESTUDO. **Palavras-chave Hebraico e Grego.** 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. **Nova edição, revista e ampliada.** São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA, Português. A Bíblia Sagrada: **Antigo e Novo Testamento.** Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil, 1969.

BORTOLINI, J. **Como ler o Evangelho de João: O caminho da vida.** 1º ed. São Paulo: Paulus, 1994.

BORTOLINI, José; BAZAGLIA, Paulo. **Como ler as Cartas de João: quem ama nasceu de Deus e conhece a Deus.** 1. ed. São Paulo: Paulus, 2001.

BROWN e COLLINS. Canonicidade. Em: BROWN, Raymond. E.; FITZMYER, Joseph. A.; MURPHY, Roland. E. (Eds.). **Novo comentário bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos.** Trad. Celso Eronides Fernandes. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2011, pág. 817-. 835.

BROWN, E Raymond. **El Evangelio y las cartas de Juan.** Bilbao: Descleé de Brouwer, 2010.

BROWN, Raymond Edward. **A Comunidade do Discípulo Amado.** São Paulo: Paulus, 1999.

BROWN, Raymond Edward. **Introducción al Nuevo Testamento. I. Cuestiones preliminares, avangelios y obras conexas.** Traducción de Antonio Piñero, Madrid: Editora Trotta, 2002.

BROWN; OSIEK; PERKING. Canonicidade. Em: BROWN, Raymond. E.; FITZMYER, Joseph. A.; MURPHY, Roland. E. (Eds.). **Novo comentário bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos.** Trad. Celso Eronides Fernandes. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2011, pag. 1491-1592.

BRUCE, F. F. **João - Introdução e Comentário,** 2ª ed. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1987.

BULTMANN, Rudolf. **Teologia do Novo Testamento.** Tradução de Ilson Kayser. Revisão: Nélio Schneider. Santo André: Academia Cristã, 2008.

CAPOSSA, Romão Felisberto J. **A mulher na comunidade do discípulo amado e sua dinâmica evangelizadora a partir de João 4,1-43, tendo em conta os aspectos sociais, políticos, econômicos e religiosos.** (2006).

CARNEIRO, Marcelo. **Introdução as Epístolas de João.** São Paulo: SBB, 2018, p. 1179-1182.

CARSON, D. A. **O Comentário de João.** São Paulo: Shedd Publicações, 2007.

CARSON, D. A. y DOUGLAS J. MOO. **Una introducción al Nuevo Testamento.** Trad. Dorcas González Bataller y Pedro Luís Gómez Flores. Colección Teológica Contemporánea 27. Viladecavalles (Barcelona): Editorial CLIE, 2005.

CARSON, D. A., Douglas J. Moo e Leon Morris. **Introdução ao Novo Testamento.** Traduzido por Márcio L. Redondo. São Paulo: Vida Nova, 1997.

CASALEGNO, A. **Para que contemplem a minha glória (Jo 17,24).** São Paulo: Loyola, 2009.

CHAMPLIN, R. N. **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo.** Vol 6. São Paulo: Editora Hagnos, 2002.

CHARPENTIER, Etienne. **Para ler o Novo Testamento.** São Paulo: Loyola, 1992.

CHIARELLO, Valmir. **Marginalizados no Quarto Evangelho: da ação da Jesus à missão da Igreja na América Latina.** (2008) Dissert. Mestrado. Faculdade Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/5816/1/410368.pdf> Acesso em: 09 de Fev. 2019.

COELHO, A.; DANIEL, S. **Fé e obras:** ensinos de Tiago para uma vida cristã autêntica. Rio de Janeiro: CPAD, 2014, p. 92.
Como privilégios e poderes exercidos sobre a economia geram Situações de desigualdade extrema e como esse quadro pode ser revertido. 18 DE JANEIRO DE 2016. Disponível em: <<https://www.oxfam.org.br/sites/default/files/arquivos/Informe%20Oxfam%2010%20-%20A%20Economia%20para%20o%20um%20por%20cento%20-%20Janeiro%202016%20-%20Relato%CC%81rio%20Completo.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

COSTA, Marli M. **A efetivação dos direitos fundamentais dos excluídos sociais como pressuposto de cidadania.** NEJ, vol., 12, n.1, p.107-118 jan-jun, 2007.

Disponível em: <<http://www.sisiap23.univali.br>> Acesso em: 05 de Fev. 2019.

DOCUMENTO INFORMATIVO DA OXFAM 210. Uma economia para o 1%

DODD, C. H. **A Interpretação Do Quarto Evangelho.** São Paulo: Editora Teológica, 2003.

FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. **Os evangelhos (II).** São Paulo: Loyola, 1992.
GASS, Ildo Bohn. **Uma introdução à Bíblia: As comunidades Cristãs a partir da 2º Geração.** São Leopoldo/RS: Cebi/Paulus, 2016.

GEORGES, Rafael. **A DISTÂNCIA QUE NOS UNE, um retrato das desigualdades brasileiras.** São Paulo. Oxfam Brasil. Set, 2017- Disponível em: <
<https://www.oxfam.org.br/publicacoes/a-distancia-que-nos-une-um-retrato-das-desigualdades-brasileiras>>. Acesso em: 10 out. 2018.

GINGRICH. F. Wilbur e DANKER. W. **Frederick. Léxico do Novo Testamento Grego / Português.** São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1993.

GOMES, Paulo S.; OLIVETTI, Odayr (trad.). **Novo Testamento Interlinear Analítico Grego-Português – Texto Majoritário com Aparato Crítico.** São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

GUEDES, Ivan Pereira. **Carta de Plínio, o Moço ao Imperador Trajano sobre os Cristãos,** 2016- Disponível em: <
<http://historiologiaprotestante.blogspot.com/2016/12/carta-de-plinio-o-moco-ao-imperador.html>>. Acesso em: 14 fev. 2019.

GUIMARÃES FURQUIM SIMONE. **Dissertação de Mestrado,** 2011. Disponível em:
http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/246/1/Guimaraes_sf_tmp172.pdf, p. 18. Acesso em: 01 fev.2019.

GUNDRY, Robert H. **Panorama do Novo Testamento.** 2ª edição. São Paulo: Vida Nova, 1998.

GUTIERREZ, Gustavo. **Teologia da Libertação: perspectivas**. São Paulo: Loyola, 1990.

HALE, Broadus David. **Introdução ao estudo do Novo Testamento**. Tradução de Cláudio Vital de Souza. Rio de Janeiro: Editora Juerp, 1983.

Harrison, Everett F. **introducción al nuevo testamento**. Michigan: TELL, 1980.

HÖRSTER, Gerhard. **Introdução e Síntese do Novo Testamento**. 1ªed. Curitiba-PR: Editora Esperança, 1996.

JEREMIAS, Joaquim. **Jerusalém no tempo de Jesus: pesquisas de história econômico social no período neotestamentário**. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2010.

JESUS, Jorge Martins. **O cristianismo mediterrâneo do século I: uma aproximação**. Protestantismo em Revista. | São Leopoldo | v. 34 | p. 160-178 | maio/ago. 2014 Disponível em: < <http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp>>. Acesso em: 17 fev. 2018.

KEENER, Craig S. **Comentário Bíblico Atos: Novo Testamento**. Belo Horizonte: Atos, 2004.

KISTEMAKER, Simon, J. **Comentário do Novo Testamento. Tiago e Epístolas de João**. 1. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

KONINGS, Johan. **Evangelho segundo João: amor e fidelidade**. São Paulo: Loyola, 2005.

KÖSTER, Helmut. **Introducción al Nuevo testamento**. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1988.

KÜMMEL, Werner Georg. **Síntese Teológica do Novo Testamento, de acordo com as testemunhas principais: Jesus, Paulo, João**. São Paulo: Teológica, 2003.
LÉON, Domingo Muñoz, **Comentários à la Nueva Bíblia de Jerusalém, Cartas de Juan**. Urdúliz-España: Desclée de Brouwer, 2010.

LOHSE, Eduardo. **Introdução ao Novo Testamento**. São Leopoldo: Sinodal, 1980.

LOPES, Augustus Nicodemus. **Interpretando o Novo Testamento, Primeira Carta de João**. São Paulo: Cultura Cristã, 2005.

LOPES, Hernandes Dias. **1, 2, 3 João, como ter garantia da salvação**. São Paulo: Hagnos, 2010.

LOPES, Mercedes. **Quem ama se torna luz, primeira Carta de João**: São Leopoldo/RS: Cebi, 2018.

LOURENÇO, Antônio. **As sete Carta do Apocalipse**. Santa Catarina: Nova Letra, 2018.

MACARTHUR, John. **João. Jesus - O Verbo, Messias, Filho de Deus**. São Paulo: Cultura Cristã, 2011. (Na pág 42 está o ano 2000 porém é 2011).

MARSHALL, I. Howard. **Teologia do Novo Testamento**: diversos testemunhos, um só evangelho. São Paulo: Vida Nova, 2007.

MAZZAROLO, I. **Apocalipse, esoterismo, profecia ou resistência?** Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 2000.

MAZZAROLO, Isidoro. **Lucas em João**: Uma nova leitura dos evangelhos. 1º ed. Porto Alegre: Mazzarolo Editor, 2000.

MEEKS, Wayne A. **Los Primeros Cristianos Urbanos**: El mundo social del apóstol Pablo. Salamanca (Ep): Ediciones Sigúeme, 1988.

MESTERS, Carlos; OROFINO, Francisco. **O amor em defesa da vida, a 1º Carta de João**. São Leopoldo/RS: Cebi, 2018.

NAKANOSE, Shigeyuki; MARQUES, Maria Antonia, **Prelo**. São Paulo: Paulus, 2019.

NASCIMENTO, Claudiomiro. **IGREJA CATÓLICA E A LUTA PELA REFORMA AGRÁRIA NO BRASIL. (2010)**, *Diálogos – Revista do Departamento de História a do Programa de Pós-graduação em História*. Disponível em:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305526880008>>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2019. p. 175-196.

NASCIMENTO, Douglas. **A compreensão da comunidade Joanina em Raymond e Brown.** (2015), Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. RJ. Disponível em: < <http://www.puc.rio.br> > Acesso em: 04 de Fev 2019.

NESTLE-ALAND. **Novum Testamentum Graece.** Editado por Barbara e Kurt Aland et alii. 28. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.

NOBREGA, Daniele C. Os segmentos e os movimentos sociais: a perspectiva dos beneficiários do programa bolsa família. **Revista do laboratório de estudos da violência da UNESP**; Marília. Disponível em: <<http://www.revistas.marília.unesp.br>> Acesso em: 06 de fev. 2019.

NOGUEIRA, Paulo. **Introdução ao Apocalipse de João.** São Paulo: SBB, 2018, p. 1195-1197.

PABLO, Richard. Los diversos orígenes del cristianismo. Una visión de conjunto (30 - 70 d.C.). In: **RIBLA -Revista de interpretación Bíblica Latinoamericana.** n. 22, Cristianismos Originarios (30-70 d.C). QUITO, ECUADOR, 1996.

Consejo Latino Americano de Iglesias - CLAI- Centro de documentário, p. 10,13

PADILLA, C. René. **O que é Missão Integral?** Viçosa: Ultimato, 2009.

PAPA FRANCISCO. **Evangelii gaudium.** Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2013.

PERKINS. Evangelho Segundo João. Em: BROWN, Raymond. E.; FITZMYER, Joseph. A.; MURPHY, Roland. E. (Eds.). **Novo comentário bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos.** Trad. Celso Eronides Fernandes. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2011, pág. 738.

PNUD. 2017. **“Relatório de Desenvolvimento Humano 2016.”**

PROFESORES DE SALAMANCA: **Bíblia comentada: Texto de la Nacar-Colunga VII (último) Epístolas católicas. Apocalipsis por:** JOSÉ, Salguero. Índices generales de los siete volúmenes por: Maximiliano, García Cordero. Madrid: Salamanca, 1965.

QUEIRUGA, Andrés Torres. **Fim do cristianismo pré-moderno: desafios para um novo horizonte.** São Paulo: Paulus, 2003.

RICHARDS, Lawrence O. **Comentário Histórico-Cultural do Novo Testamento.** Tradução de Degmar Ribas Júnior. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

ROSSI, L.A.S. **A origem do sofrimento do pobre**, teologia e antiteologia no livro de Jó. São Paulo: Paulus, 2017.

ROSSI, L.A.S.; DIETRICH, L.J. **Bíblia, Comunicação de Deus em linguagem humana**. São Paulo: Paulus, 2017.

RUSCONI, Carlo. **Dicionário do Grego do Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 2003.

SCHNACKENBURG, Rudolf. **El Evangelio Según San Juan**. 3 vols. Barcelona: Herder, 1980.

SCHOLZ, Vilson. **Dicionário grego-português do Novo Testamento**. São Paulo: SBB, 2018.

SLAVADOR, Evilásio. **INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. O novo mapa da desigualdade brasileira**. Disponível em: <(Fonte: <http://www.ihu.unisinos.br/563457-o-novo-mapa-da-desigualdade-brasileira>)>. Acesso em: 17 mar. 2019.

STAMBAUGH, John E.; BALCH, David L. **O Novo Testamento em seu ambiente social**. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1996.

STOTT, John R.W. **I, II, III João – Introdução e Comentário**, Vida Nova. São Paulo, Ano de Edição 1982.

SUNG, Jung Mo. **Idolatria do dinheiro e direitos humanos**: uma crítica teológica do novo mito do capitalismo. São Paulo: Paulus, 2018.

TENNEY, Merrill C. **O Novo Testamento, sua origem e análise**. São Paulo: **SHEDD PUBLICAÇÕES** - Vida Nova, 1995.

TUÑI, Josep-Oriol; ALEGRE, Xavier. **Escritos Joáninos y Cartas Católicas**. Estella (Navarra): Verbo Divino, 1995.

VEIGA, Daniel Soares. **Era a comunidade Joanina um grupo sectário**: um enigma a ser desvendado. Revista mundo antigo, ano, V, v.5, n, 10, junho 2016. Disponível em: <<http://www.nehmaat.uff.br>> Acesso em: 04 de fev. 2019.

VERMES, Geza. **As várias Faces de Jesus**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

VIELHAUER, Philipp. **História da Literatura Cristã Primitiva**: Introdução ao Novo Testamento, aos Apócrifos e aos Pais Apostólicos. Tradução: Ilson Kayser. São Paulo: Academia Cristã, 2005.

WILFRED, Felix. Evangelii gaudium – Reflections from Asia. **Zeitschrift für Missionswissenschaft und Religionswissenschaft**, 2014, pg. 138 – 141.

WITHERINGTON III, Ben. **História e Histórias do Novo Testamento**. Tradução: Lucília Marques Pereira da Silva. São Paulo: Vida Nova, 2005.

YARBROUGH, Robert W. **1–3 John - Baker Exegetical Commentary on the New Testament**. Grand Rapids, MI: Published by Baker Academic, 2008.